

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula

**ANÁLISE DE CATEGORIAS
DE MARCAS DE USO
EM DICIONÁRIOS**

Dissertação de Mestrado

RENÉ G. STREHLER

Orientadora:
PROFESSORA DR^a ENILDE FAULSTICH

Brasília, maio de 1997

RENÉ G. STREHLER

ANÁLISE DE CATEGORIAS DE MARCAS DE USO EM DICIONÁRIOS

Dissertação de Mestrado

Dissertação submetida ao Departamento de
Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula, do
Instituto de Letras da Universidade de Brasília,
como parte dos requisitos para a obtenção do
Grau de Mestre em Linguística.

Banca examinadora:

Professora Dr^a Enilde Faulstich
(Orientadora da Dissertação e Presidente da Banca)

Professora Dr^a Maria Tereza Biderman
(Membro da Banca)

Professor Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues
(Membro da Banca)

Professor Dr Hildo Honório do Couto
(Membro Suplente da Banca)

Sans l'aide du professeur *Dr Enilde Faulstich* ce travail n'aurait pu se réaliser. Ses indications nous étaient toujours très utiles, non seulement pour améliorer le contenu, mais aussi pour perfectionner la forme.

Merci!

Je tiens aussi à remercier *Raimunda Araújo Lucena*. Elle en connaît bien les raisons.

Merci!

ÍNDICE

| | |
|----------------|------|
| RESUMO | vii |
| ABSTRACT | viii |

Capítulo um

| | |
|---------------------------|----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 1 |
|---------------------------|----------|

Capítulo dois

| | |
|--|----------|
| 2 VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA NO DICIONÁRIO | 4 |
| 2. 1 Conceitos lingüísticos básicos: revisão | 4 |
| 2. 1. 1 Língua - fala | 4 |
| 2. 1. 2 A norma lingüística | 5 |
| 2. 1. 3 A norma lexical | 7 |
| 2. 1. 4 A norma dicionarística | 9 |
| 2. 1. 5 A variação marcada no discurso lexicográfico | 11 |

Capítulo três

| | |
|---|-----------|
| 3 AS MARCAS DE USO NOS DICIONÁRIOS | 14 |
| 3. 1 Observações gerais | 14 |
| 3. 1. 1 As marcas de uso no <i>Novo Dicionário Aurélio</i> , 1986 | 15 |
| 3. 1. 2 As marcas de uso no <i>Petit Robert</i> , 1991 | 20 |
| 3. 1. 3 As marcas de uso no <i>Deutsches Universalwörterbuch</i> , 1983 ... | 26 |

Capítulo quatro

| | |
|---|-----------|
| 4 AS CATEGORIAS DE MARCAS DE USO | 33 |
| 4. 1 Categorias empregadas pelos dicionários | 34 |
| 4. 1. 1 As categorias empregadas no <i>Petit Robert</i> | 34 |
| 4. 1. 2 As categorias empregadas no <i>Deutsches Universalwörterbuch</i> .. | 37 |
| 4. 1. 3 As categorias empregadas no <i>Novo Dicionário Aurélio</i> | 40 |
| 4. 2 Exame de categorias de marcas de uso | 41 |
| 4. 2. 1 As marcas geográficas | 42 |
| 4. 2. 2 As marcas estilísticas | 53 |
| 4. 2. 3 As marcas temporais | 55 |
| 4. 2. 4 As marcas de frequência | 59 |
| 4. 2. 5 As marcas de linguagens de especialidade | 61 |
| 4. 2. 6 As marcas de avaliação | 65 |
| 4. 3 Mais categorias? | 68 |

Capítulo cinco

| | |
|---|-----------|
| 5 CATEGORIAS DE MARCAS DE USO PARA UM DICIONÁRIO BRASILEIRO - UMA PROPOSTA | 71 |
| 5. 1 Observações preliminares | 71 |
| 5. 2 As categorias propostas | 72 |
| 5. 2. 1 Marcas geográficas | 74 |
| 5. 2. 2 Marcas estilísticas | 75 |
| 5. 2. 3 Marcas temporais | 78 |
| 5. 2. 4 Marcas de frequência | 79 |
| 5. 2. 5 Marcas de linguagens de especialidade | 80 |
| 5. 2. 6 Marcas de avaliação | 82 |
| 5. 2. 7 Fatos lexicais sem marcas: o caso dos anglicismos, das marcas registradas e das recomendações oficiais | 83 |
| 5. 3 Quadro resumitivo | 83 |
| 5. 4 Ilustração da proposta | 85 |

Capítulo seis

| | |
|-------------------------------------|-----------|
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 88 |
|-------------------------------------|-----------|

Anexos

| | |
|--|-----|
| 7 LISTA DOS VERBETES PORTUGUESES | 92 |
| 8 LISTA DOS VERBETES FRANCESES | 97 |
| 9 LISTA DOS VERBETES ALEMÃES | 104 |
| 10 BIBLIOGRAFIA | 109 |

RESUMO

Nesta dissertação analisam-se diferentes aspectos das marcas de uso no discurso dicionarístico de três obras. A análise seguiu parâmetros de descrição das línguas portuguesa, francesa e alemã estritamente relacionada às marcas de uso lexicográficas. Demonstra-se como as marcas se inserem nos verbetes dos dicionários *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (NDA), *Le Petit Robert I* (PR) e *Duden Deutsches Universalwörterbuch* (DUW) e como a posição das marcas num verbete pode variar, caso elas sejam válidas para uma única acepção ou para várias. Os verbetes em cada obra estruturam-se de maneira diferenciada, porém esse fato tem pouca influência sobre a posição que as marcas ocupam. As marcas de uso são ferramenta adequada para tratar a variação lingüística no discurso lexicográfico. Assim, as marcas estudadas são reagrupadas de acordo com o do tipo de variação marcada. Em função da análise, encontram-se as seguintes categorias: i) marcas geográficas, ii) marcas estilísticas, iii) marcas temporais, iv) marcas de frequência, v) marcas de linguagens de especialidade e vi) marcas de avaliação. O exame das categorias de marcas serve para elaborar uma proposta para um dicionário brasileiro. A proposta mostra que o inventário de marcas em cada categoria está condicionado pelo programa que o lexicógrafo criou para a redação do dicionário. Assim, as marcas selecionadas procuram refletir a norma ou as normas de cada um dos universos lingüísticos em questão. A proposta por nós sugerida, com base em análise contrastiva de verbetes, pretende oferecer subsídios para a constituição de uma macroestrutura lexicográfica mais consistente.

ABSTRACT

This paper seeks to study the different aspects of usage markers in three lexicographic works. The analysis follows specifically lexicographic usage markers in Portuguese, French and German. It indicates how these markers are positioned in the articles of the *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (NDA), *Le Petit Robert 1* (PR) and *Duden Deutsches Universalwörterbuch* (DUW), and how the position of these markers in an article can vary according to their applicability to a particular or various acceptations. The varied structuring of articles has nevertheless very little influence on the positioning of markers. Usage markers can be considered an effective tool to study linguistic variation in lexicographic discourse. The markers selected therefore have been regrouped according to the type of variation established. The following categories have thus been drawn up: (i) geographical markers (ii) stylistic markers (iii) temporality markers (iv) event markers (v) specialist language markers (vi) opinion/judgement markers. An examination of categories and their respective markers serves to outline the proposal for a Brazilian dictionary. The outline proposal illustrates that the inventory of markers in each category is developed according to the lexicographer's plan for writing the dictionary. The markers selected reflect the standard or standards of the linguistic worlds being studied. The outline proposal that has been suggested is based upon contrastive analysis of articles and seeks to present subcategories for the creation of a more complete lexicographic macro-structure.

CAPÍTULO UM

1. INTRODUÇÃO

Numa perspectiva bastante ingênua, imagina-se que um dicionário é documento de consulta unicamente para saber o sentido de uma palavra, a maneira correta de escrevê-la, a acepção apresentada pelos lexicógrafos, além de algumas informações gramaticais básicas. O dicionário, no entanto, dá outras importantes informações, como as marcas de uso, assunto desta dissertação.

As marcas de uso estão estritamente ligadas à variação que a língua sofre no tempo, no espaço e em contextos de usos especializados. Mas o conceito de variação, sobretudo em relação a dicionários, implica uma reflexão sobre um certo número de conceitos correlatos que serão revistos no adiante.

Para fins de fundamentação, dividiu-se o conteúdo da dissertação em seis capítulos e três anexos. No capítulo um, apresenta-se a introdução. No capítulo dois, faz-se uma reflexão sobre os conceitos de *língua*, *norma*, *variação*, bem como as primeiras reflexões sobre marcas de uso.

No capítulo três, analisam-se as marcas de uso em três dicionários. Optou-se para trabalhar unicamente com dicionários de língua geral, um de português, um de

francês e um de alemão¹. Os dicionários selecionados são, por conseguinte, o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, doravante **NDA**, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, segunda edição, impresso pela Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1986. O *Le Petit Robert I* (**PR**) da editora Dictionnaires Le Robert, Paris, 1991, e o *Duden Deutsches Universalwörterbuch* (**DUW**), editado pela Dudenverlag, Mannheim, Viena e Zurique, de 1983.

Para analisar as marcas de uso nos três dicionários, elaborou-se um corpus com verbetes retirados aleatoriamente de cada um dos dicionários. A única regra de base para a seleção dos verbetes foi a presença das marcas de uso lexicográficas em cada um deles. Dessa maneira, obteve-se um corpus em português com 86 verbetes, um corpus em francês com 98 verbetes e um corpus em alemão com 84 verbetes. Por causa da repetitividade das estruturas dos verbetes, considerou-se que a quantidade de dados do corpus é suficiente. Os três grupos de dados figuram anexos a este trabalho.

Ainda no terceiro capítulo, examinam-se os aspectos formais das marcas de uso, a maneira como elas são inseridas nos verbetes dos três dicionários, a posição ocupada por uma ou mais marcas e como podem ser acumuladas nos NDA, PR e DUW.

No quarto capítulo, comenta-se como os dicionários apresentam as marcas de uso nas respectivas introduções e como as categorizam.

No quinto capítulo, apresentam-se i) os resultados da análise lingüística sobre o emprego das marcas de uso nos dicionários NDA, PR e DUW e ii) uma proposta de categorias e marcas a serem utilizadas num dicionário brasileiro de língua portuguesa. Ao longo do capítulo, aparecem freqüentemente comparações com o NDA, o que se

¹ O autor desta dissertação foi escolarizado em alemão, concluiu o segundo grau em francês, língua na qual fez também uma graduação, e há 7 anos é residente no Brasil, onde aprendeu o português.

explica pelo fato de que é o grande dicionário brasileiro de língua portuguesa, o mais recente e o que registra abundantemente marcas de uso. Estas características, por sua vez, permitem utilizar o NDA como um laboratório para analisar a adequada sistematização das marcas de uso em seu texto lexicográfico. Assim, no final deste capítulo, apresentam-se verbetes do NDA ao lado dos quais figuram os mesmos modificados, em função da nossa proposta. Este procedimento permite ver com nitidez as implicações práticas do emprego das marcas no discurso lexicográfico.

Ainda compõem partes desta dissertação o capítulo seis que comporta as considerações finais. Em seguida, anexam-se listas de verbetes retirados dos dicionários NDA, PR e DUW e, por fim, a bibliografia.

As marcas de uso são ferramenta básica para tratar a variação lingüística nos dicionários. No entanto, constatou-se que o assunto é pouco estudado: não foram encontrados trabalhos em português e só alguns em francês e em espanhol, como pode ser observado na bibliografia final. Na verdade, as poucas informações encontradas sobre marcas de uso estão integradas em estudos sobre a variação lingüística. Assim sendo, partir de uma análise sistemática das marcas de uso para chegar a uma proposta de emprego dessas marcas nos dicionários de língua portuguesa, parece uma tarefa bastante original.

CAPÍTULO DOIS

2 VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA NO DICIONÁRIO

Examinar o emprego de marcas de uso em dicionários exige que os conceitos de *língua*, *norma* e *variação* sejam revisitados.

2. 1 Conceitos lingüísticos básicos: revisão

2. 1. 1 Língua - fala

Em termos bastante gerais, pode-se definir língua como um instrumento de comunicação de uma comunidade. Por sua vez, Saussure (1978), que distingue *língua* de *fala*, declara que língua:

“C’est à la fois un produit social de la faculté du langage et un ensemble de conventions nécessaires, adoptées par le corps social pour permettre l’exercice de cette faculté chez l’individu.” (p. 25)

E prossegue:

Si nous pouvions embrasser la somme des images verbales emmagasinées chez tous les individus, nous toucherions le lien social qui constitue la langue. C’est un trésor déposé par la pratique de la parole dans les sujets appartenant à une même communauté, un système grammatical existant virtuellement dans chaque cerveau, ou plus exactement dans les cerveaux d’un ensemble d’individus; car la langue n’est complète dans aucun, elle n’existe parfaitement que dans la masse.” (p. 30)

No pensamento de Saussure (cf. p. 32) fica evidente que a língua é “de natureza homogênea” e que é “um sistema de signos”, enquanto a fala é um “ato individual de vontade e inteligência”.

Um outro conceito que merece ser revisto, à luz do conceito de língua, é o de dialeto. Saussure (264) afirma que

“il y a entre les dialectes et les langues une différence de qualité et non de nature” e mais adiante completa: “Il est difficile de dire en quoi consiste la différence entre une langue et un dialecte. Souvent un dialecte porte le nom de langue parce qu’il a produit une littérature. [...] Dans les conditions idéales que nous avons supposées, on ne peut pas plus établir de frontières entre langues parentes qu’entre dialectes; l’étendue du terroir est indifférente.” (p. 278).

O lexicógrafo já trabalha sobre as distinções acima estabelecidas. Para ele, o problema é saber em que medida palavras ou acepções dialetais podem entrar num dicionário de língua geral.

No caso de línguas como português, francês ou alemão, que têm uma extensão territorial significativa, a natureza homogênea da língua sofre certas restrições. Efetivamente há influência recíproca entre língua e fala, esta última pode ser bastante diferente entre dois indivíduos originários de regiões distantes, de diferentes classes sociais ou idade.

Na lexicografia, este fato significa interrogar de que maneira se pode observar a variação no léxico e que tratamento ela deve receber num dicionário. A variação está, portanto, diretamente correlacionada ao conceito de *norma*.

2. 1. 2 A norma lingüística

No artigo *Sistema, norma y habla*, Coseriu (1973) discute a noção de norma em relação à dicotomia saussuriana de *langue e parole*.

O sistema, a língua a um nível sincrônico, permite à fala certas realizações que normalmente não acontecem na praxe. Coseriu explica este fato pela existência da

norma que se interpõe entre o sistema e a fala. Estrangeiros ou crianças, em via de aquisição, produzem justamente certas sentenças que correspondem às possibilidades do sistema, mas que não correspondem à norma. A um nível morfossintático, Coseriu (p. 76) ilustra este fato com o plural dos substantivos franceses em “-al”. Para a grande maioria dos substantivos desta categoria, o plural se realiza “-al” → “-aux”, como em “cheval/chevaux”. Assim pode-se produzir “carnaval” → “carnavaux”, em vez do “carnavals” requerido. O emprego de “carnavaux” é possibilitado pelo sistema, mas testemunha, no dizer de Coseriu, um domínio imperfeito da norma.

A norma lingüística seleciona uma possibilidade quando o sistema oferece duas ou mais; enquanto o sistema lingüístico é de caráter consultivo, já que nele existem todas as possibilidades de realização de uma língua, a norma é de natureza impositiva, porque seleciona uma possibilidade de uso de acordo com a comunidade. Efetivamente, o brasileiro do Norte sabe que não fala da mesma maneira que o do Sudeste e nem como o português, e vice-versa. A propósito, mostra Coseriu que não se pode falar de uma norma única, quando afirma que:

“Naturalmente, en el paso de una norma a otra hay un momento en el que la norma es incierta, sobre todo si queremos comprobarla en todo un idioma: en realidad, hay varias normas parciales (sociales, regionales), dado que la norma, por su misma índole, es siempre menos general que el sistema.” (p. 77)

Assim, o conceito de norma fica indissociável do de variação lingüística e é mesmo o conceito de norma que permite a descrição de variantes. Corrobora esta afirmação o seguinte pensamento de Coseriu:

“Por lo que concierne a la norma, o sea, a la realización normal del sistema, se compruebe que , aquí también, entre las variantes admitidas por el sistema, tanto desde el punto de vista significativo como desde el punto de vista formal, una suele ser la normal, mientras que las demás, o resultan anormales, o tienen un determinado valor estilístico.” (p. 86).

Nesta citação fica demonstrada a dimensão socio-cultural da norma. Se há diferentes normas, regionais ou sociais, por exemplo, o locutor pode recorrer a elas em

diferentes momentos de comunicação. Empregar a norma portuguesa em Portugal é normal, mas não no Brasil. Aqui a norma portuguesa tem um valor específico, como o teria também o emprego de um regionalismo do Rio Grande do Sul em uma cidade do Norte do Brasil.

Decorrente destas observações, vê-se que a norma de Coseriu está ligada a uma comunidade lingüística e esta comunidade lingüística pode ser delimitada de várias maneiras, em nível social ou regional, por exemplo.

Cabe ainda mencionar que a norma implica para Coseriu a oposição *normal* vs. *anormal*, isto é, ele insiste em que a *norma normal* é anterior à codificação da língua, ou seja, à “norma correta”. Este último tipo de norma implica a oposição *correto* vs. *incorreto*. A norma correta então não é mais o fruto de uma observação, mas de precisões, por meio de regras prescritivas de parte de instituições oficiais.

2. 1. 3 A norma lexical

A noção de *norma lexical* é uma redução em relação à norma lingüística, uma vez que esta última diz respeito igualmente à fonética, à sintaxe e à morfologia. Outrossim deve-se ver que a referida noção é semelhante ao que já foi dito sobre a norma lingüística, ou seja, a norma lexical se divide também em *norma normal* e *norma correta*, seguindo a terminologia de Coseriu.

Cabré (1994) expõe a complexidade da norma lexical através de dicotomias. Tem um lugar de destaque a oposição entre *norma lexical explicita* e *norma lexical implícita*. Esta última se constitui pelo léxico interiorizado pelo falante. Ela é, portanto, assimilável à norma normal. Cabré diz sobre a norma lexical implícita que

“[elle] doit être comprise [...] en terme d’adéquation à chaque type de situation communicative (les registres fonctionnels) et le bon goût (le style personnel et l’esthétique” (p. 357)

No interior da norma implícita há, assim, lugar para a variação, ou seja, um tipo específico de situação comunicativa pode requerer uma norma específica.

Já a norma lexical explícita é aquela que se encontra nas obras normativas, essencialmente nos dicionários. Da mesma maneira que a norma lexical implícita não pode ser assimilada à norma normal, a norma explícita não corresponde à norma correta. Isso é devido ao fato de que o léxico é uma classe aberta, isto é, submetido a variações quantitativas. Cabré exprime este fato ao dizer que:

“considérer que seuls sont corrects les mots inclus dans le dictionnaire de référence normative supposerait [...] la méconnaissance de la base même de la linguistique et du lexique. Certes, l’avoir lexical [...] est un inventaire en renouvellement permanent.” (p. 357)

Em comparação à norma lingüística, observa-se que a norma lexical é mais complexa. Na sintaxe ou na fonética, pode-se fixar a norma correta ao observar o uso lingüístico, a norma normal, de certas classes sociais de certas regiões. Aliás, as obras prescritivas foram, em geral, estabelecidas desta maneira. Já no caso do léxico, extrair a norma correta entre vários usos observáveis é uma tarefa quase impossível visto, de um lado, o tamanho do léxico e, de outro, as mudanças incessantes que ali acontecem. Essas razões fazem igualmente com que um dicionário normativo seja sempre uma redução em relação ao léxico e mesmo em relação à norma correta.

2. 1. 4 A norma dicionarística

Ao falar de norma dicionarística, é preciso saber que tipo de dicionário se está considerando, a fim de não confundir a *norma normal* no sentido coseriano, com a *norma correta* ou prescritiva. De fato, os dicionários são documentos demonstrativos destes dois tipos de norma.

Em *Norme et dictionnaire*, Rey (in BÉDARD & MAURIS 1983: 541-569) discorre sobre um dicionário do início do século XIX, intitulado *Dictionnaire des expressions vicieuses utilisées dans un grand nombre de départements et notamment dans la ci-devant province de Lorraine* o qual, pelo título, já denota a relação direta entre a norma dicionarística e a norma correta no que se refere ao conteúdo. Ali figuram os “erros” em relação à norma correta do século passado. Na atualidade, este dicionário serve primordialmente para levantar a norma regional da época.

Grosso modo, a norma dicionarística não causa problemas a autores de obras relativamente pequenas. Desde que a intenção seja descritiva, e não prescritiva, o lexicógrafo pode fazer com que a norma dicionarística corresponda ao uso observado de um determinado grupo lingüístico, e, nesse caso, a norma dicionarística corresponde à norma observada. Este fato pode ser notado em dicionários de linguagens de especialidade como, por exemplo, num *Dicionário de termos de informática* ou num *Dictionnaire du français argotique et populaire*.

Em se tratando do NDA, do PR e do DUW, o problema da norma é mais complexo. Uma vez que estes dicionários de língua geral pretendem fazer um trabalho descritivo, a norma normal deve prevalecer, contudo não é bem isso que ocorre. Ao discutir o lugar dos “français régionaux” nos dicionários franceses, Rey menciona que

La norme unique n'est pas souhaitable. Cette norme - notamment lexicale [...] - est définie à partir d'un ensemble d'usages (a) français de France et notamment français d'Île-de-France, (b) bourgeois, (c) cultivés. Elle doit être élargie; des

sous-normes correspondant aux usages sociaux réels doivent être élaborées.” (p. 553)

Outras normas aparecem igualmente em dicionários de língua, como as de linguagens de especialidade e as que refletem camadas populares. A presença destas últimas é frequentemente sujeita a polémicas, sobretudo quando se pensa em palavras chulas. O conflito diz respeito à existência de normas prescritivas. Efetivamente, a norma dicionarística pode-se compor de diferentes normas normais, porém o consulente espera encontrar também a norma correta num dicionário. No artigo *Activité normative, anglicismes et mots indigènes dans le “Diccionario del español de México”* (in BÉDARD & MAURIS 1983: 570-601), Lara trata deste assunto da seguinte maneira:

“nous avons obtenu une vue objective et quantifiée de la réalité lexicale de l’espagnol mexicain du point de vue de la langue nationale standard. Comme cette dernière comporte, sur le plan normatif, une restriction imputable aux besoins de la nation en matière d’enseignement, certains domaines du vocabulaire [...] n’ont été représentés qu’en partie.” (p. 597)

Do excerto extrai-se que a norma normal, norma estatística para Lara, serve para a elaboração da macroestrutura, mas não se pode confundir esta norma com a norma dicionarística, pois, exigências culturais exercem também uma certa influência sobre a natureza da macroestrutura, e estas exigências se assimilam mais à norma prescritiva.

Em certos domínios, os dicionários de língua mostram uma prudência muito grande. No caso da ortografia, por exemplo, prevalece a norma prescritiva. Na pronúncia, recorre-se a uma prosódia padrão: as transcrições fonéticas do PR não mostram em geral o “e muet”, mesmo que 1/3 dos Franceses o pronunciem, no dizer de Rey. Já no léxico os dicionários podem recorrer a várias normas para constituir a norma dicionarística.

No NDA, no PR e no DUW, a norma dicionarística se compõe da norma normal das classes consideradas cultas, numa dada extensão geográfica para as respectivas línguas e de várias subnormas geográficas ou estilísticas. De uma maneira geral, a norma normal nesta dissertação constitui a camada lingüística não-marcada que aparece nos dicionários. Assim, as acepções desta norma não recebem marcas de uso nos respectivos dicionários. Acepções das subnormas, em contraste, recebem marcas de uso indicando o distanciamento da norma correta, ou da norma normal, no quadro definido por um dicionário, isto se a norma correta for diferente entre países da mesma fonia.

2. 1. 5 A variação marcada no discurso lexicográfico

Em nosso estudo, o conceito de norma coincide com o conceito de *norma normal* de Coseriu, embora se saiba que um dicionário utilize várias normas na construção do corpus lexicográfico. No interior de uma língua, existem uma norma e várias subnormas. A variação, por conseguinte, situa-se exatamente neste nível. Se num dicionário existir uma única norma, não haverá lugar para a variação, mas se existirem várias normas, a variação existirá obrigatoriamente, pois o sistema oferece mais de uma possibilidade de expressão.

No léxico, este fato é de fácil ilustração. É normal para um Suíço ou um Quebequense designar a última refeição do dia com a palavra *souper*, enquanto o Francês usaria *dîner*. As duas palavras, *souper* e *dîner* são, pois, duas variantes. *Souper* é normal para o Suíço e uma variante regional para o Francês. No caso de *dîner*, é o contrário, o Francês o percebe como sendo da norma, enquanto o Suíço o percebe como uma variante de *souper*.

Decorrente destas observações dos usos lexicais, constata-se que, sob o rótulo de variação, designa-se um uso que se distancia da norma. No quadro deste trabalho, a discussão que interessa situa-se exatamente no plano da variação do léxico.

Vários autores já consagraram trabalhos à variação lingüística. Para Klein (1974), deve-se partir de um espaço de variação, “Varietätenraum”, mesmo que este seja impossível a ser descrito formalmente, para se fixar quatro dimensões de variação. Ele menciona, primeiramente, a dimensão diacrônica (diachronische Dimension) que se refere à evolução temporal da língua, ou seja, uma palavra de outros tempos (uma pronúncia ou um fato sintático) pode sobreviver no tempo atual e ser percebida como “velha” ou “envelhecida”.

Depois, ele trata da dimensão espacial (räumliche Dimension), a qual define como a variabilidade da língua que diz respeito à área na qual se fala a referida língua.

Para o autor, a dimensão social (soziale Dimension) diz respeito a grupos sociais; o produto desta variação é muitas vezes referido como socioletos.

A quarta dimensão de Klein é a situacional (situative Dimension). Neste caso, o que importa é a situação de comunicação. Quer dizer que não se escreve do mesmo modo como se fala, e um indivíduo não fala da mesma maneira a um amigo íntimo e a uma autoridade oficial, por exemplo.

Estas quatro dimensões indicam bem como um locutor pode distanciar-se de uma norma dada. Rey, no artigo já mencionado, discute recortes parecidos. Para ele, as marcas de uso devem informar o consulente acerca das variantes a) cronoletais, b) dialetais, também topoletais, c) socioletais e d) temáticas, que decorrem de variação. Já para Coseriu, existe uma única variante normal, as demais serão, então, variantes anormais (*carnavaux*) ou variantes estilísticas (*souper* para um Francês).

Já está claro que, entre variação e marcas de uso, há estreita relação conceptual. Porém, antes de discutir com mais propriedade a tipologia das marcas, vale a pena conhecer a proposta de Boulanger (1995):

- les marques chronologiques ou temporelles (diachroniques)
 - vx, vieilli, néol.; ancien, autrefois, histoire, antiquité
- les marques géographiques, topoclectales ou régionales (diatopiques)
 - marques générales: dial., région.;
 - marques spécifiques (toponymiques) : Canada, Nord, Suisse, Acadie
- les marques sociales ou de niveau de langue (diastratiques)
 - fam., pop., argot
- les marques de types de discours (oral/écrit) (diamédiatiques)
 - oral, écrit
- les marques stylistiques (diaphasiques; diastylistiques ou diaphrastiques)
 - soutenu, relâché; formel, informel
- les marques de genre textuel (diatextuelles)
 - administratif, poétique, litt., rel.
- les marques d'origine étrangère (diaintégratives; diaglossiques)
 - anglic., amér., mot anglais
- les marques technoclectales ou socioprofessionnelles (diatechniques)
 - didact.; sciences, techniques (les plus fréquentes); méd., biol., astronomie
- les marques évaluatives (diaévaluatives) ou comportementales (diacomportementales)
 - euphémisme, péj., raciste, injurieux, vulg., iron.
- les marques normatives (dianormatives)
 - forme fautive, emploi critiqué, abusif; anglic.
- les marques rhétoriques (diarhétoriques)
 - fig.; concret, abstrait; par extension, par exagér.
- les marques d'officialisation (diaofficielles)
 - Recomm. off., O.L.F. (p. 79)

A divisão de Boulanger tem a grande vantagem de responder a todo tipo de variação possível. Salvo as marcas retóricas, que não são consideradas como marcas de uso nesta dissertação, todas as outras categorias de Boulanger ligam-se a uma das dimensões de Klein ou de Rey. Como inconveniente, convém mencionar que certas marcas de uso podem ser classificadas em mais de uma categoria. Em Boulanger a marca “vulg.” é uma marca de avaliação mas, no nosso modo de ver, é também uma marca social.

A lista de Boulanger responde às exigências do usuário face à norma prescritiva ao mencionar categorias de marcas como *marques normativas* e *marques*

d'officialisation. De todo jeito, as divisões de Klein, Rey e Boulanger mostram que a variação se mede a partir da norma dicionarística que é, em última análise, constituída de normas normais e não somente de uma norma prescritiva.

Nos dois capítulos seguintes, será exposto como o NDA, o PR e o DUW empregam as marcas de uso nos.

CAPÍTULO TRÊS

3 AS MARCAS DE USO NOS DICIONÁRIOS

3.1 Observações gerais

As marcas de uso constituem um tipo de informação que se insere na rede lexicográfica de cada microestrutura. Entende-se por microestrutura as informações incluídas desde a entrada até o ponto final de um referido verbete.

Um verbete pode estruturar-se de diferentes maneiras, com diferentes tipos de informações. Assim, o PR dá sempre, imediatamente após a entrada, informações sobre a pronúncia. Os dois outros dicionários dão esta informação só em casos específicos. Deixando de lado entradas-remissivas, abreviações, símbolos e algumas outras particularidades lingüísticas que podem figurar nos dicionários como entrada, a estrutura mínima nos três dicionários se compõe da entrada, de indicações gramaticais e de uma parte definitória. Além desta estrutura, os três dicionários divergem quanto ao número de informações suplementares e sua organização.

As marcas de uso são facultativas, à medida que sua presença não é obrigatória na microestrutura. No entanto, aparecem para marcar o desvio de uma palavra, ou de uma acepção, com relação à norma dicionarística, que é a norma padrão da língua representada naquele dicionário. Por sua vez, qualquer palavra que faça parte do

padrão e que figure num dicionário geral não precisa de marcas de uso porque ela faz parte de uma certa camada neutra da língua. No dizer dos lingüistas quebequenses, estas palavras são a ilustração do que se chama a “marcação negativa” (Rousseau 1994:17). Assim sendo, uma palavra que figure num dicionário e não seja de uso comum na camada neutra, precisa receber uma marca de uso. Casares (1969:272-310) caracteriza as tais palavras de “marcação negativa” como *particularismos* que se distinguem da língua comum e as classifica como “particularismos sociais, profissionais e geográficos”. Em outras palavras, o dicionário precisa de uma norma lingüística como referência, e de um sistema de marcação para indicar o desvio de palavras ou de acepções.

Cabe ver como o dicionário organiza a divisão dos sentidos das palavras e como as marcas de uso se inserem nesta divisão. Para fins de discussão, examinar-se-á a proposta de estruturação das marcas de uso em três dicionários, a saber, o NDA, 1986, o PR, 1991 e o DUW, 1983. Em seguida, será apresentada uma proposta de categorias de marcas de uso para um dicionário de português do Brasil.

3. 1. 1 As marcas de uso no *Novo Dicionário Aurélio*

O NDA adota na microestrutura uma linearidade por meio da qual se passa duma acepção à outra, se houver mais de uma. Assim, o verbete “dar”, por exemplo, enumera, linearmente, 99 acepções, antes de listar ainda um certo número de locuções nas quais aparecem “dar”. Estas locuções são separadas das 99 acepções por meio do losango cheio (◆) e não são enumeradas, mas se uma locução tem mais de uma acepção, estas acepções são separadas por meio do mesmo procedimento de linearidade.

Se a entrada tiver mais de uma classificação gramatical, o NDA emprega um procedimento idêntico. Assim, o verbete “del-credere”² é tratado no início como adjetivo, até que o círculo cheio (●) introduza a nova categoria gramatical: “● *S. m. 2.* ...”. Sabe-se, desta maneira, que, a partir da acepção dois, “del-credere” não é mais um adjetivo, mas um substantivo masculino.

Neste quadro, o emprego das marcas de uso é condicionado pela validade que elas devem ter em relação às acepções, conseqüentemente, uma marca de uso é válida para todas as acepções de uma entrada, ou unicamente para uma, ou ainda para somente algumas acepções de uma entrada. O caso mais simples é aquele de uma palavra monossêmica, como, por exemplo, o verbete “gastralgia”:

gastralgia. [De *gastr(o)* + *-alg(o)-* + *ia.*] *S. f. Patol.* Dor no estômago.

A referida palavra vem de uma área específica do conhecimento e não pode ser considerada como fazendo parte da língua comum da mesma maneira que “mesa”, por exemplo. Ela se distancia, então, da camada neutra da língua, mas não pode ser excluída inteiramente da língua geral, razão pela qual aparece num dicionário de uso popular. Neste sentido, ela recebe uma marca de uso que indica a pertinência à área de origem e que indica a distância entre linguagem de especialidade e língua comum. O NDA faz isto com a abreviação “*Patol.*” (= patologia) que se encontra imediatamente antes da definição, e logo após a indicação da categoria gramatical.

Ao comparar a inclusão da marca em “gastralgia” com a inclusão em um verbete de uma palavra polissêmica, na qual todas as acepções recebem a mesma marca de uso, constata-se que a posição normal da marca de uso é imediatamente antes da definição ou das definições, e depois da categoria gramatical. Assim, ocorre no verbete “jarrinha”:

² Os verbetes citados podem ser consultados no anexo deste trabalho.

jarrinha. [Dim. de *jarra*.] *S. f. Bras.* **1.** V. *cipó-de-cobra* (1). **2.** V. *cipó-mil-homens* (1), a marca de uso *Bras.* é válida para as duas acepções. Já no verbete “*economiário*” a marca de uso antecede as categorias gramaticais e as acepções, incidindo sobre todas:

economiário. *Bras.* **1.** *Adj.* Pertencente ou relativo à Caixa Econômica. • *S. m.* **2.**

Funcionário dela.

A marca de uso continua na sua posição convencional, imediatamente antes das acepções, e é, assim, válida para todos os sentidos de uma referida palavra. Embora o círculo cheio (●) seja um limite para o campo de validade de indicações de categorias gramaticais, ele não constitui uma barreira para o emprego de marcas de uso.

Em decorrência do que foi visto no NDA, pode-se dizer que, no caso da marcação de acepções isoladas, a marca de uso só pode ser registrada imediatamente antes da definição e depois do número da acepção. No verbete “*travesseiro*”:

travesseiro. [De *travesso* + *-eiro*.] *S. m.* **1.** Almofada de paina [...] **2.** *Bras.* Pano em que se enfia o travesseiro; fronha. **3.** *Lus.* Almofada comprida que se atravessa sobre o colchão [...] **4.** *Arquit.* Face do lado das volutas [...],

vê-se que a primeira acepção não recebeu nenhuma marca de uso, enquanto as de número dois, três e quatro são identificadas, cada uma, com uma marca de uso diferente. O lexicógrafo julgou, então, que unicamente a primeira acepção faz parte da camada neutra da língua.

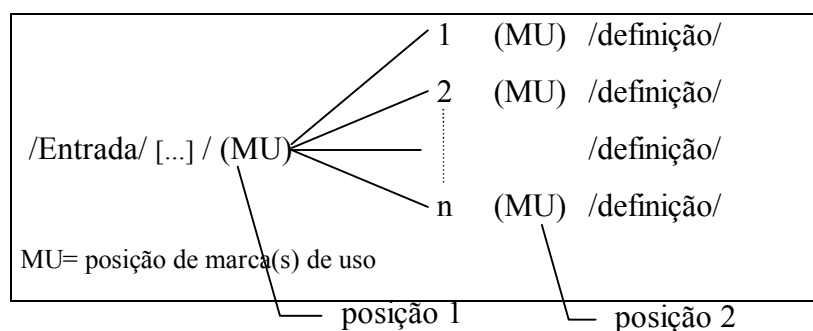
No entanto, as marcas de uso distintas podem aparecer acumuladas. Pode-se observar este caso no verbete “*magrinha*”:

magrinha. [Fem. substantivado de *magrinho*, dim. de *magro*.] *S. f. Pop.* **1.** *Bras., BA.*

V. tuberculose. **2.** *Bras., SP.* Espingarda fina [...].

A marca de uso “*Pop.*” é, nesta posição, válida para as acepções **1** e **2** e, por sua vez, cada uma das acepções recebeu uma marca de uso geográfica individual.

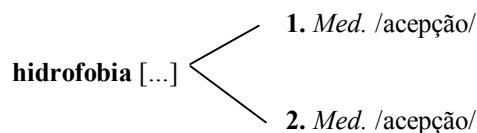
Assim, o emprego das marcas de uso no NDA permite a seguinte esquematização:



O presente esquema responde a uma grande maioria dos casos possíveis na microestrutura adotada pelo NDA, nota-se que MU apresenta unicamente a posição onde uma ou várias marcas de uso se podem inserir. No entanto, se a entrada tiver uma única acepção, a numeração das acepções não se realiza, e as posições seguintes caducam.

No esquema, as posições das marcas de uso estão apresentadas entre parênteses, porque a presença delas não é obrigatória de maneira intrínseca, mas condicionada pelo conteúdo semântico das acepções. A diferença entre a posição 1 e a posição 2 consiste no fato de que a posição 1 exerce um domínio sobre todas as acepções de uma entrada dada, como no exemplo **economiário**, enquanto a posição 2 só pode marcar o significado de uma acepção, como ocorre em **travesseiro**. Em outras palavras, se a marca de uso “*Med.*” se encontra na posição 1, todas as acepções da referida palavra dizem respeito à medicina; se estiver na posição 2, ela se referirá a uma única acepção

Há de se reconhecer que o que foi descrito corresponde ao funcionamento das marcas de uso em geral, mas que a consulta ao NDA permite levantar certos verbetes que fogem da regularidade exposta. É o caso de *hidrofobia*, diferente de *jarrinha*:



no caso de “hidrofobia”, não foi aproveitada a posição 1 para empregar a marca de uso “Med.”, o que obriga o emprego desta mesma duas vezes em posição 2.

Concretamente, nos verbetes, MU pode realizar-se de várias maneiras, segundo as diferentes marcas de uso presentes nas devidas posições. O quadro seguinte mostra as diversas maneiras de reescrever MU em função das diferentes ocorrências no corpus. MU apresenta, então, a posição, 1 ou 2, e “Mu” uma marca de uso concreta:

| | MU se reescreve: | Atestado em: |
|-----------|--|---|
| 1) | Mu + (Mu) + (Mu) + (Mu) <i>Patol.</i> <i>Bras. Fam.</i> <i>Teat. Bras. Gir</i> | gastralgia ganja ² 1. bexigada |
| 2) | Mu (Mu) <i>Bras., S.</i> | machão |
| 3) | Mu (Mu + Mu) <i>Bras., N. e N.E.</i> | guaxinguba |
| 4) | Mu (Mu + Mu) + (Mu) <i>Bras., MG e RS Pop.</i> | ambicioneiro |

O presente quadro não pretende ser exaustivo, porque os diversos exemplos correspondentes às formulas de MU deixam perceber várias outras combinações. Em resumo, o caso 1) mostra como marcas podem ser coordenadas, o corpus atesta a ocorrência de três marcas, mas, teoricamente, um número maior é possível, em função do número de categorias de marcas de uso empregadas no dicionário. Em 2) vê-se como uma marca subordina-se a outra marca, e nos casos 3) e 4) há subordinação e coordenação. As marcas *N. e N.E* de 3) e *MG e RS* de 4) são coordenadas e, como conjunto, subordinadas à marca *Bras.*, em ambos os casos. O NDA parece reservar a subordinação a marcas geográficas e a vírgula serve de índice de subordinação:

Bras., N. e N.E. 4) permite também ilustrar que uma certa flexibilidade é possível nestas estruturas: alçando *Pop.* de “ambicionero” para o início da seqüência de marcas, obtêm-se **Mu + Mu (Mu + Mu)**, ou seja *Pop. Bras., MG e RS.*

A consulta à lista de abreviações do NDA, na qual estão inseridas as abreviações relativas às marcas de uso do corpus, permite sistematizar algumas categorias de marcas de uso, embora no prefácio deste dicionário não haja qualquer referência a este assunto.

Detectam-se nitidamente três categorias, a saber: a) as marcas temporais, b) as marcas geográficas e c) as marcas de linguagens de especialidade. Assunto que será tratado no capítulo quatro.

A linearidade das marcas de uso no NDA fica muito clara nos exemplos citados. Cabe agora ver como as marcas são introduzidas no PR.

3. 1. 2 As marcas de uso no *Petit Robert*

A estrutura do PR diverge basicamente do NDA no que diz respeito à organização das acepções no interior de um verbete. Em se tratando de entrada monossêmica, esta diferença fica nula. Assim, o verbete “filasse”:

FILLASSE [...] *n. f.* ([...] de *fille*, et suff. pej. *-asse*). *Péj.* Fille, jeune fille [...],

tem a estrutura similar ao verbete “gastralgia” do NDA. Em ambos os casos, a única acepção da palavra em questão não recebe número; e as marcas de uso, *Pat.* para “gastralgia”, e *Péj.* para “fillasse”, figuram imediatamente antes da acepção.

As demais informações não são apresentadas da mesma maneira. Assim, no PR, as informações sobre categoria gramatical são sistematicamente separadas das marcas

de uso, por a outras informações que se interpõem entre a categoria gramatical e a referida marca de uso. Diferenças desta natureza são de uma menor importância para a inserção e o funcionamento das marcas de uso num verbete, mas fazem com que o PR seja lido com mais facilidade.

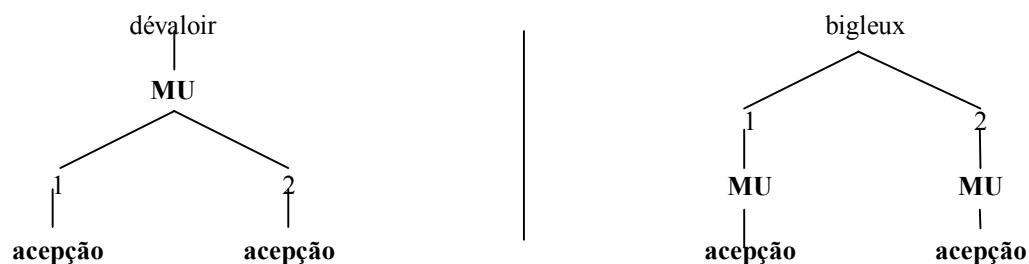
Não se pode afirmar o mesmo acerca da organização das acepções no verbete de uma palavra polissêmica. Efetivamente, o PR não segue a organização linear de dicionários como o NDA; ao contrário, segue uma organização arborescente.

Os verbetes “dévaloir” e “bigleux” têm a mesma estrutura, quanto à divisão das acepções,

DÉVALOIR [...] *n. m.* (d. i. *dévaler*). *Suisse*. ♦1º Glissoir à bois [...] ♦2º Vide-ordures.

BIGLEUX [...] *adj.* et *n.* (XX^c; de *bigle*). ♦1º *Fam.* V. **Bigle**. ♦2º *Pop.* (1940). Qui voit mal [...].

mas as posições das marcas de uso (MU no esquema) não são as mesmas:



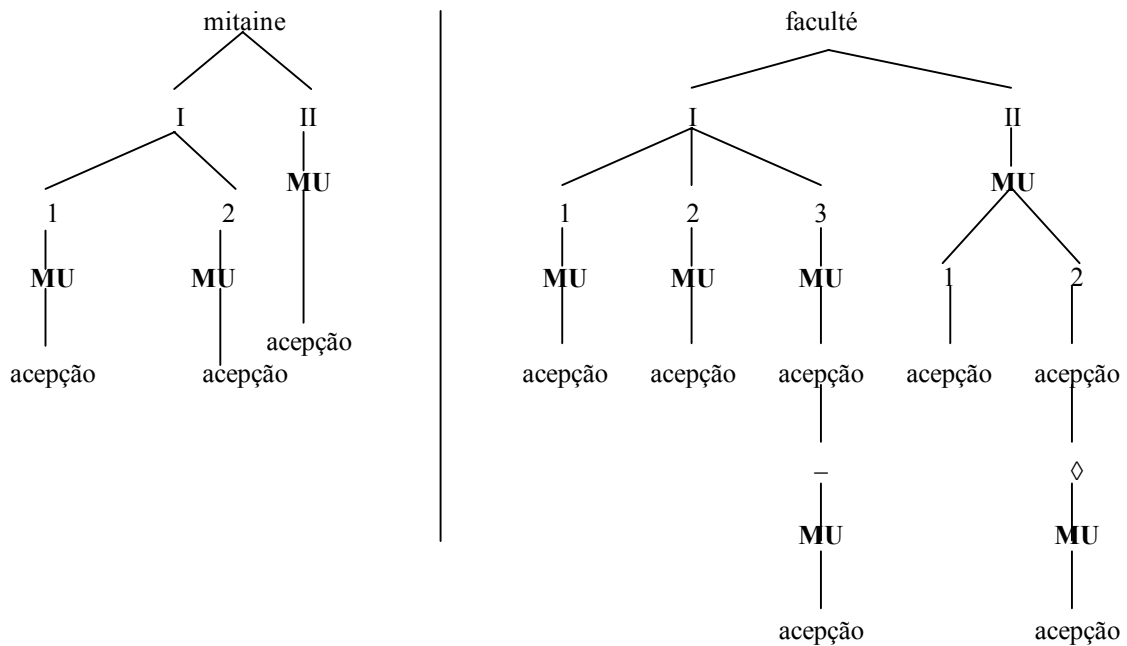
em “devaloir” a marca de uso é “Suisse” e, visto a posição, há de concluir que as duas acepções da referida palavra são típicas do francês da Suíça. Em “bigleux” as marcas estão corretamente empregadas porque se referem a duas acepções distantes: “bigleux 1” é *Fam.* e “bigleux 2” é *Pop.*.

Os exemplos precedentes são ainda bastante parecidos com a linearidade do NDA, no entanto se vê agora a estrutura arborescente com maior nitidez. O verbe “mitaine” e o verbe “faculté” fornecem exemplos de microestruturas mais complexas:

MITAINE [...] *n. f.* (1180; de l’a. fr. *mite* [...]). **I.** ♦1º *Vx* ou *région*. [Canada]. Moufle. ♦2º *Mod.* Gant qui laisse à nu [...] **II.** (1640; probabl. refrain pop.). *Fam.* *Onguent miton mitaine*, remède qui ne fait ni bien ni mal.

FACULTÉ [...] *n. f.* ([...] de *facere* «faire»). **I.** ♦**1º** *Littér.* Possibilité de faire qqch. [...] ♦**2º** *Philo. anc.* Fonction de l'être, considérée comme constituant [...] ♦**3º** *Vieilli* ou *Dr.* FACULTÉS: biens, ressources dont qqn peut disposer [...] - *Dr. mar.* Marchandises chargées sur un navir. **II.** *Mod. et cour.* (1261; lat. médiév. *facultas*). ♦**1º** Corps des professeurs qui [...] ♦**2º** LA FACULTÉ: la faculté de médecine [...] ♦ *Fam.* Le médecin traitant [...].

Correspondem à estrutura destes verbetes as seguintes árvores simplificadas:



A posição das marcas de uso na árvore integra a microestrutura do PR da seguinte forma: Se uma única acepção receber uma marca de uso, esta aparecerá imediatamente antes da acepção, e depois do número (ou símbolo) que introduz a referida acepção. As linhas diretrizes que determinam a posição das marcas de uso são a) imediatamente antes da acepção, caso a marca de uso se aplique a uma única acepção; b) imediatamente antes do número, ou do símbolo, introdutor de divisões, no caso de a marca de uso ser válida para um grupo de acepções. Este último caso é ilustrado no esquema “*faculté*”.

Dessa maneira chega-se a um funcionamento análogo entre o PR e o NDA, no que se refere às posições 1 e 2. Desde que uma marca de uso se encontre, na representação hierárquica em forma de árvore, em cima da divisão mais baixa, esta marca se encontra em posição dominante, ou seja, numa posição comparável à posição

1 no NDA. Já, no que diz respeito às marcas na posição 2 no NDA, ou na posição mais baixa na representação em árvore do PR, prefere-se não falar em posição dominada porque a relação entre os dois tipos de posição não pode ser resumida em termos de “dominante” e “dominado”, mas em termos de “válido para um grupo de acepções” (posição 1) ou “válido para uma única acepção” (posição 2).

Cabe a seguir examinar como o PR trata acepções, ou conjuntos de acepções, que precisam ser caracterizadas com mais de uma marca de uso, tais como:

Densification *Démogr. Géogr.*
 Draveur *Américanisme.* (Canada).
 Entéléchie *Hist. philo.*
 Faculté [...] 3. *Vieilli* ou *Dr.* [...] - *Dr. mar.* [...] II *Mod e cour.*
 Gazette 1 *Vx, région.* ou *plais.*
 Histiocyte. *Biol., histiol.*

Ora, ante a diversidade de casos, o consulente do dicionário deve proceder a uma interpretação destas combinações, uma vez que a introdução do referido dicionário não explica detalhadamente como as marcas de uso se combinam.

No verbete “*faculté*” há duas ocorrências em que a presença de uma conjunção facilita a interpretação da marca de uso, assim como em “*gazette*” há uma. Em “*faculté* 3.” a conjunção *ou* denota que se trata de uma acepção desusada (*vieilli*) ou pertencente à área de direito. A mesma observação serve para “*gazette*”, cuja primeira acepção é “*Vx., région.*” (arcaico, regional) ou “*plaisant*” (jocosos). No caso do verbete “*faculté* II. *Mod. et cour.*”, a preposição *et* impõe uma coordenação de marcas: *Mod.* e *Cour.*

Um outro tipo de combinação de marcas de uso no PR é aquele no qual uma marca aparece entre parênteses, normalmente a segunda. Em geral, o papel das marcas de uso entre parênteses é trazer uma informação suplementar, ou uma precisão, sobre a entrada ou a acepção em questão. Assim, o PR caracteriza “*draveur*” com a marca de

uso “Américanisme”, mas julga ainda necessário precisar que a referida palavra é usada no francês do Canadá.

Se duas marcas tivessem a mesma importância para o lexicógrafo, não haveria necessidade de colocar uma das duas entre parênteses. Neste caso, o lexicógrafo poderia empregar uma solução do tipo “*faculté II Mod. et cour.*” ou escolher a simples justaposição de marcas de uso como em “*Densification Démogr., Géogr.*”

No entanto, a justaposição de marcas necessita também de uma sintaxe que permita sua interpretação. Assim as combinações *Vx, région.* (em “*gazette*”), de um lado e *Hist. philo.* (em “*entéléchie*”) e *Biol., histol.* (em “*histiocyte*”) de outro, podem ser observados sob dois pontos de vista diferentes. Às vezes, as duas marcas são separadas por uma vírgula, como em “*gazette*” e “*histiocyte*” e às vezes não o são, como em “*entéléchie*”. No primeiro caso, as duas marcas guardam sua autonomia; a primeira acepção de “*gazette*” é, então, *vieux*, velho, e regional ao mesmo tempo. Da mesma maneira, em “*histiocyte*”, vê-se a justaposição de *Biol.* e de *histol.*, o que permite considerar a histologia como uma ciência autônoma. Mesmo que histologia não seja considerada autônoma, pode-se dizer que “*histiocyte*” pertence à biologia e à histologia. Tal interpretação não é verdadeira para “*Hist. philo.*” em “*entéléchie*”, esta palavra pertence à história da filosofia.

O contraste entre “*histiocyte*” e “*entéléchie*” permite mostrar que duas marcas de uso devem ser separadas com uma vírgula para que cada marca guarde sua significação inteira; caso contrário, as duas marcas juntam-se para formar uma única marca.

Observa-se ainda que certas marcas de uso são impressas em itálico, e outras não. No verbete “*mitaine*” pode-se observar como a alternância itálico/não-itálico está funcionando:

“**Mitaine** [...] 2º *Mod.* Gant qui laisse à nu [...] II [...] Fam. *Ongent miton mitaine* [...]”.

Aparecem neste extrato do verbete duas acepções, a primeira emprega a marca de uso “*Mod.*” em itálico porque ela é seguida imediatamente da definição que nunca está em itálico. Já, na segunda acepção, a marca de uso “Fam.” não está em itálico, porque ela é seguida imediatamente dum expressão cristalizada que é registrada obrigatoriamente em itálico. No entanto, é a marca de uso que deve ser destacada para contrastar com o grafismo empregado pelo elemento imediatamente à sua direita.

Com estas últimas observações, pretendeu-se mostrar como as marcas de uso se inserem nas microestruturas do PR. Em contraste com o NDA, viu-se que as marcas de uso inserem-se no PR, numa estrutura arborescente; este dicionário parece mais facilmente subordinar uma marca de uso a uma outra: MU = Mu(Mu); mas no que diz respeito à coordenação de marcas, os dois dicionários têm estruturas parecidas: MU = Mu + (Mu).

Cabe agora ver como o PR apresenta na sua introdução o emprego de marcas de uso.

A “apresentação do dicionário” (Rey in PR, 1991) de 30 páginas reserva boa parte a explicações sobre o dicionário, como foi elaborado, o que ele contém etc. No que diz respeito às marcas de uso, a apresentação menciona categorias e explica seu emprego na parte “A língua, estilos e usos”. Observa-se, nesta parte do PR, uma certa visão didática do problema. O dicionário menciona a variação lingüística (e faz um esforço para definir o que já foi chamado “camada neutra da língua”) e conclui que , “para formar frases, precisa conhecer-se as condições normais de emprego dos elementos da língua na sociedade” (p. XVI). A definição de camada neutra está estritamente ligada à citação precedente, porque, em nível lexicográfico, esta mesma se

carateriza pela ausência de marcas de uso. Não recebem marcas de uso acepções ou palavras que podem ser “empregadas fluentemente por um locutor culto não especializado” (PR p. XVII).

Ao tratar de marcas de uso, o PR menciona explicitamente cinco categorias de marcas, que são: Marcas temporais (*vx*), marcas espaciais (*région.*), marcas sociais (*fam., pop.*), marcas de frequência (*rare*) e marcas ligadas a condições de emprego (“palavras especiais”: *Biol., Mus.*).

Um levantamento numérico de todas as ocorrências de marcas de uso no corpus de verbetes do PR dá o número de 157 marcas. Destas, a grande maioria (136) corresponde a uma das categorias apresentadas pela “apresentação do dicionário”. As 21 marcas restantes podem ser classificadas na categoria de marcas de avaliação, categoria não apresentada explicitamente pelo PR e que podem provocar controversas. Elas serão tratadas mais adiante.

3. 2. 3. As marcas de uso no *Deutsches Universalwörterbuch*

O DUW apresenta estruturação peculiar, pois não possui nem a nítida linearidade do NDA, nem adota a organização arborescente tão estruturada como a do PR³. A apresentação da organização de algumas microestruturas permite mostrar as semelhanças que tem o DUW com os dois outros dicionários já examinados. Vejam-se primeiramente os verbetes “Hag”, “Schlunze” e “Geher”:

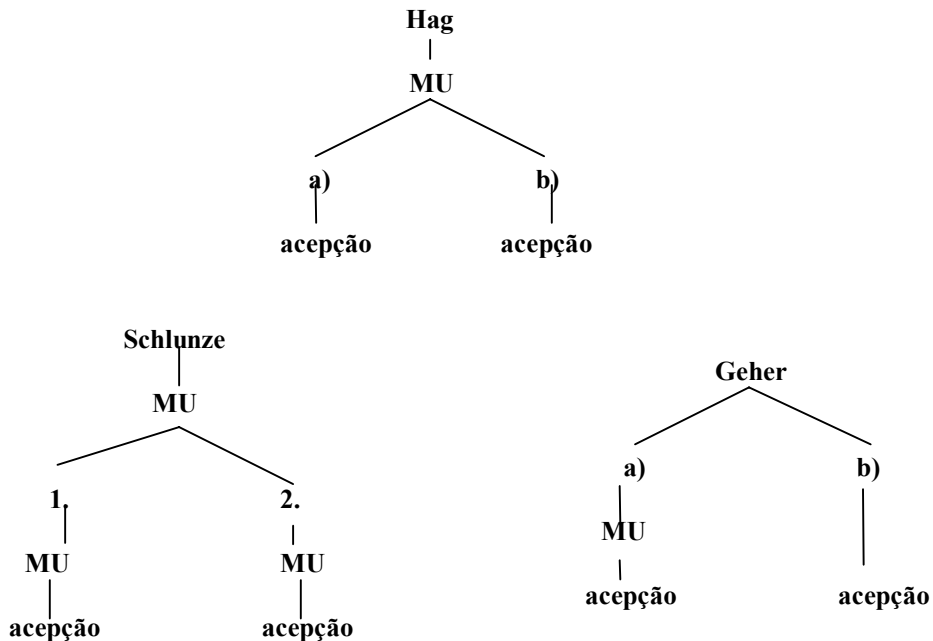
Hag, der; -[e]s, -e schweiz.: Häge [mhd. hac, ahd. hag = Einhegung] (dichter. veraltend, noch schweiz.) **a)** *Hecke* [...] **b)** *[umfriedeter] Wald* [...].

³ Menciona-se ainda que o DUW procede bem mais a reagrupamentos de palavras duma mesma etimologia do que o NDA ou o PR. No entanto, as entradas e as subentradas seguem os mesmos princípios organizacionais. É por causa deste fato que não se faz distinção entre subentrada e entrada neste trabalho.

Schlunze, die; -n [zu ↑schlunzen] (abwertend): **1.** (md., nordd.) *Schlampe*(1). **2.** (landsch.) *dünne Suppe, dünner Kaffee*.

Geher, der; -s, -: **a)** (Leichtathletik) *Teilnehmer an Wettbewerben im Gehen* (2); **b)** *im Gehen am Berg erfahrener Bergsteiger*.

A apresentação em árvore de cada um destes verbetes mostra uma divisão em duas partes:



As divisões são introduzidas com letras ou com números se as acepções apresentadas estiverem estritamente ligadas entre si, ou serão introduzidas por números se houver maior distanciamento entre as acepções. Estas distinções são importantes no nível semântico, mas não são relevantes quanto à inserção das marcas de uso. De fato, não há uma diferença entre “Schlunze” de um lado e “Hag” do outro, no que diz respeito à inserção das marcas de uso. A marca *abwertend* (depreciativo), válida para as acepções **1** e **2** de “Schlunze”, introduz-se da mesma maneira que as marcas de uso *dichter. veralternd, noch schweiz.* (poesia desusado, ainda Suíça), válidas para as acepções **a)** e **b)** de “Hag”. Em outras palavras, o que é importante para a inclusão das marcas de uso, não é como se faz a divisão em acepções e/ou subacepções, mas a posição na qual se coloca uma marca. Nesse sentido, observa-se que a marca de uso empregada em “Geher” é válida para uma única acepção, assim como *landsch.* de

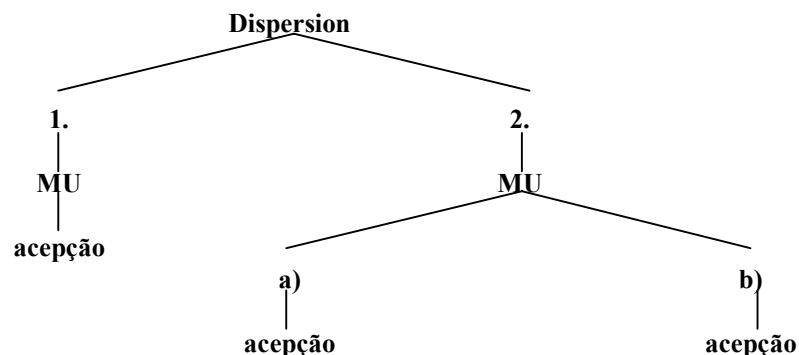
“Schlunze 2” se aplica unicamente à segunda acepção da referida palavra. Aliás, o esquema de “Schlunze” ilustra as duas possibilidades: existe uma marca de uso, *abwertend* (depreciativo), válida para as acepções 1 e 2, e cada acepção foi caracterizada com uma marca de uso distinta.

O emprego racional das marcas de uso implica que as marcas empregadas em “Schlunze 1” e em “Schlunze 2” sejam diferentes. Na grande maioria, a inserção das marcas de uso se faz de maneira racional a fim de impedir uma repetição inútil da mesma marca.

Já o verbete “Dispersion”:

Dispersion, die; -, -en [lat. dispersio = Zerstreuung]: **1.** (Physik, Chemie) *feinste Verteilung* [...] **2.** (Physik) **a)** Abhängigkeit der [...] **b)** Zerlegung von weissem Licht[...].

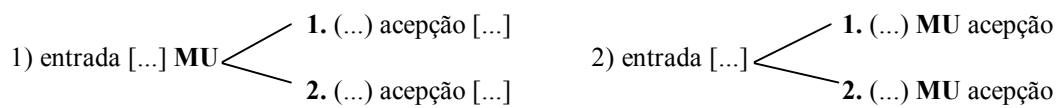
atesta todas as possibilidades de inserção de marcas levantadas em “Hag”, “Schlunze” e “Geher” como mostra a árvore seguinte:



Neste verbete há uma marca de uso depois de **1.**, válida para uma única acepção, e, depois, uma marca inserida depois de **2.**, que é válida para as duas acepções, **2.a)** e **2.b)**.

O que foi visto, até já, sobre o DUW, cobre a grande maioria das possibilidades de inserção de marcas de uso nas microestruturas. Pode-se notar que as diferenças entre os três dicionários não são de natureza fundamental, apesar das organizações bastante divergentes das microestruturas, no que diz respeito às divisões em acepções.

Assim sendo, todos os estudos de casos, feitos até então no NDA, PR e DUW , podem ser reduzidos a dois tipos de esquemas básicos e simples:



Estes dois tipos implicam duas posições básicas para as marcas de uso. Primeiramente, uma posição para caracterizar várias acepções; teoricamente não existe limite ao número de acepções que uma marca de uso pode caracterizar, mas na prática é difícil uma marca ser empregada para mais de duas ou três acepções. Depois, uma posição para caracterizar uma única acepção. No caso de palavras monossêmicas, o esquema 2) se reescreve:

2) entrada [...] **MU** acepção

Além destes casos, o DUW emprega as marcas de uso em outras circunstâncias, que não foram levantadas nos dois outros dicionários. Ilustra-se isto com o verbete “Lage”, no qual a acepção **1.a)** contem várias locuções:

Lage, [...] **1.a)** *Stelle, wo etw. [...] liegt/gelegen ist [...]; (Met.:) in höheren -n ist mit Frost zu rechnen; die L. (Med.; Position) eines Organs; eine bestimmte L. (Flugw.; Flughöhe) beibehalten [...]*

Nas duas últimas locuções, a marca de uso aparece imediatamente depois da palavra “Lage”, abreviada com “L.” no interior do verbete, e assim no *interior* da locução. Esta posição da marca de uso é uma particularidade do DUW. Ela pode ser observada em locuções quando a palavra definida tem uma acepção específica, segundo sua contextualização particular. Assim, na última locução de “Lage”, tem-se “(Flugw., Flughöhe)”. “Flugw.” é a marca de uso significando “aviação” e “*Flughöhe*” (altura de vôo) é a definição circunstanciada de “Lage”. Para a penúltima locução, pode-se fazer a mesma observação: em “(Med., *Position*)” “Med.” (medicina) é a marca de uso, e

“*Position*” (posição) a definição de “*Lage*”. Já no caso da antepenúltima locução, os lexicógrafos do DUW não julgaram necessário que a palavra “*Lage*” precisasse duma definição circunstanciada e, neste caso a marca de uso aparece imediatamente antes da locução.

Uma das particularidades do DUW é o emprego de marcas de uso para identificar uma variante ortográfica duma mesma palavra. O verbete “*Defätismus*” ilustra este caso:

Defätismus, (schweiz.:) Defäitismus, der; -[frz. défaitisme, zu: défaite = Niederlage, zu: défaire = vernichten, zerstören] (bildungsspr. abwertend): *durch die Überzeugung*

É interessante observar que, neste verbete, imediatamente após a entrada, aparece a marca *schweiz.* para caracterizar a variante “*Defäitismus*”. A ausência deste emprego de marca de uso nos outros dicionários se explica pelo fato de que adotaram outros procedimentos para tratar a variação ortográfica.

Estas observações parecem estar a margem do assunto deste trabalho, no entanto, servem para demonstrar que o emprego das marcas de uso é condicionado por escolhas e decisões prévias diretamente relacionadas com a norma dicionarística e com a língua padrão que o dicionário deve refletir.

Cabe mencionar ainda que o DUW acumula também marcas numa mesma posição, tanto quanto os outros dicionários. Assim em

Jahrgedächtnis (kath. Kirche)

Marend (schweiz. mundartl.)

navigatorisch (Seew., Flugw.)

podem ser observadas as diferentes maneiras de reescrever MU.

A marca *kath. Kirche* (igreja cat.) corresponde a MU = Mu uma vez que *kath.* é adjetivo de *Kirche*.

Os demais casos correspondem a $Mu = Mu + Mu$. No entanto, em “navigatorisch”, as duas marcas, *Seew.* (navegação) e *Flugw.* (aviação), são separadas por um ponto-e-vírgula, o que faz com que as duas marcas guardem sua autonomia: A aceção de “navigatorisch” é válida para as duas áreas específicas.

Já em “Marend”, a ausência de uma vírgula separadora entre as duas marcas, *schweiz.* (suíço) e *mundartl.* (dialetal), permite interpretar $Mu + Mu$ como sendo uma nova marca de uso. Efetivamente, “Marend” revela *ao mesmo tempo* o uso suíço e dialetal.

O que caracteriza o emprego de marcas de uso no DUW é também a maneira de relativizar, ou precisar, estas mesmas com uma certa frequência. Assim, encontra-se em “Aas 2.” a marca de uso *oft als Schimpfwort*. De maneira estrita, unicamente “Schimpfwort” (palavra de injúria) é a marca de uso; “oft als” serve para modalizar a referida marca, e assim “oft als Schimpfwort” pode ser traduzido por “freqüentemente como injúria”.

Além deste exemplo, o DUW emprega outros recursos parecidos para relativizar marcas de uso, como o acréscimo de advérbios com “besonders” (= particularmente). Assim a marca *biol.* (biologia) pode aparecer modificada com este adverbio em “Abart” *bes. biol.*

Numa introdução de dezesseis páginas, o DUW consagra uma única às marcas de uso. Além desta página, há ainda 3,5 páginas de abreviações onde as marcas de uso aparecem sob forma abreviada.

A introdução divide as marcas em três categorias que são explicitadas nos três itens seguintes: a) avaliação estilística, b) atribuição geográfica e cronológica e c) atribuição a áreas e linguagens de especialidade⁴.

Neste capítulo, foi visto como as marcas de uso são empregadas em três dicionários de três línguas distintas (português, francês e alemão). Com mais precisão, o presente capítulo tratou unicamente do que diz respeito à inserção destas marcas nos verbetes, mas não analisou as diferentes categorias de marcas de uso. Apesar das diferenças circunstanciais, pode-se afirmar que existem dois princípios a serem respeitados para inserir marcas de uso nos verbetes

O primeiro é que as marcas de uso devem aparecer antes da definição e depois do último símbolo divisório de sentidos (se houver) para caracterizar uma única acepção.

O segundo princípio é que uma marca de uso deve estar antes do primeiro símbolo de um nível hierárquico para ter validade para todas as acepções que seguem, deste nível até aos níveis mais baixos.

⁴ a) Stilistische Bewertung, b) räumliche und zeitliche Zuordnung, c) Zuordnung zu Bereichen und Fach- und Sondersprachen.

CAPÍTULO QUATRO

4 AS CATEGORIAS DE MARCAS DE USO

As marcas de uso são um instrumento do lexicógrafo para categorizar a variação lingüística nos dicionários. Assim sendo, o emprego das marcas deve ser regido por certas considerações teóricas sobre a variação. Os PR e DUW explicam na sua parte pré-dicionarística como abordam a variação e como as marcas de uso são divididas em categorias para responder à variação.

Antes de examinar as categorias de marcas de uso, cabe ver como o PR e o DUW tratam o assunto.

4. 1 Categorias empregadas pelos dicionários

4. 1. 1 Categorias empregadas no *Petit Robert*

Importa à equipe do PR mostrar que a variação lingüística se articula em volta de uma camada neutra e que o desvio desta camada é indicada com cinco categorias de marcas de uso: **marcas temporais, espaciais, sociais, de freqüência e marcas ligadas a condições de emprego.**

Já na *Apresentação*, quando o PR ilustra o significado de certas marcas sociais, percebe-se que a equipe estabeleceu certos recortes epistemológicos categoriais. Assim, *Fam.* e *Pop.* não têm exatamente a mesma natureza. *Fam.*, familiar, caracteriza um registro da língua que se distancia da norma culta podendo ser empregado também na comunicação escrita não formal. *Familiar* está, evidentemente, em relação com “família”, e o conceito de familiar existe em todas as camadas sociais. Já a abreviação *Pop.* significa “popular” que está conceituado no PR como “corriqueiro no meio popular urbano, mas sancionado ou evitado pela burguesia cultivada”. Este conceito de *pop.* pode levantar querelas de registro em dicionários de diferentes sociedades de língua francesa. Segundo informações orais do professor Boulanger, natural do Quebec, a referida marca é objeto de críticas por certos lexicólogos no Canadá, porque a definição francesa de popular não corresponde à realidade social do Quebec.

Aparentemente, a escolha do PR é colocar *pop.* e *fam.* na mesma categoria de marcas de uso que implicam um julgamento de valor social, independentemente de uma dada marca estar ligada a um grupo social preciso (*Pop.*), ou não (*Fam.*).

A categoria de marcas temporais recebe um tratamento bastante breve na *Apresentação*. Insiste-se, essencialmente, no fato de que há, de um lado, palavras *vieilli* e *vieux* e, de outro, palavras que designam realidades de outros tempos. Estas últimas recebem uma marca específica, *anciennement*, para indicar que a marca de uso se refere à realidade designada, e não à aceção em si. No que diz respeito aos

neologismos, o PR explica sua posição no capítulo consagrado ao “objeto e conteúdo do PR”. A marca específica, *néol.* está apresentada unicamente na lista de abreviações.

Observações similares podem ser feitas sobre as marcas espaciais. Além da marca *région.*, regionalismo, o PR não indica, na parte devida, a existência de outras marcas espaciais, mas, ao consultar o item intitulado “A descrição do francês fora da França”, pode-se perceber que outras marcas espaciais devem existir. Efetivamente, a marca *région.* está reservada unicamente a regionalismos do francês da França, ou então a referida marca indica o país no qual é empregada uma acepção:

BRUNANTE [...] *n. f.* (1810; mot canadien, de *brun* «sombre»). *Région.* (Canada).
Tombée de la nuit [...].

Neste caso, a marca espacial é *région.* (Canada). O PR registra também as marcas *région.* (Suisse) e *région.* (Belgique).

No PR, a única marca de frequência é *rare*. Na *Apresentação* estabelecem uma comparação desta marca com uma marca temporal: uma palavra *rara* é “pouco empregada sem que se possa falar de abandono, como no caso de *arcaico*”.

Uma outra categoria registrada no PR é a de “palavras especializadas”, ou seja, palavras e acepções que têm um certo impacto na língua geral, mas que se originam em áreas de especialidade como a medicina ou o direito, por exemplo.

Além das cinco categorias de marcas explícitas mencionadas, o PR emprega marcas de uso que não se podem encaixar nas referidas categorias, como, por exemplo, *Péj.* (pejorativo) que serve para avaliar um uso lingüístico e que poderia ser uma marca social; no entanto, é preciso notar que palavras/acepções literárias ou vulgares também podem ser pejorativas. A terceira acepção da palavra “rato” ilustra esta possibilidade: em nível social, a palavra é caracterizada como sendo *familiar*, mas foi marcada como *pejorativo*. Já “passéisme” recebe as duas marcas *Didact.* e *Péj.*

Um caso interessante no PR é o tratamento dado aos anglicismos. A introdução informa que unicamente os anglicismos controvertidos recebem ou a marca correspondente a “americanismo”, ou a marca correspondente a “anglicismo”. Os anglicismos já integrados na língua não recebem nenhuma destas duas marcas. Também, a introdução menciona que as referidas marcas podem ser percebidas quer como condenação, quer como indicação objetiva de origem. Esta última alternativa parece pouco provável porque, para as outras línguas, a origem aparece unicamente entre parênteses. As palavras “gauleiter” e “haïku” não gozam duma marca de uso correspondente a “germanismo” e “niponismo” respectivamente; nos dois casos, a origem aparece entre parênteses. É realmente um fato notável que os empréstimos tomados da língua inglesa recebam um tratamento diferenciado em relação aos empréstimos de todas as outras línguas que não recebem marcas específicas. Apesar dessa ênfase à língua inglesa, o PR define “americanismo” como: «palavra americana empregada em francês e criticada como empréstimo abusivo ou inútil». A mesma explicação é usada para palavra inglesa. Então, se não for uma simples condenação, há, no mínimo, avaliação. Em decorrência desta observação, postula-se a existência de uma categoria suplementar de marcas de uso no PR que é a de avaliação.

Em linhas gerais, a introdução do PR está em conformidade com a praxe lexicográfica da macroestrutura, no que diz respeito as marcas de uso. Embora a equipe do PR deixe lacunas na classificação de marcas de uso, há de reconhecer-se que a lista de abreviações do PR atenua esse problema à medida que explica como se deve entender certas abreviações, o que é importante para o esclarecimento do conteúdo das marcas de uso:

| | |
|---------------------------------|--|
| <i>abusiv.</i> | <i>abusivement</i> (emploi très criticable, parfois faux sens ou solécisme). |
| <i>anglic., anglicisme</i> | mot anglais employé en français et critiqué comme emprunt abusif ou inutile (les mots anglais employés |

| | |
|-------------------|---|
| | depuis longtemps et normalement, en français, ne sont pas précédés de cette rubrique). |
| <i>arg.</i> | mot d' <i>argot</i> , emploi <i>argotique</i> limité à un milieu particulier, surtout professionnel (<i>arg. scol.</i> : argot scolaire), mais inconnu du grand public. Pour les mots d'argot passés dans le langage courant, voir <i>pop.</i> |
| <i>pop.</i> | <i>populaire</i> : qualifie un mot ou un sens courant dans la langue parlée des milieux populaires, (souvent argot ancien répandu), qui ne s'emploierait pas dans un milieu social élevé. |

Há, aliás, uma coerência entre a presente lista e a macroestrutura; ao consultar *populaire* ou *anglicisme* no dicionário, encontra-se uma acepção que corresponde àquela apresentada na lista de abreviações.

As marcas que não correspondem a uma das cinco categorias do PR são denominadas *marcas de avaliação* neste trabalho, e constituem uma minoria.

4. 1. 2 Categorias empregadas no *Deutsches Universalwörterbuch*

O DUW tem uma posição parecida com a do PR no que diz respeito à variação lingüística. O DUW estabelece categorias de marcas de uso que coincidem com as categorias do PR. Nota-se, no entanto, que uma suposta categoria de marcas de freqüência está incorporada na categoria de marcas temporais.

Tanto quanto o PR, o DUW estrutura as marcas de uso a partir da camada neutra da língua. Dessa forma, dois parâmetros ficam bem estabelecidos neste dicionário, a saber a camada acima da neutra e a camada abaixo da neutra.

Acima da camada neutra, o DUW define dois níveis de língua: i) o nível “culto” (*bildungssprachlich*) que, segundo o DUW, trata-se de palavras e acepções que exigem do locutor uma “boa formação escolar” para serem entendidas. ii) o nível “mais elevado” inclui duas marcas de uso distintas: “elevado” (*gehoben*) e “poético”(dichterisch). Acepções marcadas com “elevado” pertencem a uma linguagem empregada em alocuções, por exemplo. Já palavras “poéticas” são

reservadas à poesia *de outros tempos*, e hoje em dia, na linguagem corriqueira elas seriam percebidas como desusadas.

Abaixo da camada neutra, o DUW define quatro níveis de língua que são a) *ugs.* (umgangssprachlich), quer dizer “familiar” b) *salopp* que se podia traduzir com “negligente” e que no DUW corresponde muito mais à definição de “pop.” do PR, c) *derb*, “trivial” e d) *vulgär*, “vulgar”. Estas duas últimas marcas indicam um caso específico de avaliação estilística porque se torna difícil determinar em que momento uma acepção é *trivial* ou é *vulgar*. No DUW parece que um critério para classificar uma palavra como *vulgar* é o fato de ela pertencer ao discurso obsceno.

Ao tratar de avaliação estilística, o DUW menciona também marcas que constituem uma avaliação sem que elas denotem uma variação vertical. São marcas como “abwertend” (depreciativo) ou “Schimpfwort” (palavra de injúria) que se encaixam no que parece ser para o DUW uma subcategoria das marcas estilísticas. Estas marcas podem se acumular com marcas de qualquer nível estilístico e marcar também acepções estilisticamente neutras:

Aas, [...]1. [...]. 2. ⟨Pl. Äser⟩ (*ugs.* abwertend) *durchtriebener, gemeiner, niederträchtiger Mensch*; [...].

Leisetreter, der; (Schimpfwort): *jmd., der es vermeidet aufzufallen* [...].

Em “Aas” ocorre o acúmulo de *abwertend* com uma marca estilística *ugs.* e em “Leisetreter” há a combinação de uma acepção da camada lingüística neutra com a marca *Schimpfwort* (palavra de injúria). Prefere-se considerar estas marcas que o DUW classifica como uma subcategoria das marcas de uso estilísticas, como *marcas de avaliação*.

Uma particularidade do DUW consiste em evitar o emprego de marcas de uso que possam estar ligadas a grupos sociais específicos. Assim, contrariamente ao PR, o DUW não emprega a marca *pop.*

Para as marcas geográficas, o DUW se serve essencialmente das divisões políticas já existentes (Alemanha, Suíça...) e dos quatro pontos cardeais, mas se serve também da marca *landsch.* (*landschaftlich* = regionalismo) que caracteriza aceções sem área de uso definível com precisão.

No que diz respeito à avaliação cronológica, o DUW se limita a marcar aceções desusadas (*veraltend*) e antiquadas (*veraltet*), mas não marca os neologismos. Estas aceções, “*leibeigenschaft*” (servidão) por exemplo, são marcadas com “*früher*”, quer dizer *antigamente*, ou com a indicação de uma época histórica precisa como “*ns.*” (nacional-socialismo), por exemplo. Na perspectiva do DUW, a marca *selten*, quer dizer *raro*, parece integrada à categoria de marcas de uso cronológicas, embora a definição de *selten* não relacione a referida marca a considerações temporais. Aliás, *selten* é a única marca encontrada que pode ser interpretada como marca de frequência.

Ao incluir as linguagens de especialidade, o DUW menciona que marca as aceções “cuja definição indica nitidamente a área ou linguagem de especialidade de origem”. Uma lista indica algumas 180 áreas específicas, indo de “acústica” à “zoologia” passando por “biologia”, “desportes” ou “teologia”, por exemplo.

4. 1. 3 Categorias empregadas no *Novo Dicionário Aurélio*

Na falta de explicações da parte do NDA sobre o emprego de marcas de uso, adotou-se o seguinte procedimento para detectar categorias de marcas de uso: A consulta do PR e do DUW permite estabelecer um mínimo de cinco categorias de marcas que são: a) **marcas temporais**, b) **marcas geográficas**, c) **marcas estilísticas**

(chamadas *sociais* no PR), d) **marcas de frequência**, e) **marcas de linguagens de especialidade**.

Um confronto destas cinco categorias com as diferentes marcas empregadas no NDA permite detectar se essas categorias foram empregadas também neste dicionário.

O resultado é claramente positivo para as categorias das marcas geográficas, estilísticas e para a categoria referente a áreas e linguagens de especialidade. Nesta última categoria, está a maior fonte de marca de uso no NDA. A lista de abreviações menciona 249 tipos diferentes de marcas de linguagens de especialidade contra 184 no DUW e 160 no PR.

O NDA deixa presumir também a existência de uma categoria de marcas temporais por causa da presença de marcas como *Ant.* e *Neol.*

Já a marca *P.us.* (Pouco usado) pode ser interpretada como marca de frequência sob a condição de a equipe do NDA não ter empregado critérios temporais para o emprego desta marca.

Cabe mencionar que existem unicamente quatro marcas diferentes no corpus do NDA que não se encaixam nas cinco categorias já mencionadas, são as seguintes: *Burl.*, *Deprec.*, *Irôn.* e *Pej.* Essas marcas correspondem àquelas que o DUW classifica numa subcategoria das marcas estilísticas e que neste trabalho corresponde à categoria de *marcas de avaliação*.

4. 2 Exame de categorias de marcas de uso

A consulta à Introdução dos três dicionários de referência mostra a existência de, no mínimo, quatro categorias de marcas, denotando, dessa forma, certa abertura à variação lingüística. As categorias de marcas são as seguintes: **marcas geográficas**, **marcas estilísticas**, **marcas temporais**, e **marcas de linguagens de especialidade**. Além destas quatro categorias, encontram-se, no corpus lexicográfico mais duas categorias não enunciadas na introdução, a saber: **marcas de frequência** e as **marcas de avaliação**.

As marcas de frequência serão analisadas neste trabalho imediatamente após as marcas temporais, devido à possível ligação entre estas duas categorias. Assim, as seis categorias a serem analisadas obedecem à ordem seguinte:

- * Marcas geográficas
- * Marcas estilísticas
- * Marcas temporais
- * Marcas de frequência
- * Marcas de linguagens de especialidade
- * Marcas de avaliação.

Na realidade, é o planejamento de um dicionário que determina quais são as categorias de marcas que ele vai empregar e quais são as marcas que entram em cada categoria, pois a variação lingüística é um fato da língua e um dos papéis de um dicionário é fixar uma posição ante a variação. Assim, um dicionário deliberadamente sincrônico e fechado aos regionalismos não vai precisar de marcas temporais, nem de marcas geográficas.

A apresentação das diferentes categorias de marcas, com as marcas respectivas, visa a expor os parâmetros da cada categoria. O emprego das marcas nos NDA, PR e DUW serve a esta análise.

4. 2. 1 As marcas geográficas

A Apresentação do PR e a Introdução do DUW deixam pouco aparente os pressupostos teóricos em relação às marcas geográficas.

O DUW faz distinção entre acepções cuja área lingüística está claramente definida e outras em que o uso regional não está claramente definido. Para o primeiro caso, existem marcas que se referem a entidades geográficas precisas (*nordd.*, *schweiz...*) e, para o segundo, a marca usada é *landsch.*, que quer dizer *regionalismo*.

O PR apresenta unicamente a marca *regionalismo* e explica em que medida palavras ou acepções do francês de fora da França foram integradas na macroestrutura. A atitude do PR parece ser a de que uma acepção de fora da França só entra no dicionário se ela for usada em todo país como a Suíça, a Bélgica ou o Canadá; já a África parece não gozar de uma subdivisão em países.

O quadro seguinte apresenta as marcas de uso geográficas empregadas nos dicionários tal como foram registras nas respectivas listas de abreviações e corpus:

| Marcas de uso geográficas | | |
|--------------------------------|---------------------------|-----------------------|
| NDA | PR | DUW |
| açor. | <i>Belgicisme</i> | <i>berlin.</i> |
| afr. | <i>Dialect.</i> | <i>Bundesrepublik</i> |
| Amaz. | <i>Mérid.</i> | <i>DDR</i> |
| bras. | <i>Région.</i> | <i>landsch.</i> |
| Bras., + abreviação de estado: | <i>Région. (Afrique)</i> | <i>niederd.</i> |
| <i>Bras., MA /</i> | <i>Région. (Belgique)</i> | <i>nordd.</i> |
| <i>Bras., SP a RJ etc.</i> | <i>Région. (Canada)</i> | <i>nordwestd.</i> |
| C. | <i>Région. (Midi)</i> | <i>obersächs.</i> |
| C.O. | <i>Région. (Nord)</i> | <i>ostd.</i> |
| E. | <i>Région. (Suisse)</i> | <i>österr.</i> |
| lus. | <i>Suisse</i> | <i>ostmd.</i> |
| lusó-afr. | | <i>ostniederd.</i> |
| lusó-asiat. | | <i>ostpreus.</i> |
| Mad. | | <i>pfälz.</i> |
| Moç. | | <i>regional.</i> |
| N. | | <i>rhein.</i> |
| N.E. | | <i>sächs.</i> |
| N.O. | | <i>schles.</i> |
| O. | | <i>schwäb.</i> |
| Port. | | <i>schweiz.</i> |
| prov. | | <i>südd.</i> |
| prov. lus. | | <i>südwestd.</i> |
| S. | | <i>tirol.</i> |
| S.E. | | <i>westd.</i> |
| S.O. | | <i>westfäl.</i> |
| | | <i>westmd.</i> |
| | | <i>westniederd.</i> |
| | | <i>wiener.</i> |

Este quadro não pretende ser exaustivo, pois, se uma marca específica não foi abreviada, ela não aparece na lista do dicionário. No entanto, o quadro permite observar como as marcas geográficas se organizam em cada um dos dicionários.

As três obras dispõem de marcas referentes a países nos quais uma das três línguas é falada: *Bras.*, *Région.(Suisse)*, *österr.* (Áustria), por exemplo. Quanto à subdivisão dos países, o DUW e o NDA não têm a mesma postura que o PR.

Assim, o NDA dispõe de marcas dividindo Portugal em *açor.*, *Mad* e *prov. lus.*, assim como marcas dividindo o Brasil: *Bras.*, *MA* ou *Bras.*, *N.E.*, por exemplo. O DUW também divide o uso lingüístico dos vários países de língua alemã com marcas como *ostpreus.* (Prússia oriental), *tirol.* ou *wiener.* (Viena). Ao contrário, o PR divide unicamente o uso lingüístico da França com marcas como *Région. (Midi)* ou *Région.*

(*Nord*). Por esta razão o PR dispõe de um número de marcas geográficas nitidamente menor do que o NDA e o DUW.

Um fator que explica em parte esta diferença é de ordem histórica e política. A França que tem uma tradição centralizadora, secular, faz com que sua língua padrão tenha maior força no conjunto do território lingüístico. Já a língua alemã se superpõe a uma área politicamente heteróclita; convém lembrar que a Alemanha conseguiu a unidade política só no final do século XIX e continua com uma organização federalista. Para o português, cabe mencionar que o principal país lusófono, o Brasil, dispõe também de uma organização federalista, sem esquecer que o país tem uma superfície 15,5 vezes maior do que a França. No entanto, certos recortes teóricos são mais importantes para explicar as diferenças entre o PR de um lado e o NDA e o DUW de outro.

Ao tratar de marca geográfica, ou “marca topoletal”, Rousseau (1994) afirma que “é uma informação metalingüística, pontual, específica e diferencial que indica a área de extensão geográfica particular de uma palavra, de uma noção ou de um emprego *em relação ao conjunto do espaço lingüístico descrito*”⁵ (p. 10). Ora, a definição do espaço lingüístico implica certas escolhas ideológicas que se relacionam a marcas específicas.

Os NDA, PR e DUW mostram que existem basicamente duas possibilidades para definir o espaço lingüístico que serve de referência dicionarística: ou um país preciso como, por exemplo, a França; ou a área lingüística na sua maior extensão como, por exemplo, a lusofonia ou a francofonia.

O PR escolheu a primeira solução tomando o francês da França como sistema lingüístico de referência. É este fato que explica porque há marcas como *Région*.

(*Midi*) neste dicionário, mas não **Région*. (*Montréal*). Nesta perspectiva, o francês de fora da França não ultrapassa o estatuto de regionalismo:

1. **BORDIER** [...] *adj.* (1694; de *bord*). ♦1º Géogr. *Mèr bordière*, située en [...] ♦2º *Mar.* Se dit d'un bateau [...] ♦3º *Suisse*. Riverain.

BRUNANTE [...] *n. f.* (1810; mot canadien, de *brun* «sombre»). *Région*. (*Canada*). Tombée de la nuit [...].

MÉCONDUITE [...] *n. f.* (date incert.; de *mé-*, et *conduite*). *Région*. (*Belgique*). Mauvaise conduite [...].

Esta atitude está diretamente ligada à noção de norma lingüística. O Suíço, o Canadense ou o Belga talvez não percebam as palavras ou acepções como regionalismos, mas como a língua padrão. Assim põe-se a questão de saber se uma língua pode ter mais de uma norma. Durante muito tempo a resposta foi *não* para o francês, e o francês da França foi considerado como o único legítimo. Hoje em dia, esta posição não é mais unanimemente aceita e já existem dicionários que refletem uma outra norma. O *Dictionnaire québécois d'aujourd'hui* (DQA) de Boulanger (1992), por exemplo, não se baseia mais no francês da França, mas no uso lingüístico do Quebec. Esta atitude impõe um sistema simétrico de marcação entre o DQA e o PR. Assim, “brunante”, no DQA, não precisa de uma marca, porque apresenta simplesmente a acepção corrente em Quebec.

À época da sua publicação, esse dicionário canadense recebeu muitas críticas, quanto à sua posição ante a norma, fato que ilustra todo o problema da área lingüística de referência. Na mesma medida em que uma comunidade não afirma sua própria norma lingüística, cresce uma insegurança em relação a seu uso, impedindo que essa comunidade venha a se circunscrever como uma área de referência lingüística.

A posição do NDA e do DUW em relação à área lingüística de referência não é a mesma do PR. Os dois dicionários utilizam como critério para a escolha da norma a

⁵ O grife e nosso.

extensão máxima em que o português e o alemão, respectivamente, são falados e não apenas um país. Esta atitude não resolve o problema da norma, ou das normas, de uma dada língua, mas recua a acuidade que o lexicógrafo venha a ter em relação à norma. Se, no PR, o nível não-marcado corresponde ao francês da França, no NDA e no DUW este nível se situa no âmbito da respectiva “fonia”⁶.

Uma acepção não-marcada no NDA faz parte do português de Portugal e do Brasil e da lusofonia em geral. O verbete “banheiro”,

banheiro. *S. m.* **1. Bras.** Aposento com todo [...] **2. Bras.** Aposento com vaso sanitário [...] **3. Bras.** [...] **4. Lus.** Indivíduo que prepara [...] **5. Lus.** V. *salva-vidas*. **6. Lus.** Proprietário ou administrador [...].

ilustra como a posição do NDA, quanto à marcação geográfica, diverge daquela do PR. O referido verbete está dividido em acepções válidas para o português do Brasil e para o português de Portugal. As primeiras, acepções 1 a 3, são marcadas *Bras.* e as segundas, acepções 4 a 6, são marcadas *Lus.* Desta maneira os brasileirismos e os lusitanismos estão no NDA em pé de igualdade, ambos são *regionalismos em relação a um português supranacional*, porque a marcação não estabelece uma hierarquia.

Verbetes como “Ostblockstaat” ou “Ausläufer”,

Ausläufer, der; -s, -: **1.** *etw., worin etw. ausläuft (7), endet:* die A. des Schwarzwaldes; (Met. :) die A. einer Randstörung [...] **2.** (Bot.) *Seitenspross, -trieb*. **3.** (österr., schweiz.) *Bote:* einen A. suchen.

Ostblockstaat, der (meist Pl.) (bes. Bundesrepublik Deutschland): *dem Ostblock angehörender Staat.*

mostram que o DUW tem a mesma posição que o NDA, no que diz respeito à marcação geográfica. As acepções 1 e 2 de “Ausläufer” pertencem a um alemão supranacional enquanto “Ausläufer 3” pertence ao alemão da Suíça e da Áustria; como “Ostblockstaat” pertence ao alemão da Alemanha.

⁶ Entende-se por *fonia* a extensão geográfica que uma língua é falada. Assim, a lusofonia corresponde a todos os países nos quais se fala português.

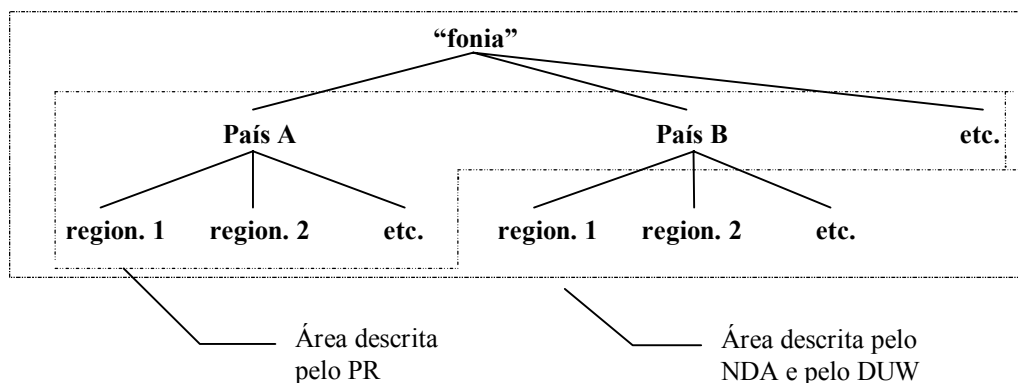
As duas possibilidades, tomar uma norma nacional como padrão dicionarístico ou servir-se duma norma supranacional como padrão dicionarístico, tem suas vantagens e inconvenientes que serão expostas.

Em termos lingüísticos, a primeira atitude, aquela do PR, pode ser vantajosa. Um dicionário assim concebido pode-se concentrar na descrição do léxico do seu país com os regionalismos referentes a estes. Já a descrição do léxico de fora do país não precisa de ter a mesma pormenorização. O consulente médio de Paris dificilmente será confrontado a um regionalismo de Trois-Rivières do Quebec, assim como um Quebequense precisa mais de reconhecer os regionalismos do Canadá que o da França. Nesta perspectiva, é inteiramente justificada a posição do PR de não empregar e não marcar regionalismos de fora da França se estes se restringem ao uso interior de um país francófono.

Nota-se que a escolha de um país para estabelecer a norma dicionarística impede ao consulente de saber se uma acepção não-marcada faz parte unicamente do uso nacional ou também do uso supranacional. Além disso, cabe mencionar ainda que a escolha da língua de um país como referência impõe um sistema de marcas diferenciado para cada país. Acrescenta-se ainda que as observações precedentes só dizem respeito à organização teórica das marcas, em função do país que fornece a norma; em termos mais concretos, observa-se que a existência eventual de várias normas para uma língua nem sempre é aceita pela comunidade lingüística.

A posição do NDA e do DUW consiste em adotar como língua de referência uma norma supranacional. Isso permite deixar em suspenso o questionamento da existência de normas nacionais. As marcas *Bras.*, *Lus.*, *österr.* ou *schweiz.* podem ser interpretadas unicamente como indicadores da extensão geográfica de uma acepção. O aspecto sociolingüístico que faculta saber se uma acepção assim marcada pode ou não

fazer parte da língua padrão, fica para ser resolvido na política lingüística de cada país, caso haja política lingüística bem estabelecida. As marcas empregadas pelo NDA e pelo DUW mostram que a opção pela norma supranacional permite, e impõe, uma outra organização das marcas de uso em comparação à solução do PR. Pode-se esquematizar a extensão geográfica de uma língua da seguinte maneira:



O NDA e o DUW dispõem de marcas geográficas para cada nível desta árvore, sendo a raiz (“fonia”) o nível não-marcado. Para “País A”, “País B” etc. existem marcas de país como *Bras.* ou *österr.* e para cada país existem macas de regionalismos como *MA* ou *südd.* O PR, por sua vez, tem nesta árvore o País A” como nível não-marcado.

Adotar a fonia como nível não-marcado permite uma descrição mais detalhada da variação lingüística do que a escolha de um país determinado. O sistema de marcas geográficas há de submeter-se a uma das duas possibilidades apresentadas no esquema. No entanto, a escolha de um desses dois modelos de descrição ultrapassa o tema deste trabalho. A título indicativo, citam-se unicamente alguns parâmetros que podem influenciar na escolha: tamanho do dicionário, complexidade da área lingüística descrita, aceitabilidade dos regionalismos pela comunidade lingüística.

Ainda que a escolha seja a extensão geográfica de um país ou fonia como quadro de descrição, o lexicógrafo deve servir-se de marcas pertinentes estabelecidas

em função de realidades pragmáticas. Compete ao lexicógrafo perguntar-se se suas fontes são confiáveis: uma acepção marcada *Bras.* é realmente de uso exclusivo no Brasil, ou a referida acepção está unicamente fora de uso em Portugal? Mas mesmo com uma descrição lingüística muito refinada, o lexicógrafo precisa de marcas para indicar que uma acepção foge da língua padrão sem que ela esteja ligada a uma área precisa. O PR indica esta realidade com *Région.*, regionalismo, sem maiores precisões; corresponde no DUW a marca *landsch.* Já o NDA, além das marcas geográficas de pouca precisão como *C.* (centro) ou *N.* (norte), dispõe das marcas *prov.* (provincianismo) e *prov. lus.* (provincianismo lusitano) para indicar a extensão geográfica imprecisa, mas reduzida, de certas acepções.

O PR e o DUW dispõem ainda cada um de uma marca geográfica específica. No PR *Dialect.* significa o mesmo que *Région.* quanto à difusão reduzida de uma acepção assim marcada, mas *dialect.* informa ainda que se trata de uma acepção proveniente de um dialeto. A marca *regional* do DUW não deve ser confundida com *Région.* do PR porque *regional* no DUW significa que uma acepção assim marcada não tem equivalência na língua padrão, já *landsch.*, que corresponde a *Région.* do PR, tem uma equivalência na língua padrão.

Convém observar que a função da marca de uso geográfica é indicar a variação lingüística horizontal. Dessa forma, há de interrogar-se se um fato, uma realidade, típica do Brasil ou típica do Québec podem ser designados obrigatoriamente com as respectivas marcas geográficas, ou se um fato extralingüístico típico de um país implica obrigatoriamente uma acepção marcada. Alguns exemplos dos três dicionários ilustram este problema.

No NDA existem, entre outras, os verbetes seguintes com marcações geográficas:

açai [do tupi *yasa'i* [...]] *S. m. Bras. Amaz.* **1.** Palmeira [...]. **2.** O fruto do açai; juçara. **3.** Refresco desse fruto [...].

bodega. [do gr. *apothéké* [...]] *S. f.* **1.** *V. taberna* (1). **2.** *Bras.* Pequeno armazém [...] [Sin. (no RS): *boliche.*] **3.** *Fam.* Comida grosseira e malfeita. **4.** Coisa suja [...] **5.** *Bras. Gír.* Coisa insignificante [...].

fazenda. [Do lat. vulg. lusitano **facenda* [...]] *S. f.* [...] **7.** *Pop.* Mulher bonita, vistosa [...] **8.** *Bras.* Órgão da administração pública incumbido de arrecadar, administrar, fiscalizar e distribuir os bens patrimoniais da União, de um estado ou de um município. **9.** *Econ. e Cont.* Azienda.

São três verbetes com acepções caracterizadas como sendo do Brasil.

No caso de “açai” há ainda uma maior precisão com a presença de *Amazon*. Ao observar a parte definitiva, vê-se que a marca de uso parece designar, antes de tudo, uma realidade que é própria ao Brasil. Se a fruta açai fosse exportada para Portugal haveria pouca probabilidade de que o país importador mudasse sua denominação.

Ao contrário, “bodega” *Bras.* caracteriza claramente um fato de língua; há de se supor que os Portugueses empregam uma outra palavra para designar um pequeno armazém.

Já no caso de “fazenda 8” pode-se perguntar se *Bras.* não se refere à realidade designada e a um fato de denominação lingüística específico do Brasil.

Ao comparar “açai” e “bodega 2”, pode-se deduzir que as marcas geográficas caracterizam fatos de natureza diferente e que o NDA não reserva um tratamento diferenciado a estes dois casos. O exemplo “fazenda” ilustra, aliás, que a distinção entre uma realidade específica de um país e a denominação dessa realidade nem sempre é fácil de ser solucionada no léxico.

Do PR retiram-se os três verbetes seguintes:

YOHIMBEHE [...] *n. m.* (1908; mot bantou). *Bot.* ou *région.* (Afrique). Arbre du Cameroun [...].

BRUNANTE [...] *n. f.* (1810; mot canadien, de *brun* «sombre»). *Région.* (Canada). Tombée de la nuit [...].

BLEUTIÈRE [...] *n. f.* (1937; mot canadien, de *bleuet*, 2º). Au Canada, Terrain à bleuets ou myrtilles [...].

O caso de “yohimbehe” é comparável àquele de “açaf”. Nota-se a presença da marca de uso *Région. (Afrique)* em correlação com a sua definição na qual se indica que o objeto designado é uma árvore de um país preciso.

“Brunante” é uma denominação lingüística específica do Canadá, pois o conceito «cair da noite» não é conhecido sob a denominação “brunante” na Europa.

“Bleutière” não recebe nenhuma marca de uso, mas a definição situa a realidade designada: “No Canadá, terreno com flores [...]”, no entanto, um terreno assim definido pode existir também na França. “Bleutière” é um regionalismo porque a palavra foi formada e empregada no Canadá, embora a realidade designada não seja reservada ao Canadá.

Os exemplos do PR mostram com maior clareza que nem sempre é fácil separar o fato lingüístico da realidade extralingüística. No entanto, observa-se também no PR uma tendência a mencionar na definição o país ou a região de onde vem a realidade designada. Este procedimento que, aliás, é um meio de escamotar o emprego de marcas de uso, pode ser observado igualmente em outras categorias. Entre o NDA, PR e DUW, o PR é o dicionário que recorre com maior freqüência a este procedimento.

No DUW foram detectadas algumas ocorrências de definições que provocam a dispensa de marcas geográficas, os verbetes seguintes servem de exemplos:

Gemeindeversammlung, die: **a)** (*in kleineren Gemeinden, bes. in der Schweiz*)
*Versammlung aller Stimmberechtigten zur Beschlussfassung über wichtige
 Angelegenheiten der Gemeinde; [...].*

DEFA, die; -[Kurzwort für **Deutsche Film-Aktiengesellschaft**]: volkseigene
 Filmgesellschaft der DDR.

ZGB = Zivilgesetz buch (in der Schweiz).

Em “Gemeindeversammlung” observa-se que os parênteses não são empregados como suporte de marcas de uso, mas como parte da definição. Em outras ocorrências, foi levantada a marca “(bes. schweiz.)” e ela podia ser empregada igualmente em “Gemeindeversammlung” substituindo a indicação topográfica na definição. Para as duas abreviações, DEFA e ZGB, a precisão geográfica aparece uma vez entre parênteses (ZGB) e outra não. Em ambos os casos, “Schweiz” ou “DDR” poderiam ser evitadas nas respectivas definições se fosse empregada a marca de uso geográfica apropriada.

Para encerrar as observações sobre as marcas de uso geográficas, convém observar que este trabalho se limitou a tratar unicamente do emprego das marcas geográficas em relação a acepções; no entanto, segundo o programa de um dicionário dado pode surgir a necessidade de marcar outros fatos. Assim, no DUW foi levantado um caso de uma marca geográfica para designar uma variante ortográfica. O mesmo pode ocorrer com pronúncias divergentes para uma mesma palavra entre dois países, mas este fato não foi levantado em nenhum dos três dicionários.

4. 2. 2 As marcas estilísticas

Denominam-se *marcas estilísticas* as marcas de uso que caracterizam primordialmente a variação lingüística vertical. Várias outras apelações são possíveis e empregadas, segundo o recorte epistemológico estabelecido para as categorias de marcas de uso. Rousseau (1994) chama estas marcas, que caracterizam uma situação de comunicação específica e um registro de uso particular, de marcas sociolingüísticas. Ele distingue duas possibilidades de classificação segundo a *situação de comunicação* e segundo a *hierarquia social*. Esta divisão cobre aquelas criadas por Klein (1974), denominadas “dimensão situativa” e “dimensão social”.

No dizer de Rousseau, a situação de comunicação inclui também a *situação de especialização ou tecnicidade* em que se marca a linguagem de especialidade. A *situação de comunicação* é particularmente prolixa em marcas de uso, por isso ela constitui uma categoria de marcas à parte nesta dissertação, e nós estamos em conformidade com Rousseau.

Foram excluídas desta categoria igualmente certas marcas que estão em relação com a apreciação estilística. São marcas como *irôn.* ou *deprec.*, por exemplo. Em comparação com marcas como *vulg.* ou *pote.*, estas últimas caracterizam palavras que são intrinsecamente vulgares ou poéticas, isto é, ligadas a uma percepção hierárquica de níveis de linguagens, ou de registros. Já palavras avaliadas como *irôn.* ou *deprec.* podem-se associar a níveis estilísticos tanto acima como abaixo de uma camada lingüística não-marcada. Assim “Defaitismus” é marcado no DUW com *Didact.* e com *depreciativo* (abwertend) e “sabichão” no NDA com *fam.* e com *irôn.*

Levando em consideração estas restrições, chega-se ao seguinte inventário de marcas de uso estilísticas nos três dicionários

| | NDA | PR | DUW |
|------------------|---|-----------------------|----------------------------------|
| + elevado | poet. liter. | poét. litter. | dichter. bildungsspr. geh. |
| neutro | | cour. | |
| - elevado | fam. pop. pleb. chulo vulg. | fam. pop. vulg. | ugs. salopp derb vulg |

Curiosamente os três dicionários dispõem de uma gama de marcas mais rica embaixo da camada linguisticamente neutra. O PR é o único dicionário que prevê uma marca para caracterizar o nível neutro.

Nota-se que os três dicionários estabelecem as distinções estilísticas entre os dois mesmos pólos: do lado mais elevado, há a marca *poético* e, do lado mais baixo, há a marca *vulgar*. Os problemas aparecem ao lexicógrafo no momento em que deve preencher o espaço entre essas duas extremidades. Já foi visto que o DUW e o PR fazem um esforço para definir as diferentes marcas. Assim, o quadro acima reflete a hierarquia estabelecida por estes dicionários. No entanto, há dicionários franceses que não empregam a marca *vulg.*, e a marca *pop.* recebe críticas porque ela se origina numa classe social. Ora, não existem marcas como **bourg.* ou **arist.* para caracterizar usos particulares da burguesia ou da aristocracia respectivamente.

O DUW e o PR, pelo menos, explicam como o consulente deve entender as marcas empregadas, o que não acontece no NDA, ainda pior, ao consultar os verbetes “chulo”, “vulgar”, “popular”, “plebeu” e “familiar” neste dicionário não se consegue estabelecer distinções nítidas entre as marcas correspondentes:

chulo. [...] **1.** Grosseiro, baixo, rude [...] **2.** Usado pela ralé; ordinário [...]

vulgar. [...] **1.** Relativo ou pertencente ao vulgo; comum, ordinário, trivial, usual.
2. Reles, ordinário. **3.** [...].

popular. [...] **1.** Do, ou próprio do povo [...] **5.** Vulgar, trivial, ordinário; plebeu [...].

plebe. [...] **1** Entre os romanos, a classe popular, por oposição ao patriciado. **2.** O povo, por oposição aos nobres. **3.** V. povo (6) **4.** *Deprec.* V. zé-povinho.

familiar. [...] **2.** Vulgar, trivial, comum [...].

Constata-se que “chulo”, “vulgar” e “popular” significam *ordinário*, segundo o dicionário, e que as palavras “popular” e “familiar” significam igualmente *vulgar*, fato que dificulta uma percepção diferenciada das várias marcas estilísticas. A presença de duas marcas que se referem mais a classes sociais (*pleb.* e *pop.*) do que a registros estilísticos dificulta também a percepção de uma hierarquia entre as diferentes marcas de uso.

Além destes fatos, existe ainda o problema de avaliação estilística a um nível individual. As diferentes gerações não têm os mesmos tabus lingüísticos e certos indivíduos de uma mesma geração podem taxar certas formas lingüísticas de “vulgar” enquanto outros achariam a mesma forma somente “popular”.

As dificuldades encontradas com as marcas estilísticas, sobretudo no NDA, mostram a necessidade de uma redefinição. É nosso propósito apresentar, no capítulo seguinte, uma proposta de sistematização de categorias de marcas de uso para um dicionário de português do Brasil, uma vez que a utilidade da categoria em si no discurso lexicográfico não é contestada.

4. 2. 3 As marcas temporais

O emprego de marcas temporais não causa maiores problemas em comparação às marcas estilísticas. Efetivamente, o PR e o DUW apresentam as bases de seu uso, que são a) distinguir, na apreciação cronológica os fatos lingüísticos dos fatos extralingüísticos e b) fixar as polaridades entre as quais as diferentes marcas se inserem.

O quadro seguinte apresenta as marcas temporais levantadas nos três dicionários.

| Marcas de uso temporais | | |
|-------------------------|--------------------------------|----------------------------------|
| NDA | PR | DUW |
| <i>arc.</i> | <i>vx</i> (arcaico) | <i>veraltet</i> (arcaico) |
| <i>ant.</i> | <i>vieilli</i> (desusado) | <i>veraltet</i> (desusado) |
| <i>obsol.</i> | <i>anciennt.</i> (antigamente) | <i>hist.</i> (histórico) |
| <i>desus.</i> | <i>antiqu.</i> (antigüidade) | <i>ns.</i> (nacional-socialismo) |
| <i>neol.</i> | <i>mod.</i> (moderno) | <i>früher</i> (antigamente) |
| | <i>néol.</i> (neologismo) | |

Os três dicionários fixam somente uma extremidade no eixo temporal com a marca *arcaico*. Na outra extremidade, aparece a marca *neol.*, neologismo, unicamente no NDA e no PR. O DUW decidiu não empregar a referida marca. É de se supor que a marca *neol.* está sujeita a críticas.

Um dicionário de língua geral tem certos critérios para a seleção de verbetes e acepções. Um desses critérios deve ser o tempo de existência de uma acepção mais ou menos consolidada na língua para poder figurar no corpus dicionarístico. Se uma acepção for suficientemente consolidada na língua e se ela tiver aparecido há pouco tempo, a presença da marca *neol.* pode ser justificada. Por outro lado, é preciso ter em conta a frequência com que o dicionário é revisado. O NDA, por exemplo, marca o verbete “estrelato” como *neologismo*. Ora, a última revisão deste dicionário data de 1986 e as seguintes reimpressões não foram modificadas. Resulta deste procedimento que verbetes e acepções com mais de dez anos na língua ainda são marcados como neologismos, mas “estrelato”, supõe-se, não é mais percebido como tal.

Da mesma forma como nas marcas geográficas, o PR prevê uma marca para caracterizar o nível linguisticamente neutro, que normalmente não recebe marcas: *mod.*

Em **mitaine I. ♦2º**,

MITAINE [...] *n. f.* (1180; de l'a. fr. *mite* [...]). **I. ♦1º** *Vx* ou *région*. [Canada].
Moufle. ♦2º *Mod.* Gant qui laisse à nu [...]

Mod. serve para distinguir a segunda acepção da primeira, ou seja, o consulente é informado de que a segunda acepção faz parte da língua contemporânea, enquanto que o primeiro é arcaico, *vx.*

O PR e o DUW têm atitudes bastante parecidas no emprego das marcas temporais. Primeiramente, existem duas marcas (*arcaico* e *desusado*) para indicar o distanciamento cronológico de uma acepção da língua contemporânea.

Depois, os dois dicionários empregam um certo número de marcas para indicar que o referente de uma acepção dada corresponde a uma outra época. No que diz respeito a este tipo de marcas, há de notar-se que o quadro acima pode ser incompleto: caso uma marca não apareça nem na lista de abreviações, nem no corpus, ela não figura na referida lista. Certas marcas se referem a períodos históricos precisos, como *antiq.*, antigüidade, no PR ou *ns.*, nacional-socialismo, no DUW. Outras marcas indicam unicamente que a realidade designada não é mais do mundo contemporâneo, são as marcas *anciennt.* e *früher* respectivamente no PR e no DUW. As duas marcas podem ser traduzidas por *antigamente*.

A marca *ns.*, nacional-socialismo, ilustra igualmente um fato particular. A época assim caracterizada teve uma grande influência sobre o uso da língua, o que justifica a existência de uma marca distinta. Ao mesmo tempo o verbete “Reich”,

Reich [...]; das tausenzährige R. (*ns.*, noch iron.; *das Dritte Reich*); [...].

mostra que o uso lingüístico e a realidade assim designada por uma acepção estão muitas vezes correlacionadas. “Reich” corresponde a um uso lingüístico típico de uma época e a uma realidade assim designada que não existe mais.

Em contraste a “Reich”, cita-se agora o verbete “panthéon” do PR,

PANTHÉON [...] *n. m.* (1491; lat. *Pantheon*, gr. *Pantheon* [...]). ♦**1º** *Antiqu.* Temple consacré à tous les dieux [...] ♦**2º** Monument consacré à tous les dieux. [...].

Este verbete se divide em duas acepções. A primeira recebe a marca *antiqu.*, antigüidade, e a segunda não é marcada. Em outras palavras, “panthéon” faz parte da língua contemporânea (acepção 2), mas designa também uma realidade de outros tempos (acepção 1).

O problema de distinguir o uso lingüístico da realidade designada, quanto ao emprego de marcas temporais, pode ser contornado integrando uma informação cronológica na definição. Este procedimento já foi observado em relação às marcas geográficas e ele existe igualmente nos três dicionários com as marcas temporais:

duma¹. [...] *s. f.* Assembléia dos representantes do povo, na Rússia czarista.

GAULEITER [...] *n. m.* (v. 1940; mot all., de *gau* «district», et *leiter* «chef»).
Chef d'un district, dans l'Allemagne hitlérienne.

Folterbank, die (Pl. ...bänke): (*im MA.*) *Gestell, auf das jmd. zur Folterung* [...] *gelegt wurde* [...].

No caso de “duma” do NDA e de “gauleiter” do PR há uma indicação de época integrada na respectiva definição, *czarista* no caso do NDA e *hitlériana* no PR. Já o DUW coloca este tipo de informação muitas vezes entre parênteses, mas numa forma sintática compatível com a definição. Assim, “Folterbank” *im MA.* significa durante a Idade média e pode ser ligado à definição se se retirarem os parênteses.

Além de *neol.*, as marcas empregadas pelo NDA merecem um certo número de observações. Primeiramente, este dicionário faz a distinção entre “antigamente”, “arcaico” e “desusado” à maneira do PR e do DUW. Dessa forma, “nomenclador [...] Escravo romano” e “torno [...] Volta, giro” são ambos marcados *ant.*, quer dizer *antigo*.

Nota-se, pois, uma certa dificuldade para interpretar que distanciamento as diferentes marcas exprimem em relação à língua contemporânea.

Ao consultar os verbetes que correspondem às várias marcas, pode-se admitir que *arc.* exprime o maior distanciamento da língua contemporânea e *ant.* o segundo maior. No entanto, nos casos em que *ant.* caracteriza a realidade designada, com, por exemplo, “nomenclador 3.”, não se pode mais falar em distanciamento, porque a referida acepção faz parte da língua contemporânea. Para as demais marcas, *obso.* (obsoleto) e *desus.* (desusado), não parecem existir índices claros para estabelecer uma classificação no âmbito de todas as marcas temporais. O NDA define “desusado” com “que está fora de uso” e “obsoleto” com “que caiu em desuso: arcaico”. Esta última marca, *obso.*, pode então exprimir um maior distanciamento da língua contemporânea do que *desus.*, mas a consulta do corpus não permite considerar como certa esta afirmação. O verbe “forde”,

forde. [...] *S. m. Obso.* Tipo de veículo automóvel de baixo preço [...].,

está há pouco tempo na língua e já recebe a marca *obso.* A marca *desus.* parece ter, em certos casos, um valor de marca de frequência como aparece no verbe seguinte:

varancada. *S. f. Desus.* varada.

Por falta de uma definição clara de *desus.* pode-se perguntar se a referida marca indica que “varancada” é simplesmente empregada com menor frequência do que “varada”, ou se “varancada” é menos usado hoje em dia do que em outros tempos.

Uma proposta de categorias de marcas de uso deve levar em consideração estes problemas detectados no NDA.

4. 2. 4 As marcas de frequência

Entre as seis categorias de marcas de uso, aquela referente à frequência de uso é numericamente a menos importante;

| Marcas de frequência | | |
|---|---|------------------------------------|
| NDA <i>p. us.</i> (pouco usado) | PR <i>inus.</i> (inusitado) <i>rare</i> (raro) | DUW <i>selten</i> (raro) |

É claro que existe uma relação entre marcas temporais e de frequência. O PR e o DUW apresentam as marcas *rara* e *selten* como se elas estivessem à margem das marcas temporais. O PR estabelece uma relação entre *rare* e *vx*, arcaico, esclarecendo que uma acepção que recebe a marca *rare* não teve o uso tão abandonado quanto uma palavra arcaica; já o DUW trata a marca *selten* no fim das marcas temporais sem indicar critérios temporais para o seu emprego.

O PR, único dicionário a usar mais de uma marca temporal, emprega ainda a marca *inus*. Ela serve para caracterizar acepções “de emprego extremamente raro” sem que haja índices de tempo que possam explicar o emprego reduzido.

O NDA emprega a marca *p. us.*, “pouco usado”, com uma certa frequência em entradas-remissivas quando a palavra a qual remete é de um uso mais comum:

academial *p. us.* - “acadêmico”

incomodante *p. us.* - “incômodo”.

No entanto, este emprego de *p. us.* está em concorrência com *desus.*:

varancada *desus.* - “varada”.

já no caso de

saçaricar. *V. int. Bras. Pop. P. us.* **1.** Balançar o corpo [...] **2.** Divertir-se à larga [...].

a marca *p. us.* deve referir-se unicamente a critérios frequenciais.

A validade do emprego de marcas de frequência está estritamente ligada a critérios estatísticos sobre o léxico de uma língua. Na falta de dados desta natureza, abstém-se de tratar esta categoria mais detalhadamente. Acrescenta-se unicamente que o emprego de marcas de frequência pode ser pouco significativo em dicionários com

60 000 entradas ou mais, visto que estes números ultrapassam de longe o vocabulário de um indivíduo mesmo muito instruído.

4. 2. 5 As marcas de linguagens de especialidade

A categoria das marcas de linguagens de especialidade é fruto de um certo número de recortes epistemológicos. Rousseau (1994: p. 23-31) nomeia esta categoria *de área* ou *socioprofissional* e a subordina à categoria das marcas sociolingüísticas. Esta categoria de marcas sociolingüísticas corresponde em parte à categoria de marcas estilísticas tratadas anteriormente.

As marcas socioprofissionais estão relacionadas a *situações de especialidade* ou *de tecnicidade*, uma vez que a situação implica que os interlocutores se reconhecem como pertencentes a uma mesma área socioprofissional ou técnica. O raciocínio é correto, no entanto nomear a referida categoria *socioprofissional* é demasiadamente redutor, uma vez que o adjetivo *socioprofissional* parece mais adequado para categorias que classificam a população, e não fatos lingüísticos.

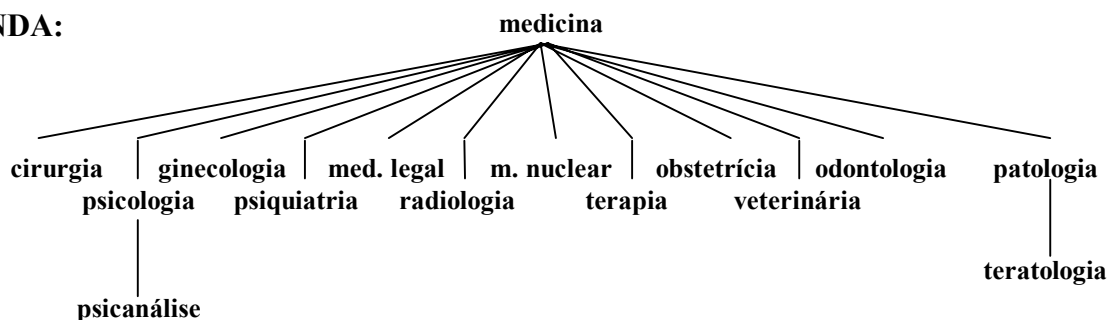
A denominação *linguagens de especialidade* tem a vantagem de relacionar-se claramente com o fato lingüístico, o que é vantajoso, uma vez que dicionários como o NDA, o PR e o DUW se servem de mais de cem diferentes marcas nesta categoria. Por causa do número elevado de marcas de linguagens de especialidade, dispensa-se de listar todas, como foi feito com as marcas das outras categorias.

O emprego de termos ou acepções que vêm de atividades ou de áreas do saber específicas recebem uma marca de uso. Uma acepção assim caracterizada é julgada pelo lexicógrafo como suficientemente divulgada na linguagem comum, apesar de pertencer, na origem, a uma linguagem de especialidade. Desta maneira aparecem dois tipos de problemas.

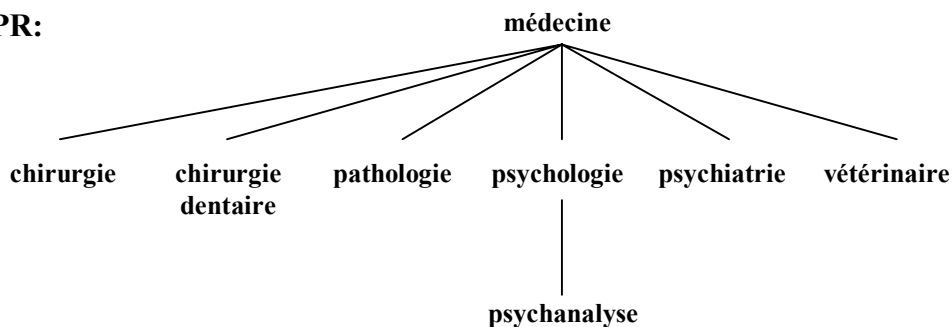
Primeiramente, saber a partir de que momento um termo se torna uma “palavra” que merece figurar num dicionário de língua geral. A priori, este problema não diz respeito diretamente ao emprego das marcas de uso. No entanto, cabe notar que, numa civilização cada vez mais técnica, a presença de acepções de linguagens de especialidades torna-se mais freqüente na língua geral.

Depois, aparece o problema de saber que nível de precisão é desejável num dicionário de língua quanto às diferentes áreas e subáreas que dispõem de linguagens de especialidade. Ilustra-se este problema com a área “medicina”. Os três esquemas a seguir apresentam como o NDA, o PR e o DUW dividem a referida área, ou ciência, em subáreas. Figuram nestes esquemas unicamente subáreas à quais correspondem marcas de uso específicas. Ciências como a *anatomia* (presente nos três dicionários com uma marca específica) ou como *fisiologia* (presentes no NDA e no DUW com uma marca específica) não foram incluídas porque elas não dizem respeito com exclusividade à medicina.

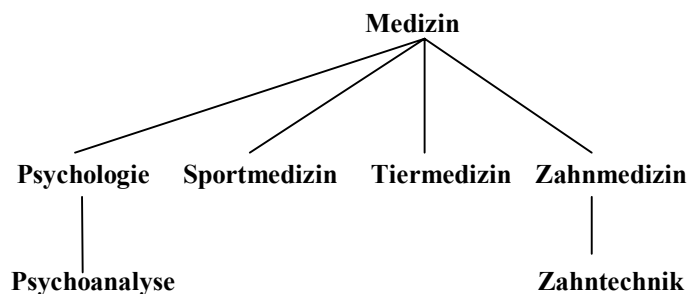
NDA:



PR:



DUW:



Estes esquemas mostram que o NDA dispõe do maior número de subáreas (14) e o DUW do menor (6). Neste caso, o PR, que só emprega sete subáreas, é relativamente comparável ao DUW que emprega seis subáreas. Observa-se que o maior número de subáreas e, por conseguinte, de marcas específicas, não é uma vantagem em dicionários de língua geral. Efetivamente, um profissional da área de saúde vai recorrer a um dicionário especializado se ele busca precisões sobre um termo de teratologia, por exemplo. Já o leigo, se ele encontrar a marca *ter.* sem dúvida consultará a lista de abreviações para saber que *ter.* significa *teratologia* e, em seguida voltará ao dicionário para conhecer os significados da referida palavra.

É este tipo de complexidade que faz com que o PR e o DUW recusem o emprego excessivo de marcas específicas para muitas subáreas. Aliás, o emprego de certas marcas não é feito de forma sistemática. *Encefalite* e *gastralgia*, por exemplo, recebem a marca *Patol.* no NDA enquanto o PR, que dispõe igualmente desta marca, prefere caracterizar as citadas acepções da mesma maneira do que o DUW com a marca *med.* Para um consulente deve ser suficiente saber que *gastralgia* significa “inflamação do estômago” e que a palavra não pertence à camada neutra da língua. Quanto à linguagem de especialidade de “gastralgia”, ela é suficientemente caracterizada com *med.*

O exemplo de *gastralgia* mostra que a delimitação em subáreas é possível, de um ponto de vista da ciência ou da área do saber implicada, mas vê-se igualmente que razões pragmáticas e lexicográficas fazem com que a presença de um grande número de subáreas, com as respectivas marcas, seja contraproducente, porque dificulta a consulta da parte de leigos. Não são unicamente áreas científicas que dispõem de linguagens de especialidade, mas também áreas de atividades humanas que se apresentam complexas para serem divididas em subáreas.

Assim na lista de abreviações do NDA existe a marca *Prom. Vend.*, Promoção de Vendas, que não apresenta acepções com esta marca no corpus do dicionário. Diante de tal obscuridade, supõe-se que esta marca não seja produtiva, sendo substituída no NDA pela marca *com.* (comércio) que, por sua vez, está incluída no domínio da economia.

Certas acepções, ou palavras, são fáceis de serem identificadas como originárias de linguagens de especialidade, mas causam problemas no que diz respeito à atribuição de uma marca precisa. Ilustra-se o fato com outro exemplo: o verbete “infibulação” no português e no francês. O NDA marca *infibulação* com *Cir.*, cirurgia, e o PR, para o qual o aspecto sociológico do significado prevalece, emprega a marca *sociol.* Neste caso, há de questionar-se se o significado designa realmente algo relacionado à cirurgia ou se o significado não designa, antes de tudo, uma prática social, independente da linguagem de especialidade da medicina.

Caso não haja possibilidade de atribuir uma única marca, existe sempre a solução de acumular marcas como se vê em “Dispersion 1” do DUW. Esta acepção recebe as marcas *Physik* e *Chemie*. Em casos parecidos, o NDA e o PR empregam também o acúmulo de marcas de linguagens de especialidade:

fazenda. [Do lat. vulg. lusitano **facenda* [...]]*S. f.* [...] 9. *Econ.* e *Cont.* Azienda.

DENSIFICATION [...] *n. f.* (mil. XX^o; de *densifier*). **II.** (1973). *Démogr. Géogr.* Augmentation de la densité (de la population de l'habitat).

Além do acúmulo de marcas, existe igualmente a possibilidade de recorrer a marcas que cobrem várias áreas ou subáreas. Serve de exemplo a área de “esportes”. Os três dicionários dispõem de uma marca para essa área. Caso não seja possível atribuir uma acepção precisa como *Fut.*, futebol, os lexicógrafos podem recorrer à marca mais geral.

O mesmo procedimento é igualmente observável em outras áreas. Assim a marca *Naturw.* do DUW se refere a todas as ciências naturais e o PR emprega até vários níveis de generalização. Além das marcas que se referem a ciências precisas, este dicionário emprega ainda a marca *sc.*, ciência, para caracterizar “termos didáticos pertencentes a várias ciências”. Acima da marca *sc.* existe ainda a marca *didact.*, didático, que serve para rotular acepções que “existem unicamente na linguagem erudita (livros de estudo etc.)” no dizer da equipe do PR.

Anteriormente, quando se tratou da variação horizontal, observou-se que uma definição pode ser formulada de tal maneira, que a marca de uso geográfica seja dispensável. Este tipo de recurso existe igualmente para as linguagens de especialidade. O PR e o DUW mencionam justamente que certas denominações não recebem marcas específicas se a definição for suficientemente explícita. Este fato é relevante, sobretudo para acepções referentes à zoologia e à biologia. O NDA usa também esta estratégia e assim “quivi”⁷, o pássaro, não recebe marca de uso em nenhum dos três dicionários.

4. 2. 6 As marcas de avaliação

As marcas de uso das categorias até agora abordadas têm em comum indicar que uma acepção se distancia da camada neutra da língua. O distanciamento pode-se

explicar com a variação horizontal, a vertical, além de critérios de tempo, de frequência e de linguagem de especialidade. No que diz respeito às marcas de avaliação, cabe mencionar que elas se diferenciam claramente das marcas das outras categorias neste ponto. Efetivamente, a presença de uma marca de avaliação não implica obrigatoriamente que uma acepção fuja da camada lingüística neutra.

O quadro seguinte apresenta as marcas de uso encontradas no corpus:

| Marcas de avaliação | | |
|---|--|--|
| NDA | PR | DUW |
| <i>Burl.</i> <i>Deprec.</i> <i>Irón.</i> <i>Pej.</i> | <i>abusivt.</i> (abusivo) <i>Américanisme</i> <i>Anglic.</i> <i>Anglicisme</i> <i>Emploi critiqué</i> <i>Injure raciste</i> <i>Nom déposé</i> <i>Péj.</i> <i>Plaisant.</i> (jocosos) | <i>abwertend</i> (depreciativo) <i>emotional</i> <i>iron.</i> <i>Papierdt.</i> <i>scherzh.</i> (jocosos) <i>Schimpfwort</i> (injuria) |

A maioria das marcas (*burlesco, depreciativo, emocional, injúria, irônico, jocosos e pejorativo*) serve para apreciar o valor de uma acepção *quanto à intenção discursiva do locutor*, o que estabelece a diferença essencial entre as marcas de avaliação e as outras categorias. Um locutor pode escolher, deliberadamente, de exprimir-se de maneira popular ou literária, mas esta escolha não se manifesta para os usos pejorativos ou jocosos, por exemplo.

A segunda acepção do verbete “roupeta” do NDA permite ilustrar este fato. Escolher a palavra para designar um sacerdote implica com certeza uma opinião anticlericalista, uma vez que a referida acepção é depreciativa, no entanto, esta escolha não demonstra que o locutor queira se exprimir de maneira literária ou popular. “Roupeta” faz parte da camada neutra da língua.

⁷ “Kiwi” em alemão e em francês.

É preciso reconhecer que certas marcas do DUW e do PR demonstram antes uma avaliação da equipe dos lexicógrafos do que do locutor. O DUW emprega a marca *Papierdt.*, para designar como “seco, rígido, sem vigor” e relacionado ao ato de escrever. A palavra caracterizada como *Papierdt.* é *Inbetriebnahme* que significa “o primeiro funcionamento” ou “o primeiro uso” de algo; descompõe-se em *In* (em), *Betrieb* (funcionamento) e *Nahme* (colocação) que resulta numa substantivação inusitada na língua falada, e de certa pretensão na língua escrita.

Haensch (1982: p.151) fala ainda de *marcas de origem*, ou *marcas diaintegrativas*. No entanto, o corpus só permitiu levantar marcas deste tipo no PR, e unicamente para palavras ou acepções provenientes da língua inglesa. As marcas em questão são *Americanisme* e *Anglicisme*, ambas definidas como “abusivo ou inútil”. Esta definição permite incluir as duas marcas na categoria *de avaliação* porque a equipe do PR faz um julgamento. Procedimento que se observe ainda com outras marcas.

Assim, as marcas *abusivt.* e *Emploi critiqué* servem para informar o consulente de que certos empregos são “muito criticáveis” (*abusivt.*) ou “criticáveis”. O PR caracterizou, por exemplo, o emprego de “bic”, nome duma marca registrada, com *abusivt.* quando empregado para designar uma caneta esferográfica de qualquer outra marca.

O emprego de nomes de marcas e produtos na língua geral ilustra, aliás, que certos fatos podem ser tratados de diferentes maneiras. Pode-se indicar algo com uma marca de uso ou por meio de rubricas específicas. O PR emprega a marca de uso *Nom déposé* para caracterizar o verbete “Canadaire”. Sabe-se desta maneira que essa palavra é um nome registrado e que assim seu emprego sofre certas restrições. O NDA e o DUW não se servem de marcas de uso para responder a este tipo de caso. O DUW

emprega o símbolo de “marca registrada”, ®⁸, imediatamente após uma entrada do tipo “Maizena”:

Maizena ®, das; -s [Kunstwort]: *zum Kochen u. Backen verwendeter Maisstärkepuder.*

Já o NDA dá este tipo de informação entre parênteses,

xérox (chérocs). [Do ingl. *xerox*, nome registrado.] *S. m. 1. Art. Gráf. V. xerografia* (1 e 2) **2.** A máquina empregada nesse processo,

enquanto o PR não emprega a referida marca de maneira sistemática.

O caso de *nom déposé* é interessante porque ele mostra os limites do sistema de marcação. Na maioria dos casos, a função de uma marca é indicar o desvio de uma acepção da camada lingüística neutra. No caso das marcas de avaliação, nem sempre pode-se observar um desvio, em várias ocasiões a marca pode ser uma simples informação de que tal ou tal acepção não convém em certas circunstâncias. Pode-se citar como exemplo que é melhor *fotocopiar* documentos, do que *xeroxá-los*, quando se procede à cópia de documentos.

4. 3 Mais categorias?

As diferentes marcas acima classificadas como marcas de avaliação deixam transparecer que um maior refinamento em diferentes categorias seria possível, estabelecendo-se, por exemplo, a categoria de marcas de origem estrangeira.

As indicações retóricas do tipo *fig.* ou *p. ext.*, por exemplo, poderiam ser tratadas como marcas de uso e assim gozar de uma categoria específica.

⁸ Apresenta-se nesta dissertação sempre o símbolo inglês, em vez do alemão não disponível nos tratamentos de texto usuais no Brasil. O símbolo correto seria *Wz* num círculo.

A marca *Berufsbez.*, designação de profissão, do DUW não se encaixa em nenhuma das categorias tratadas. O que faculta a criação de uma categoria específica para que ela seja classificada.

Certos países com uma política lingüística fortemente presente na comunidade podem precisar de marcas de uso específicas nos seus dicionários. O Governo francês, por exemplo, publica listas com recomendações oficiais para tentar substituir certos estrangeirismos. Este fato se reflete nos dicionários e gera uma categoria de marcas de oficialização. Os dois anglicismos

JINGLE [...] *n. m.* (1967; mot angl.). *Anglic.* Motif sonore court [...]. - *Recomm. offic. Sonal.*

e

TANKER [...] *n. m.* (1945; mot angl. de *tank* [...]). *Anglicisme.* Bateau-citerne transportant des produits pétroliers. *Recomm. offic. V. Navire-citerne, pétrolier* [...].

estão inclusos no PR e remetem a outras palavras que, freqüentemente, estão marcadas com *Recomm. offic.* Assim, *Recomm. offic.*, que funciona como remissiva em “jingle” é uma marca em “sonal”:

SONAL [...] *n. m.* (1982; de 2. *son*). *Recomm. offic. pour jingle. Des sonals.*

Apesar das observações feitas acima, decidiu-se não estabelecer outras categorias de marcas de uso nesta dissertação. Os motivos são os seguintes. As seis categorias tratadas se mostraram suficientemente operacionais para encobrir a totalidade das marcas existentes no corpus do NDA, do PR e do DUW, salvo raríssimas exceções como *Berufsbez.* e *Nom déposé*. Estabelecer outras categorias implicaria que uma determinada marca pudesse ser cruzada com várias outras categorias. Dessa maneira, *Anglicisme* poderia ser interpretado como marca de origem estrangeira e como marca de avaliação, visto que ela serviria para caracterizar empréstimos criticados.

Levando em consideração que só o menor dos três dicionários, o PR, já contém por volta de 60 000 entradas, o que significa ainda um número de acepções muito maior, há de se questionar se, realmente, seria realista querer elaborar um sistema de marcação que respondesse a 100% dos casos de usos. Admite-se que não. No entanto, espera-se que uma boa sistematização ajude a encontrar um tratamento categorial adequado para casos imprevistos.

CAPÍTULO CINCO

5 CATEGORIAS DE MARCAS DE USO PARA UM DICIONÁRIO BRASILEIRO. UMA PROPOSTA

5. 1 Observações preliminares

Antes de elaborar uma proposta de categorias de marcas de uso, deve-se fixar para que tipo de dicionário se faz o projeto. De outra maneira, a proposta pode não corresponder às necessidades do dicionário. Com efeito, o programa do dicionário condiciona, em grande parte, as categorias que devem estar presentes. No entanto, o nosso assunto não é elaborar o programa de um dicionário, mas propor categorias de marcas de uso que um dado dicionário deve empregar, e indicar, numa certa medida, que marcas entram em cada categoria.

Nesta perspectiva, só se pode indicar em linhas gerais o programa de um dado dicionário, caso seja necessário, dar-se-ão certas informações precisas quando serão tratadas as diferentes categorias.

A presente proposta se dirige, então, a um dicionário de língua geral que tem como padrão o português do Brasil, no entanto, ele pode ter uma certa abertura à variante não-brasileira do referido idioma.

Ao falar de *língua geral*, quer-se dizer que, primeiramente, não se trata de um dicionário enciclopédico e, depois, que palavras e acepções de linguagens de especialidade⁹ só figuram no referido dicionário se elas tiverem uma presença real na língua geral. Dessa maneira, o dicionário em questão terá uma certa abertura à variação lingüística sem ter a pretensão de superar obras lexicográficas especializadas (dicionário especializado, glossários etc...).

Ao analisar as marcas de uso no NDA, no PR e no DUW encontram-se as seguintes categorias: **marcas geográficas, marcas estilísticas, marcas temporais, marcas de frequência, marcas de linguagens de especialidade e marcas de avaliação.** Esta dissertação já mostrou que estas categorias constituem uma ferramenta apta ao objetivo fixado, que é a indicação de categorias com conteúdo que possam servir a lexicógrafos na sua tarefa. É por esta razão que nossa proposta se serve das mesmas categorias.

5. 2 As categorias propostas

Antes de apresentar as diferentes categorias, deve-se indicar que a proposta exige a presença de certos elementos gráficos.

As marcas de uso devem ser impressas de tal maneira, que elas se diferenciem claramente das indicações gramaticais e da parte definitória. Nos exemplos a seguir, foi

escolhido empregar caixa alta para as marcas de uso; uma outra possibilidade poderia ser colocá-las entre um par de parênteses específicos. Escolhe-se como posição das marcas a) o espaço imediatamente antes do número ou do símbolo introdutor da primeira acepção, caso a ou as marcas sejam válidas para todas as acepções¹⁰:

magrinha. [Fem. substantivado de *magrinho*, dim. de *magro*.] *S. f.* TRIV. **1.** BA. *V. tuberculose.* **2.** SP Espingarda fina [...].

b) o espaço imediatamente antes da definição caso for caracterizada uma única acepção

lambido. [Part. de *lamber*] *Adj.* **1.** Que se lambeu. **2.** Diz-se de obra [...] **3.** Desgracioso, desenxabido. **4.** Afetado, presumido[...] **5.** PORT., FAM. Apurado no vestir; bem-posto.

No que diz respeito ao acúmulo de marcas, a proposta não prevê subordinar certas marcas a outras. Há portanto unicamente justaposição de marca, a vírgula servirá para separar estas mesmas. “*N.* e *N.E.*” do NDA será na proposta “*N,* *N.E.*”. No entanto, as preposições *a* e *ou* podem ser empregadas, como mostram os exemplos seguintes: “SP a RJ” e “FAM. ou ANTIQ.”. Caso haja acúmulo de marcas de diferentes categorias, recomenda-se sempre respeitar a mesma seqüência, ou seja, não se deve empregar uma vez a combinação “Marca geográfica + Marca estilística” e depois “Marca estilística + Marca geográfica”. Sugere-se tomar a ordem de apresentação das categorias como ordem de seqüência numa posição de marcas de uso.

Além de seguir as indicações desta proposta, o dicionário deve também registrar na parte pré-dicionarística não só todas as abreviações empregadas, mas também a definição de cada marca de uso de maneira comparável ao que se faz nesta

⁹ Na linguagem de especialidade de origem estas palavras e acepções são chamadas *termos*.

¹⁰ Ou em frente da primeira acepção de um nível hierárquico se o verbete for organizado de maneira arborescente.

proposta. O ideal seria uma introdução na qual o consulente encontrasse as indicações gerais sobre como o dicionário trata a variação lingüística.

5. 2. 1 Marcas geográficas

Para o lexicógrafo, um problema essencial é saber até que ponto suas documentações são confiáveis. Sem dúvida, uma equipe de lexicógrafos brasileiros dispõe de dados mais seguros sobre o português do Brasil do que de outros países da lusofonia. Nestes termos, admite-se que o nível lingüisticamente não-marcado corresponde ao uso brasileiro, acepções de outros países só poderão figurar no dicionário se eles tiverem, pelo menos, uma divulgação atestada na integridade de um desses países.

Assim, não se emprega uma marca *Bras.* no referido dicionário, nem marcas regionais de outros países que não seja o Brasil. Para este último, propõe-se prever marcas correspondentes às divisões políticas já existentes, como *RJ*, *SP* etc. Se uma acepção figurar no dicionário, apesar de não ter uma difusão circunscrita com precisão, pode-se recorrer a marcas como *S.* ou *N.E.*, por exemplo.

Um dicionário escrito no Brasil poderia prever, então, as marcas geográficas seguintes:

| Marcas | Definição |
|-----------------------------|--|
| <i>Ang.</i> | Angola |
| <i>C.-O.</i> | Centro-Oeste |
| <i>Cabo-V.</i> | Cabo Verde |
| <i>G.-Biss.</i> | Guiné-Bissau |
| <i>Moç.</i> | Moçambique |
| <i>N.</i> | Norte |
| <i>N.E.</i> | Nordeste |
| <i>Port.</i> | Portugal |
| <i>S.</i> | Sul |
| <i>S.E.</i> | Sudeste |
| <i>São-T.</i> | São Tomé e Príncipe |
| <i>SP, DF, RJ</i> etc. | São Paulo, Distrito Federal, Rio de Janeiro etc. |

Cabe mencionar que as marcas supracitadas não são de uso obrigatório, porque é pouco provável que uma acepção usada em Cabo Verde ou em São Tomé possa entrar

num dicionário do português do Brasil. Esta probabilidade remota faz também com que não se prevejam marcas de uso para alguns outros pontos onde o português é relativamente presente, como na Índia e no Extremo Oriente.

Em relação à praxe do NDA, o número proporcional de marcas não vai diminuir muito, porém seu emprego será mais conciso e sistemático como se vê comparando o verbete “ambicioneiro”, tal como figura no NDA, e tal como ele pode resultar de acordo com a proposta.

NDA:

ambicioneiro. *Adj. e s. m. Bras., MG e RS. Pop. Ambicioso (1 e 3).*

Proposta:

ambicioneiro. *Adj. e s. m., MG, RS, FAM. Ambicioso (1 e 3).*

A diferença entre o NDA e a proposta consiste, antes de tudo, em que a redundância ligada à marca *Bras.* foi suprimida. Julga-se que dessa forma o apagamento da marca genérica *Bras.* em favor das marcas geográficas regionais torna a informação mais precisa.

5. 2. 2 Marcas estilísticas

Esta proposta tratará as marcas estilísticas inclusas na variação vertical, ou seja, as marcas desta categoria devem dividir os usos lingüísticos entre nível mais elevado e nível menos elevado. Esta divisão, por sua vez, estimula um certo número de problemas para os quais não há fácil solução. Entre todas as categorias, a de marcas estilísticas é aquela que tem maior implicação com os valores e a visão social de uma comunidade lingüística.

O lexicógrafo pode fixar critérios lingüísticos para estabelecer divisões entre o nível lingüístico mais baixo e o nível mais elevado. O usuário, do seu lado, pode interpretar marcas de outras categorias como se referindo igualmente à variação vertical. Assim, numa comunidade lingüística, os regionalismos podem ser percebidos como não sendo da “boa linguagem”, neste caso, uma marca geográfica pode ser interpretada como marca estilística pelo usuário. Da mesma maneira, uma acepção dada pode ser percebida diferentemente na comunidade lingüística, segundo a idade ou a origem social dos locutores.

Os palavrões ilustram esta situação. Em outros tempos, empregaram-se em francês bastante palavrões ligadas à religião. Hoje em dia, a preferência é para palavrões ligados à sexualidade, uma vez que a sociedade se tornou mais leiga. Dessa forma, o PR caracteriza atualmente certas palavras como “diantre” só como *vieilli*, sem marca estilística.

Deduz-se, por conseguinte, que as marcas estilísticas são bem mais instáveis do que as de linguagens de especialidade ou de outras categorias. Decorrente deste fato, postula-se que um dicionário deve não só apresentar todas as marcas empregadas, mas também dar uma definição delas. A proposta aqui apresentada inspirou-se no PR para definir as referidas marcas. Elas aparecem classificadas de acordo com o nível hierárquico¹¹; um dicionário, evidentemente, as apresentaria em ordem alfabética:

¹¹ As definições das diferentes marcas apóiam-se sobre uma tradição literária que parece voltada para certos escritores do século XX, no sentido de que eles não fecham suas obras a acepções que estão abaixo da camada neutra.

| Marcas | Definição |
|--------------------|--|
| <i>Poét.</i> | <i>Poético.</i> Designa palavra ou sentido literário usado exclusivamente na poesia. |
| <i>Lit.</i> | <i>Literário.</i> Designa palavra ou sentido preferencialmente reservado à linguagem escrita literária. Existe normalmente um equivalente corrente. |
| <i>Elev.</i> | <i>Elevado.</i> Designa palavra ou sentido que é empregado com preocupação de elegância e correção na língua falada e escrita. Existe normalmente equivalente mais comum. |
| <i>Corr.</i> | <i>Corrente.</i> Designa palavra ou sentido pertencente à linguagem corriqueira. |
| <i>Fam.</i> | <i>Familiar.</i> Designa palavra ou sentido pertencente à língua falada e às vezes à escrita cotidiana. |
| <i>Triv.</i> | <i>Trivial.</i> Designa palavra e sentido usado primordialmente na comunicação oral, mas evitado nos meios socioculturais privilegiados. Antigas gírias são muitas vezes assim marcadas. |
| <i>Vulg.</i> | <i>Vulgar.</i> Designa palavra ou sentido que choca e que é evitado num discurso preocupado com correção e decência, independentemente de classes sociais. |

Esta proposta se caracteriza pela ausência de marcas ligadas a classes sociais, como é o caso de *pop.*, por exemplo. A marca *Corr.* serve para caracterizar o nível lingüístico neutro. Por isso deve ser empregado só excepcionalmente quando uma acepção puder ser considerada como não-pertencente a esta camada.

Reduziram-se os níveis abaixo da camada neutra às três marcas *Fam.* (Familiar), *Triv.* (Trivial) e *Vulg.* (Vulgar), dentro das quais cabem todas as outras como *ple.*, *pop.* e *chulo*. Esta opção evita a atomização de marcas redundantes.

A gíria merece uma observação particular. A proposta poderia prever uma marca específica, *Gír.*, para rotular certas acepções. No entanto, a complexidade ligada a várias gírias impede classificar com precisão essa marca. Ao definir a gíria como um dialeto social, de acordo com Dubois (1973), pode-se colocar a marca correspondente ou na categoria de linguagens de especialidade ou na de frequência.

Somente uma pesquisa detalhada em vários meios geradores de linguagens de especialidade permitiria decidir com segurança se essa marca depende da categoria das marcas estilísticas ou da de linguagens de especialidade.

5. 2. 3 Marcas temporais

Na perspectiva de fazer uma proposta para um dicionário sincrônico, admite-se que a presença diacrônica deva reduzir-se a poucas entradas. As marcas temporais devem, portanto, também ser de um número limitado. Como no caso das marcas estilísticas, apresentam-se as marcas temporais com as respectivas definições e a forma como podem figurar no dicionário:

| Marcas | Definição |
|---------------------|---|
| <i>Arc.</i> | <i>Arcaico.</i> Designa palavra ou sentido fora de uso, bem como significado de difícil compreensão na linguagem contemporânea. |
| <i>Desus.</i> | <i>Desusado.</i> Designa palavra ou sentido muito pouco empregado na língua de hoje, mas ainda compreensível em geral. |
| <i>Mod.</i> | <i>Moderno.</i> Designa uma palavra ou um sentido da língua contemporânea quando houver dúvida sobre sua pertinência ao registro contemporâneo. |

No que diz respeito aos fatos lingüísticos do passado, só se faz a distinção entre *arcaico* e *desusado*. Estima-se que uma maior divisão destes fatos faz sentido num dicionário histórico, mas não num dicionário sincrônico. A marca *mod.* é correlata à marca *Corr.* no sentido de designar a camada lingüística neutra, quando o contexto pode induzir o leitor a uma interpretação errônea do valor temporal de uma acepção.

A proposta não prevê o emprego da marca *Neol.* por razões pragmáticas. Uma equipe de lexicógrafos pode fixar parâmetros que indiquem se uma acepção dada é neologismo. No entanto, para utilizar essa marca deveria ter a certeza de que o dicionário será objeto de revisões com uma certa regularidade. Ora, o dicionário mais divulgado no Brasil, o NDA, ficou sem revisão por mais de dez anos, e duvida-se que uma acepção com mais de dez anos de existência dicionarística possa ainda ser considerada como um neologismo. Para evitar tais situações, não se emprega a referida marca.

Além das marcas temporais já mencionadas, aconselha-se ainda prever certas marcas que indiquem que um significado dado se situa numa época passada, mesmo que a aceção continue a fazer parte da língua:

| Marcas | Definição |
|---------------------|---|
| <i>Hist.</i> | <i>Histórico.</i> Designa palavra ou sentido relativo a um fato que não existe mais na civilização contemporânea. |
| <i>Ant.</i> | <i>Antigüidade.</i> Designa uma palavra ou um sentido que diz respeito à antigüidade ocidental. |
| <i>Id. M.</i> | <i>Idade Média.</i> Designa uma palavra ou um sentido que diz respeito à Idade Média. |

Convém observar que inventariar estas marcas não significa empregá-las obrigatoriamente. Muitas vezes, a definição informa de maneira suficiente que algo se situa numa época determinada. Assim, o NDA definiu “nomenclador 3” com “Escravo romano que acompanhava...”, desta maneira ele já situa o nomenclador na antigüidade. O mesmo se observa com “palafrém 1” que é um “cavalo de parada [...] na Idade Média”. Nestes dois exemplos, o NDA marcou unicamente o primeiro, no entanto, em casos parecidos a marca indicando uma época é dispensável.

5. 2. 4 Marcas de freqüência

Marcas temporais como *Arc.* e *Desus.* são condicionadas por fatores de freqüência. Se uma palavra foi empregada com uma certa freqüência em outros tempos e se hoje em dia seu uso se tornou raro, a referida palavra recebe uma marca *temporal*. Caso só se possa observar um uso remoto, sem contraste com outras épocas, o emprego de uma marca de uso se justifica, mas impõe-se uma marca específica, informando a freqüência remota do emprego. Esta proposta prevê uma única marca temporal que é

| Marca | Definição |
|---------------------|--|
| <i>P. us.</i> | <i>Pouco usado.</i> Designa palavra ou sentido que se emprega só excepcionalmente. |

Sugere-se fazer uso parcimonioso da referida marca, porque diante de uma quantidade de palavras empregadas por um indivíduo, mesmo culto, encontra-se um número infinitamente maior nos dicionários¹². Portanto o uso freqüente desta marca risca torná-la insignificativa.

5. 2. 5 Marcas de linguagens de especialidade

Considera-se desnecessário elaborar uma lista das marcas de uso de linguagens de especialidade por causa do grande número de grupos sociais, de atividades e de áreas do saber que geram linguagens de especialidade. A elaboração de uma proposta nesta categoria implicaria uma conceptualização de cada área geradora de linguagens de especialidade e esta conceptualização ultrapassaria muito o quadro deste trabalho. O sentido da proposta neste item é, portanto, dar indicações que permitam um emprego judicioso das marcas de linguagens de especialidade, isto é, a marcação deve satisfazer o consulente leigo, e não obrigatoriamente um especialista. Neste sentido, se dá as indicações seguintes:

- Não marcar uma acepção se a definição indica claramente a área. Assim a definição “Parte da botânica que estuda...”¹³ dispensa o emprego de uma marca de linguagem de especialidade.
- Se existir estruturação nítida do tipo “área + subáreas” aconselha-se empregar, na medida do possível, a marca correspondente a uma área e não marcas de subáreas.

¹² Dez mil palavras por indivíduo já é muito elevado, mas um dicionário como o NDA contém mais de 100 000 entradas.

¹³ Exemplo extraído do NDA, verbete “fenologia”.

Marcar-se-ia desta maneira *Med.* em vez de *Patol.*, *Mús.* em vez de *Mús. Eletrôn.*, *Biol.* em vez de *Citol.* e *Geom.* em vez de *Geom. Ded.*, por exemplo.

- As marcas de subáreas se empregam quando estas fazem parte do domínio público. A álgebra é uma subárea da matemática conhecida na sociedade por causa do ensino, a odontologia da subárea da médica, também. O emprego das marcas *Alg.* e *Odont.* é então justificado. Não se pode afirmar o mesmo em relação à teratologia, subárea da patologia.
- Evitar a criação de marcas específicas para responder a uma acepção particular. Este conselho visa a evitar a aparição de marcas como *Prom. Vend.* (Promoção de Vendas).
- Certas palavras ou acepções se deixam dificilmente classificar em áreas específicas, mas também não fazem parte da língua geral. Deve-se prever, para responder a estes casos, marcas mais genéricas como as seguintes:

| Marcas | Definição |
|---------------------|--|
| <i>Didát.</i> | <i>Didático.</i> Designa palavra ou emprego reservado para a língua erudita (livros, artigos especializados etc.) mas não empregado na língua comum. |
| <i>Cient.</i> | <i>Científico.</i> Designa palavra ou sentido didático da linguagem científica e pertencente a várias ciências. |
| <i>Téc.</i> | <i>Técnica.</i> Designa palavra ou sentido técnico pouco conhecido na língua geral. Em caso de uma técnica específica, emprega-se a marca correspondente: <i>Autom.</i> para automobilismo, por exemplo. |

Este último item é inspirado na praxe do PR já que ela mostra sua utilidade para manter um sistema de marcação eficiente. A proposta impede a superabundância de diferentes marcas nesta categoria. Em resumo, pode-se dizer que esta solução visa, antes de tudo, a simplificar a marcação de acepções de linguagens de especialidade, o que não implica obrigatoriamente uma redução do número de marcas. Esta

simplificação se justifica em relação ao usuário porque se julga inapropriado confrontá-lo com marcas do tipo *Citol.* (Citologia) ou *Ter.* (Teratologia) num dicionário de língua geral.

5. 2. 6 Marcas de avaliação

Propõe-se unicamente marcas que constituem uma avaliação quanto à intenção discursiva do locutor e uma marca que permite indicar uma avaliação normativa. As marcas propostas são as seguintes:

| Marcas | Definição |
|--------------------|---|
| <i>Abus.</i> | <i>Abusivo.</i> Designa palavra ou emprego criticado (empréstimo desnecessário, solecismo, falso sentido etc.). |
| <i>Inj.</i> | <i>Injúria.</i> Designa palavra ou sentido que visa caluniar. |
| <i>Joc.</i> | <i>Jocoso.</i> Emprego que visa divertir ou provocar o riso. |
| <i>Pej.</i> | <i>Pejorativo.</i> Designa palavra ou sentido que visa depreciar. |

Ao contrastar as quatro marcas com a praxe do NDA, do PR e do DUW, observa-se que não há necessidade de outras marcas nesta categoria.

5. 2. 7 Fatos lexicais sem marcas: o caso dos anglicismos, das marcas registradas e das recomendações oficiais

Recorda-se que o PR trata dois fatos com marcas de avaliação: Nomes de marcas registradas e o emprego de marcas de uso para caracterizar os empréstimos à língua inglesa.

Em ambos os casos, sugere-se não tratar estes casos com marcas de uso específicas. Normalmente os verbetes de um dicionário têm uma rubrica na qual se

pode dar informações de ordem etimológica. Nesta rubrica, pode-se igualmente informar que uma palavra ou uma acepção vem da língua inglesa ou de uma outra língua estrangeira. Se a avaliação normativa for necessária pode-se recorrer a *Abus.*, abusivo. Acepções e palavras que se originam em marcas registradas podem receber um tratamento similar.

Outrossim não se prevê marcas de avaliação normativa como *Recom. Ofic.*, além de *Abus.*, por causa da falta de uma política lingüística brasileira ativa nesta área. No entanto, não se deve esquecer que, num verbete, ao final de uma definição, existe uma rubrica para observações só ocasionalmente empregadas como se vê no caso seguinte:

↙

égua. [Do lat. *equa.*] *S. f.* **1.** A fêmea do cavalo. [No N.E. do Brasil, entre os sertanejos e a gente inculta, em geral, é palavra considerada mais ou menos obscena [...]] **2.** *Bras. Chulo. V. meretriz. • Interj.* **3.** *Bras., MA. Gír.* Exprime espanto.

5. 3 Quadro resumitivo

Segue o quadro resumitivo da proposta de marcas de uso para a lexicografia brasileira:

| Marcas | Definição |
|--------------------|---|
| <i>abus.</i> | <i>Abusivo.</i> Designa palavra ou emprego criticado (empréstimo desnecessário, solecismo, falso sentido etc.). |
| <i>Ang.</i> | Angola. |
| <i>Ant.</i> | <i>Antigüidade.</i> Designa uma palavra ou um sentido que diz respeito à antigüidade ocidental. |
| <i>Arc.</i> | <i>Arcaico.</i> Designa palavra ou sentido fora de uso, bem como significado de difícil compreensão na linguagem contemporânea. |
| <i>C.-O.</i> | Centro-Oeste. |

| | |
|------------------------------|--|
| <i>Cabo-V.</i> | Cabo Verde. |
| <i>Corr.</i> | <i>Corrente.</i> Designa palavra ou sentido pertencente à linguagem corriqueira. |
| <i>Desus.</i> | <i>Desusado.</i> Designa palavra ou sentido muito pouco empregado na língua de hoje, mas ainda compreensível em geral. |
| <i>Elev.</i> | <i>Elevado.</i> Designa palavra ou sentido que é empregado com preocupação de elegância e correção na língua falada e escrita. Existe normalmente equivalente mais comum. |
| <i>Fam.</i> | <i>Familiar.</i> Designa palavra ou sentido pertencente à língua falada e às vezes à escrita cotidiana. |
| <i>G.-Biss.</i> | Guiné-Bissau. |
| <i>Gír.</i> | <i>Gíria.</i> Designa palavra ou sentido cuja emprego se limita a grupos sociais particulares, em geral desconhecido fora deles e freqüentemente evitado em discurso preocupado da correção. |
| <i>Hist.</i> | <i>Histórico.</i> Designa palavra ou sentido relativo a um fato que não existe mais na civilização contemporânea. |
| <i>Id. M.</i> | <i>Idade Média.</i> Designa uma palavra ou um sentido que diz respeito à Idade Média. |
| <i>Inj.</i> | <i>Injúria.</i> Designa palavra ou sentido que visa caluniar. |
| <i>Joc.</i> | <i>Jocoso.</i> Emprego que visa divertir ou provocar o riso. |
| <i>Lit.</i> | <i>Literário.</i> Designa palavra ou sentido preferencialmente reservado à linguagem escrita literária. Existe normalmente um equivalente corrente. |
| <i>Moç.</i> | Moçambique. |
| <i>Mod.</i> | <i>Moderno.</i> Designa uma palavra ou um sentido da língua contemporânea quando houver dúvida sobre sua pertinência ao registro contemporâneo. |
| <i>N.</i> | Norte. |
| <i>N.E.</i> | Nordeste. |
| <i>Pej.</i> | <i>Pejorativo.</i> Designa palavra ou sentido que visa depreciar. |
| <i>Poét.</i> | <i>Poético.</i> Designa palavra ou sentido literário usado exclusivamente na poesia. |
| <i>Port.</i> | Portugal |
| <i>P. us.</i> | <i>Pouco usado.</i> Designa palavra ou sentido que se emprega só excepcionalmente. |
| <i>S.</i> | Sul. |
| <i>S.E.</i> | Sudeste. |
| <i>São-T.</i> | São Tomé e Príncipe. |
| <i>SP, DF, RJ etc.</i> | (Abreviações oficiais dos estados brasileiros) |
| <i>Triv.</i> | <i>Trivial.</i> Designa palavra e sentido usado primordialmente na comunicação oral, mas evitado nos meios socioculturais privilegiados. Antigas gírias são muitas vezes assim marcadas. |
| <i>Vulg.</i> | <i>Vulgar.</i> Designa palavra ou sentido que choca e que é evitado num discurso preocupado com correção e decência, independentemente de classes sociais. |

Adotou-se classificação alfabética no quadro acima a fim de poder identificar com maior facilidade as marcas propostas.

5. 4 Ilustração da proposta

Alguns artigos do NDA servem para ilustrar nossa proposta e suas conseqüências. Os verbetes da proposta sofreram intervenção unicamente nas marcas de uso, a microestrutura em geral não foi modificada.

BIGUANO

NDA:

biguano. *Adj. Bras., N. e N. E. Pop.* Var. de *biguane* [q. v.].

Proposta:

biguano. *Adj. N., N.E., FAM.* Var. de *biguane* [q. v.].

A marca *Bras.* é dispensável; as demais marcas são simplesmente justapostas. FAM. substitui *Pop.* para impedir a identificação da acepção tratada com uma classe social.

GASTRALGIA

NDA:

gastralgia. [De *gastr(o)* + *-alg(o)-* + *ia.*] *S. f. Patol.* Dor no estômago.

Proposta:

gastralgia. [De *gastr(o)* + *-alg(o)-* + *ia.*] *S. f. MED.* Dor no estômago.

Num dicionário geral, a marca MED. situa de maneira suficiente o verbete *gastralgia*. A indicação *Patol.* leva a uma área demasiadamente específica.

GIRONDA

NDA:

gironda¹. *S. f. Prov. lus.* A fêmea do javali [...].

Proposta:

(não há)

Acepções inexistentes no Brasil e de difusão regional num outro país não são previstas a serem selecionadas para o dicionário de língua portuguesa do Brasil.

LAMBIDO

NDA:

lambido. [Part. de *lamber*] *Adj.* **1.** Que se lambeu. **2.** Diz-se de obra [...] **3.** *Bras.* Desgracioso, desenxabido. **4.** *Bras.* Afetado, presumido[...] **5.** *Lus. Fam.* Apurado no vestir; bem-posto.

Proposta:

lambido. [Part. de *lamber*] *Adj.* **1.** Que se lambeu. **2.** Diz-se de obra [...] **3.** Desgracioso, desenxabido. **4.** Afetado, presumido[...] **5.** *PORT., FAM.* Apurado no vestir; bem-posto.

As acepções 3 e 4 perderam a marca geográfica *Bras.*, uma vez que o português de referência é o do Brasil. Estas acepções se situam, portanto no mesmo nível que as acepções 1 e 2, que são válidas na integridade da lusofonia. Para o usuário brasileiro, este fato não constitui um inconveniente, pois, num dicionário geral, não se buscam particularidades. Na acepção 5, emprega-se a marca *PORT.*, em vez de *Lus.* É preferível indicar o país, Portugal, no qual vige a referida acepção, ao fato lingüístico, lusitanismo.

MAGRINHA

NDA:

magrinha. [Fem. substantivado de *magrinho*, dim. de *magro*.] *S. f.* *Pop.* **1.** *Bras., BA. V. tuberculose.* **2.** *Bras., SP.* Espingarda fina [...].

Proposta:

magrinha. [Fem. substantivado de *magrinho*, dim. de *magro*.] *S. f.* *TRIV.* **1.** *BA. V. tuberculose.* **2.** *SP* Espingarda fina [...].

Como no caso de “biguano”, a redundância da marca *Bras.* foi suprimida. A marca *TRIV.* substituiu a marca *Pop.* e ocupa a posição apta para caracterizar todas as acepções do verbete.

MALA

NDA:

mala. [Do fr. *malle.*] *S. f.* **1.** Saco de couro [...]. **2.** Espécie de caixa de madeira [...]. **3.** *P. ext.* Mala (1) para o transporte de correspondência; mala postal. **4.** *P. ext.* A correspondência [...]. **5.** *Chulo.* O estômago. **6.** *Bras.* Golpe dado em falso [...]. **7.** *Bras., S. Chulo* os órgãos genitais masculinos.

Proposta:

mala. [Do fr. *malle.*] *S. f.* **1.** Saco de couro [...]. **2.** Espécie de caixa de madeira [...]. **3.** *P. ext.* Mala (1) para o transporte de correspondência; mala postal. **4.** *P. ext.* A correspondência [...]. **5.** TRIV. O estômago. **6.** Golpe dado em falso [...]. **7.** S., VULG. Os órgãos genitais masculinos.

A indicação *P. ext.* nas acepções 3 e 4 não foi modificada, uma vez que as marcas retóricas não foram objeto de nossa discussão. No que diz respeito às avaliações estilísticas em 5 e em 7, cabe mencionar que elas devem ser atribuídas e verificadas por locutores nativos, e na proposta substitui-se 5. *Chulo* por 5. TRIV. e 7. *Bras. S. Chulo* por 7. S., VULG.

A título de informação, escolheu-se este pequeno número de ilustração para evitar repetições desnecessárias.

CAPÍTULO SEIS

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, viram-se os diferentes fatores que dizem respeito às marcas de uso em três dicionários e como estas marcas estão ligadas à variação lingüística, porque existem certos implícitos que o usuário não descobre obrigatoriamente ao consultar um dado dicionário. Constatou-se, ao longo da pesquisa, que o NDA, o PR e o DUW têm pontos de vista diferentes quanto à percepção da variação. Assim viu-se que o NDA e o DUW têm uma visão diferente do PR quanto à variação horizontal. Para este último, a língua francesa de referência é aquela que se fala na França e é a França que fornece assim a camada lingüisticamente neutra. Já o NDA e o DUW fixam a camada neutra com extensão geográfica maior, uma vez que esta camada não fica restrita à extensão de um único país

A variação vertical passa por escolhas similares para determinar o que é a língua padrão, o que é norma. O que condiciona verdadeiramente o emprego de marcas referentes à variação vertical é a língua padrão que nos três dicionários têm uma posição bastante parecida, apesar de o NDA não apresentar nenhuma explicação sobre o assunto.

Como já se sabe, as marcas de uso se inserem nos verbetes dos dicionários. Ora, os dicionários consultados não têm as mesmas microestruturas. O PR organiza seus verbetes de maneira arborescente, enquanto o DUW emprega poucos níveis hierárquicos nas suas microestruturas. O NDA se limita a uma organização linear das diferentes acepções de um verbete. Apesar desta diversidade, ficou claro que os verbetes dos três dicionários oferecem duas posições básicas para inserir marcas de uso. Na primeira posição, as marcas são válidas para várias acepções e na segunda posição a validade se restringe a uma única acepção.

Convém observar que os três dicionários divergem na apresentação gráfica das marcas. O tratamento gráfico dado a elas depende de como tal ou tal dicionário imprime as diferentes rubricas em um verbete, mas a escolha judiciosa dos recursos gráficos facilita a leitura dos verbetes, impedindo confusões entre informações de diferentes naturezas, como informações gramaticais e marcas de uso, por exemplo.

A pesquisa revelou que há escolha deliberada dos níveis de variação lingüística por parte dos lexicógrafos. Assim não existem marcas para subdividir a Suíça ou o Canadá francófonos no PR, enquanto existem marcas para subdividir a Alemanha, a Suíça alemânica e a Áustria no DUW. Possivelmente se possa explicar este fato de acordo com a quantidade de entradas que um dicionário apresenta. Esta escolha pode ter como conseqüência uma certa inferiorização de comunidades lingüísticas periféricas, sobretudo, quando estas comunidades não dispõem de seus próprios dicionários.

As categorias de marcas de uso, que foram adotadas para analisar e classificar as diferentes marcas nos três dicionários, podem estar sujeitas a críticas, porque certos fatos lingüísticos poderão ser percebidos de diferentes maneiras.

Porém, o número relativamente reduzido de categorias nesta dissertação se explica precisamente pela necessidade de se apresentarem categorias *tangíveis para o usuário* as quais possam vir a ser apresentadas na introdução de um dicionário.

A proposta de categorias de marcas de uso para um dicionário brasileiro recupera as categorias adotadas no capítulo quatro justamente por causa das razões acima mencionadas.

Entende-se, finalmente, que as categorias de marcas de uso, identificadas e empregadas neste trabalho, permitem a um lexicógrafo tratar, na totalidade, a variação lingüística observável no léxico. No entanto, a sistematização deste assunto se justifica e se impõe. Justifica-se porque ela serve para dar ao lexicógrafo um instrumento coerente para tratar a variação; impõe-se porque ela evita nos verbetes de um dicionário certas incoerências observadas em todos os dicionários consultados.

ANEXOS

7 LISTA DOS VERBETES PORTUGUESES

acadêmia. *S. f. Art. P. us.* Modelo plástico em gesso. [...].

academial. *Adj. 2 g. P. us.* Relativo a, ou próprio de academia; acadêmico.

açai [do tupi *yasa'i* [...]] *S. m. Bras. Amaz.* **1.** Palmeira [...] **2.** O fruto do açai; juçara. **3.** Refresco desse fruto [...].

-áceas. *Bot. Suf. nom.* = família de (planta): *rosáceas*. [...].

ambicioso. *Adj. e s. m. Bras., MG e RS. Pop.* Ambicioso (1 e 3).

aspirina. [De *Aspirin*[®] voc. us. a princípio, na Alemanha, como nome comercial.] *S. f.* **1.** *Quim.* [...].

bangulê. [do quimb.] *S. m.* **1.** *Bras. RJ. Folcl.* Dança negra [...] **2.** *V. rolo*¹ (16).

banheiro. *S. m.* **1.** *Bras.* Aposento com todo [...] **2.** *Bras.* Aposento com vaso sanitário [...] **3.** *Bras.* [...] **4.** *Lus.* Indivíduo que prepara [...] **5.** *Lus. V. salvavidas.* **6.** *Lus.* Proprietário ou administrador [...].

betão. *S. m. Lus. V. concreto* (9).

bexigada. *S. f.* **1.** Pancada dada com uma bexiga (2) **2.** *Teat. Bras. Gír.* caco (8).

biguano. *Adj. Bras., N. e N. E. Pop.* Var. de *biguane* [q. v.].

bispar. [de *bispo* + *-ar*².] *V. t. d.* **1.** Avistar ao longe [...] **2.** Observar ou espiar atentamente [...] **3.** *Bras., PE, e prov. lus.* Furtar, surripiar. **4.** *Bras., N.E.* Iludir a vigilância de; enganar. *Int.* **5.** Exercer a dignidade de bispo [...] **6.** *Bras., MG.* Esturrar, queimar-se (o feijão).

bodega. [do gr. *apothéké* [...]] *S. f.* **1.** *V. taberna* (1). **2.** *Bras.* Pequeno armazém [...] [Sin. (no RS): *boliche*.] **3.** *Fam.* Comida grosseira e malfeita. **4.** Coisa suja [...] **5.** *Bras. Gír.* Coisa insignificante [...] • *Interj.* Exprime descontentamento, irritação.

ceará-bravo. *S. m. Bras., PA. Antiq.* Cearense recém-chegado para trabalhar nos seringais [...].

crime. [Do lat. *crimen*.] *S. m.* **1.** *Dir. Pen.* Segundo o conceito formal, violação [...] **2.** *Dir. Pen.* Segundo o conceito substancial, ofensa de [...] **4.** Qualquer ato que suscita a reação [...] **5.** Ato digno de repreensão [...] **6.** Ato condenável [...] • *Adj. 2 g. e 2 n.* **7.** *V. criminal* [...].

dadeira. [De *dar* + *-deira*.] *Bras. Adj. (f.)* **1.** Diz-se da mulher sujeita a ataques. • *S. f.* **2.** Mulher sujeita a ataques. **3.** *V. meretriz*.

- dança-de-camaradas.** *S. f. Bras., C. O.* Tipo de batuque (2) com sapateado e palmas [...].
- decisório.** *Jur. Adj. 1.* Que tem o poder de decidir. • *S. m. 2.* Parte da sentença em que [...].
- del-credere.** *Adj. Jur. 1.* Diz-se da cláusula do contrato [...] • *S. m. 2.* O contrato de comissão [...] **3.** Prêmio ou comissão que [...].
- duma**¹. [...] *s. f.* Assembléia dos representantes do povo, na Rússia czarista.
- economiário.** *Bras. 1. Adj.* Pertencente ou relativo à Caixa Econômica. • *S. m. 2.* Funcionário dela.
- ecótipo.** [De *eco*-¹ + *-tipo*.] *Adj. Biol. Ger. 1.* Relativo a um hábito particular. • *S. m. 2.* Tipo ecológico.
- égua.** [Do lat. *equa*.] *S. f. 1.* A fêmea do cavalo. [No N.E. do Brasil, entre os sertanejos e a gente inculta, em geral, é palavra considerada mais ou menos obscena [...]] **2.** *Bras. Chulo. V. meretriz.* • *Interj. 3. Bras., MA. Gír.* Exprime espanto.
- emburacar.** [De *em*-² + *buraco* + *-ar*².] *V. int. 1. Bras., N.* Meter-se em buraco. **2.** Desaparecer, sumir(-se). **3. Bras., S.** Sofrer sérios prejuízos [...].
- encefalite.** [De *encéfalo* + *-ite*¹.] *S. f. Patol.* Inflamação no encéfalo.
- estrela-azul.** *S. f. Bras., RJ.* Erva da família das liliáceas (*Scilla amoena*), originária da Europa [...].
- estrelato.** *S. m. Bras. neol.* Situação brilhante desfrutada por pessoa sobressai pelo valor [...].
- fazenda.** [Do lat. vulg. lusitano **facenda* [...]] *S. f. [...] 7. Pop.* Mulher bonita, vistosa [...] **8. Bras.** Órgão da administração pública incumbido de arrecadar, administrar, fiscalizar e distribuir os bens patrimoniais da União, de um estado ou de um município. **9. Econ. e Cont.** Azienda.
- feijão-fardinho.** *S. m. Bras., N. a L. 1.* Planta ereta da família das leguminosas [...] **2.** A semente dessa planta [...].
- fenologia.** [De *fen(o)*-¹ + *-log(o)*- + *ia*.] *S. f. 1.* Parte da botânica que estuda vários fenômenos periódicos das plantas [...] **2. Biol. Ger.** Estudo das relações dos processos biológicos [...].
- fido.** [...] *Adj. Poét. V. fiel(1)* [...].
- forde.** [...] *S. m. Obsol.* Tipo de veículo automóvel de baixo prece [...].
- fubeca.** [De *fubá* + *-eca*, provavelmente.] *S. f. Bras. Gír. 1. V. surra* (1). **2. V. descompostura** (2). **3. V. fubecada** (4).

fubecada. [De *fubecar* + *-ada*¹.] *S. f. Bras. Gír.* **1.** V. *surra* (1). **2.** Pancada, bordoadada. **3.** *descompostura* (1). **4.** Derrota, [...] fubeca.

fubecar. [De *fubeca* + *-ar.*] *V. t. d.* **1.** *Bras. Gír. V. surra* (2). **2.** Descompor; injuriar. **3.** Vencer [...].

função. [Do lat. *functione.*] *S. f.* [...] **7.** *Arquit.* Adaptação objectiva [...] **8.** *Jur.* Cada uma das grandes divisões [...] **9.** *Jur.* O conjunto dos direitos, obrigações [...] **10.** *Liter.* Cada uma das finalidades que se atribuem aos enunciados. **11.** *Mat.* Qualquer correspondência [...] **12.** *Quim.* Grupamento de átomos [...] **13.** *Bras.* Festa dançante [...] **14.** *Bras.* Pândega, divertimento, funçanata. [Var., bras., pop., nesta acepç.: *fonção.*].

ganja². [Do quimb. *nganji.*] *S. f.* **1.** *Bras. Fam.* Vaidade [...] • *Adj. 2 g.* **2.** *Ant. V.* *ganjento.* **3.** *Ant.* Dado a tomar liberdades; confiado.

gansada. [De *ganso*¹ + *-ada.*] *S. f. Mar. G. Gír.* Esperteza, deslealdade [...].

gastralgia. [De *gastr(o)* + *-alg(o)-* + *ia.*] *S. f. Patol.* Dor no estômago.

gíria. [De [...] **giriga* [...]] *S. f.* **1.** Linguagem de malfeitores [...] **2.** Linguagem peculiar àqueles que exercem a mesma profissão [...] **3.** Linguagem que, nascida num determinado grupo social [...] **4.** Palavra ou expressão de gíria [...] • *S. 2 g.* **5.** *Bras., Amaz.* Pessoa que conhece dialetos indígenas.

gironda¹. *S. f. Prov. lus.* A fêmea do javali [...].

→ **gourmand** (gurmã). [Fr.] *S. m.* **1.** Aquele que é dado [...].

guaxinguba. [Do tupi.] *S. f. Bras., N. e N.E.* Planta urticácea cuja casca é utilizada por alguns selvagens na feitura de tangas e camisas.

haustório. [Do lat. *hausto* [...]] *S. m. Biol. Ger.* Ramificação pela qual o fungo parasito absorve [...].

heurística. [Fem. substantivado de *heurístico.*] *S. f.* **1.** Conjunto de regras e [...] **2.** Procedimento pedagógico pelo qual [...].

hidrofobia. [Do gr. *hydrophobía*] *S. f.* **1.** *Med.* Horror aos líquidos. **2.** *Med. P. ext. V.* *raiva* (1).

hidrofóbico. [...] *Adj.* Respeitante à hidrofobia.

hierônimo. [...] *S. m. Neol.* Designação comum aos nomes sagrados e aos nomes próprios referentes a crenças de quaisquer religiões [...].

incardinar. [Do lat. *incardinare.*] *V. t. d. Rel.* Admitir (clérigo) numa diocese.

incomodante. [Do lat. *incommodante.*] *Adj. 2 g. P. us. V. incômodo* (1a5).

infibulação. [De *infibular* + *-ção.*] *S. f. Cir.* Sutura ou introdução de anel [...].

- ipetê.** [Do ioruba.] *S. m. Bras., BA. Folcl.* Prato afrobrasileiro feito de [...].
- jarrinha.** [Dim. de *jarra*.] *S. f. Bras. 1. V. cipó-de-cobra (1). 2. V. cipó-mil-homens (1).*
- jareré**¹. *S. m. Bras. Var. de jereré.*
- jarumá.** *Bras. S. 2 g. 1.* Indivíduo dos jarumás, tribo [...].
- jesuitismo** (u.-i). *S. m. 1.* Sistema, caráter, moral jesuítica. *2. Fig. Pej.* Falta de franqueza [...] *3. Fig. Pej.* Fanatismo.
- lambido.** [Part. de *lamber*] *Adj. 1.* Que se lambeu. *2.* Diz-se de obra [...] *3. Bras.* Desgracioso, desenxabido. *4. Bras.* Afetado, presumido[...] *5. Lus. Fam.* Apurado no vestir; bem-posto.
- lambuzada.** [De *lambuzar* + *-ada*¹] *S. f. Pop. 1.* Ato ou efeito de lambuzar(-se). *2.* Coisa que suja. *3.* Mancha, nódoa ou vestígio de substância gordurosa [...].
- lumpesinar.** *V. intr. Bras. Gír.* Levar vida ociosa, como a de lúmpen (2); vadiar [...].
- machão.** [Aum. de *macho*.] *S. m. 1. Pleb.* Mulher robusta e de modos grosseiros [...] *2. Pop.* Latagão. *3. Bras., S.* Indivíduo que alardeia, ridiculamente, a sua masculinidade. *4. V. valentão (3).* • *Adj. 5. V. valentão (1).*
- magrinha.** [Fem. substantivado de *magrinho*, dim. de *magro*.] *S. f. Pop. 1. Bras., BA. V. tuberculose. 2. Bras., SP.* Espingarda fina [...].
- mala.** [Do fr. *malle*.] *S. f. 1.* Saco de couro [...] *2.* Espécie de caixa de madeira [...] *3. P. ext.* Mala (1) para o transporte de correspondência; mala postal. *4. P. ext.* A correspondência [...] *5. Chulo.* O estômago. *6. Bras.* Golpe dado em falso [...] *7. Bras., S. Chulo* os órgãos genitais masculinos.
- nomenclador** (ô). [Do lat. *nomenclatore*.] *Adj. 1.* Que nomeia ou classifica. • *S. m. 2.* Aquele que se consagra [...] *3. Ant.* Escravo romano que acompanhava [...].
- novedio.** [De *nove*, [...]] *S. m. 1. Desus.* Broto (3). • *Adj. 2.* De poucos anos.
- num**². *Adv. Pop. Var. de não* [...].
- **off-line** (óf-láine). [Ing.] *Adj. Proc. Dados. 1.* Diz-se do equipamento que [...] *2.* Diz-se, em transmissão de dados [...].
- ôh.** *Interj. Bras. Pop. Var. de oh.* [...].
- olhômetro.** [De *olho* + *-metro*.] *S. m. Bras. Burl.* A visão, o olho, considerado como instrumento [...].
- **ostpolitik** (oçtpólítique). [Al.] Política oriental [...].
- padrice.** *S. f. Deprec.* Qualidade, ato ou modos de padre.

pai-de-santo. *S. m. Bras.* Sacerdote do culto fetichista afro-brasileir, que nas macumbas e candomblés, se dirige à divindade [...].

palanque. [De palanca.] *S. m.* **1.** Estrado com degraus [...] **2.** Palanca (1). **3.** *Bras., SP a RS.* Tronco ou esteio grosso e forte que se finca no chão [...].

quinto. [Do lat *quintu.*] [...] • *S. m.* [...] **4.** Imposto de 20% que o erário português cobrava sobre o ouro, a prata e os diamantes extraídos do solo brasileiro no período colonial. [...]. **6.** Ônus cobrado pelos donos-de-serra [...] na base de 20% sobre o produto extraído.

quivi. *S. m.* Ave da ordem das apterigiformes [...].

rabo-de-galo. [Trad. do ingl. *cocktail*, ‘coquetel’.] *S. m.* **1.** *Bras.* V. *flor-da-imperatriz*. **2.** *Bras. Pop.* Aperitivo [...] **3.** *Bras. Pop.* Mistura de gasolina com álcool [...] **4.** *Bras., RJ. Gír.* Navalhada sinuosa; gilvaz. **5.** *Bras., N.E. Pop.* Grande faca; facão.

roupeta (ê). [De *roupa.*] *S. f.* **1.** Hábito de sacerdote [...] • *S. m.* **2.** *Deprec.* Padre, sacerdote.

sabichão. *Fam. e irôn. Adj.* **1.** Que é grande sábio.

saçaricar. *V. int. Bras. Pop. P. us.* **1.** Balançar o corpo [...] **2.** Divertir-se à larga [...].

sinhô. [Alter. de *senhor.*] *S. m. Bras. Pop.* Tratamento que os escravos davam ao senhor; siô [...].

topador (ô). [De *topar* + *-(d)or.*] *Adj.* **1.** *Bras.* Diz-se do animal que tropeça. **2.** *Bras., S. Gír.* Diz-se do indivíduo que topa ou aceita qualquer parada. • *S. m.* **3.** *Bras., S. Gír.* Indivíduo topador.

torno (ô). [Do gr. [...]] [...] **6.** *Ant.* Volta, giro. **7.** *Bras. Chulo.* Posição de cópulo [...].

travesseiro. [De *travesso* + *-eiro.*] *S. m.* **1.** Almofada de paina [...] **2.** *Bras.* Pano em que se enfia o travesseiro; fronha. **3.** *Lus.* Almofada comprida que se atravessa sobre o colchão [...] **4.** *Arquit.* Face do lado das volutas [...].

urumutum. [Do tupi *urumu'tu.*] *S. m. Bras., AM.* Ave galiforme, da família dos cracídeos [...].

varancada. *S. f. Desus.* varada.

varziano¹. [De *várzea* + *-i-* + *-ano.*] *Bras., SP a RJ. Pej. Adj.* **1.** Diz-se daquele que mora nos arredores de uma cidade [...].

xérox (chérocs). [Do ingl. *xerox*, nome registrado.] *S. m.* **1.** *Art. Gráf. V. xerografia* (1 e 2) **2.** A máquina empregada nesse processo.

8 LISTA DOS VERBETES FRANCESES

ABAISSE-LANGUE [...] *n. m. invar.* (1841; de *abaisser* et *langue*). *Méd.* Instrument en forme de palette [...].

ABAT [...] *n. m.* (1524, «ce qui est abattu»; 1468 «ce qui abat»; de *abattre*). **I.** *Vx.* ♦1° Action d'abattre ♦2° Action de s'abattre [...]. **II.** *N. m. pl.* Parties accessoires d'animaux tués [...].

ABATTIS [...] *n. m.* (XII^e; de *abattre*). ♦1° Amas de bois abattu. Par ext. *Milit.* Obstacle artificiel [...]. ◇ **ABATTIS** ou **ABATIS** (1658). *Région.* (Canada). Terrain [...] déboisé [...]. ♦2° (Au plur.). Les *abattis*, abats de volaille [...]. ◇ *Fig. et pop.* Bras et jambes [...].

ADDUCTEUR [...] *adj. m.* (1690; bas lat. *adductor*, de *adducere* «amener»). ♦1° *Anat. (Muscle).* Qui produit un mouvement [...].

AFFAISSER [...] *v. tr.* (1529; *afaicher*, 1250; de *faix*). ♦1° *Rare.* Faire plier, baisser de niveau [...]. ♦2° **S'AFFAISSER**, *v. pron.* Plier, baisser de niveau [...].

BIC [...] *n. m. et adj.* (mil. XX^e; marque déposée). Stylo à bille de cette marque et *abusivt.* Stylo à bille [...].

2. **BICOT** [...] *n. m.* (1892; *arbitcot*, 1861; de l'arabe *arbi* «arabe», p.-ê. infl. de *bique*). *Fam. et péj.* (injure raciste). Indigène d'Afrique du Nord [...].

BIENFAIT [...] *n. m.* (1138; p. p. de l'a. fr. *bienfaire*). ♦1° *Vx. ou littér.* Acte de générosité [...]. ♦2° *Par ext.* Action bienfaitante [...].

BIGLEUX [...] *adj. et n.* (XX^e; de *bigle*). ♦1° *Fam. V. Bigle.* ♦2° *Pop.* (1940). Qui voit mal [...].

BLAGUER [...] *v.* (1808; de *blague*). ♦1° *V. intr. Fam.* Dire des blagues [...]. ♦2° *V. tr. Fam.* Railler, sans méchanceté [...].

BLEUTIÈRE [...] *n. f.* (1937; mot canadien, de *bleuet*, 2^o). Au Canada, Terrain à bleuets ou myrtilles [...].

1. **BORDIER** [...] *adj.* (1694; de *bord*). ♦1° *Géogr. Mèr bordière*, située en [...] ♦2° *Mar.* Se dit d'un bateau [...] ♦3° *Suisse.* Riverain.

BRUNANTE [...] *n. f.* (1810; mot canadien, de *brun* «sombre»). *Région.* (Canada). Tombée de la nuit [...].

CALAMITEUX [...] *adj.* (1559; lat. *calamitosus*, de *calamitas*). *Vx. ou littér.* Qui a le caractère de la calamité [...].

- CANADAIRA** [...] *n. m.* (v. 1972; de *Canada* et *aire*). *Nom déposé*. Avion équipé de réservoirs d'eau [...].
- CANTILÈNE** [...] *n. f.* (1512; it. *cantilena*, mot lat. «chanson»). ♦**1°** *Mus.* Chant profane [...] ♦**2°** *Littér.* Texte lyrique [...] ♦**3°** *Cour.* Chant monotone [...].
- CONSUMER** [...] *v. tr.* (XII^e; lat. *consumere* «détruire»; Cf. *Consommer*). ♦**1°** (XII^e) *Littér.* Épuiser [...] ♦**2°** (XV^e-XVI^e). *Vx.* ou *littér.* Dissiper complètement [...] ♦**3°** (1546) *Cour.* Détruire par le feu [...].
- DENSIFICATION** [...] *n. f.* (mil. XX^e; de *densifier*). **I.** *Techn.* Action de densifier (le bois). **II.** (1973). *Démogr. Géogr.* Augmentation de la densité (de la population de l'habitat).
2. **DÉPORT** [...] *n. m.* (1852; de *dé-*, d'apr. *report*). ♦**1°** (*Bourse*). Somme payée par les vendeurs [...] ♦**2°** *Fin.* Somme à déduire du prix [...] ♦**3°** (1973). *Télécomm.* Transmission des informations provenant des radars.
- DÉROUGIR** [...] *v. tr. et intr.* (1636; *desrougir*). Faire perdre ou perdre la couleur rouge [...] - *Fig. et région.* (Canada). *Ça ne dérougit pas!*, s'emploie au Canada au plus fort des périodes de pointe [...].
- DÉVALOIR** [...] *n. m.* (d. i. *dévaler*). *Suisse*. ♦**1°** Glissoir à bois [...] ♦**2°** Vide-ordures.
- DRAVEUR** [...] *n. m.* (mil. XIX^e; mot canadien, de *drave 2*, d'apr. l'amér. *driver*). *Américanisme.* (Canada). Ouvrier de la drave [...].
- ÉCOLAGE** [...] *n. m.* (1340 «instruction»; de *école*). *Suisse*. Frais de scolarité [...].
- ÉGAYANT** [...] *adj.* (1870; de *égayer*). *Rare.* Amusant.
- EMBÊTER** [...] *v. tr.* (1794; de *en-*, et *bête*). ♦**1°** *Fam.* Ennuyer ou cotrarier fortement [...] ♦**2°** *Région.* (Canada). Embarrasser [...].
- ÉMOI** [...] *n. m.* ([...]). *Littér.* ♦**1°** Agitation, effervescence [...] ♦**2°** Trouble qui naît [...].
- ENTÉLÉCHIE** [...] *n. f.* ([...] *entelekheia* «énergie agissante et efficace»). ♦**1°** *Hist. philo.* Chez Aristot, État de perfection [...]. ♦**2°** Principe métaphysique qui détermine un être à une existence définie [...].
- FACULTÉ** [...] *n. f.* ([...] de *facere* «faire»). **I.** ♦**1°** *Littér.* Possibilité de faire qqch. [...] ♦**2°** *Philo. anc.* Fonction de l'être, considérée comme constituant [...] ♦**3°** *Vieilli* ou *Dr.* FACULTÉS: biens, ressources dont qqn peut disposer [...] - *Dr. mar.* Marchandises chargées sur un navir. **II.** *Mod. et cour.* (1261; lat. médiév. *facultas*). ♦**1°** Corps des professeurs qui [...] ♦**2°** LA FACULTÉ: la faculté de médecine [...] ♦ *Fam.* Le médecin traitant [...].

- FADA** [...] *adj.* et *n. m.* (XX^e; prov. mod. *fadas*, de *fat* «sot» [...]) ♦**1°** Région. (*Midi*). Un peu fou. [...] ♦**2°** *N. m.* «Oh! le pauvre fada! Quelle mentalité! Mais il est fou, ce pauvre vieux?» (PAGNOL).
- FEELING** [...] *n. m.* (v. 1968; angl. *feeling* «sentiment»). *Anglic.* Expressivité musicale des sentiments [...].
- FÉTICHISME** [...] *n. m.* (1760; de *fétiche*). ♦**1°** Culte des fétiches [...] ♦**2°** (1845). Admiration exagérée [...] ♦**3°** *Méd.* Perversion sexuelle [...].
- FILLASSE** [...] *n. f.* ([...] de *fil*, et suff. pej. *-asse*). *Péj.* Fille, jeune fille [...].
- FINISH** [...] *n. m.* (1895; mot. ang. «fin»). Sports (*anglicisme*). ♦**1°** Fin d'un combat [...] ♦**2°** Aptitude à finir [...].
- FRIGIDAIRE** [...] *n. m.* (1922, nom déposé, tiré du lat. *frigidarium* «glacière»). *Comm.* Réfrigérateur de la marque de ce nom. ♦ *Abusiv.* Tout réfrigérateur [...].
- GAULEITER** [...] *n. m.* (v. 1940; mot all., de *gau* «district», et *leiter* «chef»). Chef d'un district, dans l'Allemagne hitlérienne.
- GAZETTE** [...] *n. f.* (1600; it. *gazzetta* «petite monnaie» [...]). ♦**1°** *Vx, région.* ou *plais.* Écrit périodique [...] ♦**2°** Personne qui aime à colporter des nouvelles [...].
- GRAPE-FRUIT** [...] *n. m.* (1947; mot amér.). *Anglicisme.* Fruit [...] appelé couramment pamplemousse [...].
- GRAU** [...] *n. m.* (1849; lat. *gradus* «degré»). *Région.* Dans le Midi de la France, chenal par lequel un cours d'eau [...] débouche dans la mer [...].
- GRILLADE** [...] *n. f.* (1628; de *griller*) ♦**1°** *Rare.* Manière d'apprêter de la viande [...] ♦**2°** *Cour.* Viande grillée.
- HAÏKU** ou **HAÏKAÏ** [...] *n. m.* (1922; mot jap.). Poème classique japonais de trois vers [...].
- HALF-TRACK** [...] *n. m.* (1950; mot amér. «semi-traction»). *Anglicisme.* *Milit.* Véhicul blindé [...].
- HISTIOCYTE** [...] *n. f.* (1917; du gr. *histiôn* [...]). *Biol., histol.* Se dit de cellules libres [...].
- HOT** [...]. (déb. XX^e; mot amér. «chaud»). Se dit du jazz joué avec force [...].
- HUITANTE** [...] *adj.* et *n. invar.* (*Oitante*, déb. XII^e; de *huit*). *Région.* Quatre-vingts (surtout en Suisse).
- ICHOR** [...] *n. m.* (1538; gr. *ikhôr*). ♦**1°** *Méd. (Vx).* Pus sanguinolent. V. **Sanie** ♦**2°** (Néol.). *Géol.* Emanation provenant du magma [...].

- IDIOPATHIE** [...] *n. f.* (1586; gr. *idiopatheia*; Cf. -Pathie). *Méd. (Vieilli)*. Maladie qui existe par elle-même [...].
- INCIVIQUE** [...] *adj.* (1794; de *in-* 1, et *civique*). *Vieilli*. Qui manque de civisme. *Attitude incivique*. - Collaborateur* (en Belgique).
- INFIBULATION** [...] *Sociol.* Opération qui consiste à empêcher les relations sexuelles en passant [...].
- ISOMORPHE** [...] *adj.* (1821; de *iso-*, et suff. *-morphe*). *Sc.* ♦**1° Chim.** Qui affecte la même forme cristalline. ♦**2° Math.** Lié par une relation d'isomorphisme. - *Ling. Langues isomorphes* [...].
- JINGLE** [...] *n. m.* (1967; mot angl.). *Anglic.* Motif sonore court [...]. - *Recomm. offic. Sonal.*
- JOUETTE** [...] *adj.* (date incert.; de *jouer*). *Région*. Qui ne pense qu'à jouer [...].
- KERMESSE** [...] *n. f.* (1391; flam. *kermisse* «messe d'église»). ♦**1°** (Hollande, Belgique, nord de la France). Fête patronale villageoise [...] ♦**2° Cour.** Grande fête de bienfaisance en plein air [...].
- KIWI** [...] *n. m.* [...] ♦**1° V.** aptérix. ♦**2°** Fruit exotique [...].
- LAMBRUSQUE** [...] ou **LAMBRUCHE** [...] *n. f.* (1512,-1490; lat. *la(m)brusca*). *Vx* ou *région*. Vigne sauvage.
- LARCIN** [...] *n. m.* (1246; *larrecin*, fin XI^e; [...]) ♦**1° Littér.** Petit vol commis furtivement et sans violence. [...] ◇ *Vieilli*. Objet volé [...] ♦**2° Fig.** et *vx*. Emprunt à un auteur, plagiat. - *Vx* ou plaisant. *Doux larcin*, faveur, baiser dérobé à une femme.
- LOCUTEUR** [...] *n.* (mil. XX^e; lat. *locutor* [...]). *Didact. (Ling.)*. Personne qui emploie effectivement le langage [...].
- MAÏZENA** [...] *n. f.* (1853; angl. *maizena*, de *maiz* «maïs»). Féculé de maïs préparée pour être utilisée en cuisine (marque déposée).
- MANADE** [...] *n. f.* (1867; prov. *menada*, du lat. *manus* «main»). *Dial.* En Provence, Troupeau de bœufs, de chevaux [...].
- MAS** [...] *n. m.* ([...] mot languedocien et provençal [...]) Ferme ou maison de campagne de style traditionnel, en Provence.
- MÉCONDUITE** [...] *n. f.* (date incert.; de *mé-*, et *conduite*). *Région*. (Belgique). Mauvaise conduite [...].
- MEULON** [...] *n. m.* (*Mulon*, XIII^e; a. fr. *muillon* [...]). ♦**1° Région.** V. **Meule**. ♦**2° Agric.** Petite meule de foin [...] ♦**3° Techn.** Tas de sel extrait d'un marais salant.

- MITAINE** [...] *n. f.* (1180; de l'a. fr. *mite* [...]). **I.** ♦**1°** *Vx* ou *région*. [Canada]. Moufle. ♦**2°** *Mod.* Gant qui laisse à nu [...] **II.** (1640; probabl. refrain pop.). Fam. *Onguent miton mitaine*, remède qui ne fait ni bien ni mal.
- MOINS-PERÇU** [...] *n. m.* (1838; de *moins*, et *percevoir*). *Dr., fin.* Ce qui, étant dû, n'a pas été perçu [...].
- NAVETTEUR** [...] *n.* (XXe; de *navette* 1 3°). *Belgicisme.* Personne qui fait régulièrement la navette par moyen de transport collectif [...] REM. Ce mot pourrait servir d'équivalent à l'angl. *commuter* pour toute la francophonie.
- NÉPHRON** [...] *n. m.* ([...] du gr. *nephros* [...]). *Physiol.* et anat. Unité anatomique et fonctionnelle du rein [...].
- NOSOLOGIE** [...] *n. f.* (1740; de *noso-*, et *-logie*). Didact. (*Méd.*). Discipline médicale qui étudie [...].
- OBITUAIRE** [...] *adj. m.* et *n. m.* ([...] de *obitus* «mort»). *Relig. cathol.* ♦**1°** *Adj.* Relatif au décès [...] ♦**2°** *N. m.* Registre obituaire d'une abbaye [...].
- OCTANTE** [...] *adj. num. card. invar.* ([...] d'apr. le lat. *octoginta*) *Vx* et *dial.* (on dit aussi *huitante**). Quatre-vingts.
2. **OFFICIER** [...] *n. m.* (1324; lat. médiév. *officiarius* «chargé d'une fonction»). ♦**1°** *Ancienn.* Titulaire d'un office [...] ♦ *Mod.* *Dr.* *Officiers publics, ministériels*: personnes investies d'un office ministériel ou public [...] ♦**2°** (XVI^e). *Cour.* Militaire ou marin titulaire d'un grade [...] ♦**3°** Titulaire d'un grade dans un ordre honorifique [...].
2. **ORANGER** [...] *v. tr.* [...] (1846; de *orange*). *Rare.* Teindre d'une couleur orange [...].
- PANTHÉON** [...] *n. m.* (1491; lat. *Pantheon*, gr. *Pantheon* [...]). ♦**1°** *Antiqu.* Temple consacré à tous les dieux [...] ♦**2°** Monument consacré à tous les dieux. [...].
- PARCAGE** [...] *n. m.* (*Parquage* «enceinte», fin XIV^e; de *parquer*). ♦**1°** Agric. *Parcage des moutons*, fertilisation du sol par les déjections [...] ♦**2°** *Rare* (Néol.). *Parcage d'une voiture* [...].
- PASSÉISME** [...] *n. m.* (mil. XX^e; de *passé*). Didact. *Péj.* Goût exclusif du passé.
- PASSÉISTE** [...] *adj.* et *n.* (1923; de *passé*). Didact. Qui a le goût exclusif [...].
- QUESTION** [...] *n. f.* (mil. XII^e; lat. *quaestio*). ♦**1°** Demande qu'on adresse [...] *Faire* (vieilli), *poser** une question à qqn. [...].
- QUITTANCER** [...] *n. f.* (1396; de *quittance*). *Dr., Compt.* Donner quittance [...].

RACCOMMODEUR [...] *n.* (1612; de *raccommoder*). Réparateur. *Vx*, sauf *Raccommodeur de faïences et de porcelaines*. ◇ *Mod.* Ouvrier, ouvrière qui raccommode (du linge, des vêtements) [...].

1. **RATON** [...] *n. m.* (1277; de *rat*) ◆**1°** Jeune rat. ◆**2°** (1753) Mammifère carnivore d'Amérique [...] ◆**3°** (1937) *Fam.* et *péj.* (injure raciste). Nord-Africain. [...].

RÉALISER [...] **I.** [...] ◆**5o** (1895; angl. *to realize*) *Emploi critiqué.* Se rendre compte avec précision, exactitude [...].

REG [...] *n. m.* (1933; mot arabe). *Géogr.* Forme particulière de désert rocheux.

RESTAURANT [...] *n. m.* ([...] de *restaurer* [...]). Établissement où l'on sert des repas [...] **V.** **Gargote** (*péj.*) [...].

SACRAMENTAIRE [...] *n.* et *adj.* (1535; [...] lat. ecclés. *sacramentarius* [...]). *Relig.* ◆**1°** *Hist.* Nom donné aux hérétiques [...] ◆**2°** (1660) Relatif aux sacrements [...].

SAXOPHONISTE [...] *n.* (1953; de *saxophone*) Joueur de saxophone (abrév. fam. **SAXO** [...]). [...].

SEPTANTE [...] *adj. num. invar.* ([...] lat. pop. *septanta* [...]). *Vx* ou *dial.* (Belgique, Suisse, Est de la France, Acadie). Soixante-dix. ◇ *Relig.* *Les Septante* [...].

SOLUTIONNER [...] *v. tr.* (1894; de *solution*). Résoudre (Mot critiqué).

SONAL [...] *n. m.* (1982; de 2. *son*). *Recomm. offic.* pour *jingle*. *Des sonals*.

TABAGIQUE [...] *adj.* (1877; de *tabagie*). ◆**1°** *Vx.* Relatif à la tabagie. ◆**2°** *Mod.* (*Méd.*). Relatif au tabagisme [...].

TANKER [...] *n. m.* (1945; mot angl. de *tank* [...]). *Anglicisme.* Bateau-citerne transportant des produits pétroliers. *Recomm. offic.* **V.** **Navire-citerne, pétrolier** [...].

2. **TERGAL** [...] *n. m.* (1958; d'apr. le nom de l'acide *téréphtalique*). *Nom déposé.* Étoffe synthétique [...].

TRANSCANADIEN [...] *adj.* et *n. f.* (déb. XX^e; mot canadien, de *trans-*, et *Canada*). Qui traverse le Canada d'un océan à l'autre [...].

US [...] *n. m. pl.* (XII^e; «habitude» [...]). *Vx.* Usage. ◇ *Mod.* et *didact.* *Loc.* (1170). *Les us et coutumes*: les habitudes [...].

VAISSEAU [...] *n. m.* (*Vaisselle*, mil. XII^e; [...]). **I.** *Vx.* ◆**1°** Recipient pour les liquides [...] ◆**2°** (1314). Canal par lequel circule le sang [...]. **II.** (fin XII^e). ◆**1°** *Vieilli* (sauf dans certaines loc.). Navir d'une certaine importance [...] ◆**2°** (v. 1680). Espace allongé [...].

- VAUDOU** [...] *n. m.* ([...] 1838; dahoméenne *vodu*). Culte animiste chez les Noirs des Antilles et d'Haïti [...].
- VENTILATION** [...] *n. f.* (1531; lat. *ventilatio* [...]). **I.** (*Rare* av. 1819). ♦**1°** Opération par laquelle l'air est brassé [...] ♦**2° Techn. et didact.** Production d'un courant d'air [...]. **II.** Fig. (1574). *Dr.* Le fait de ventiler (II) [...] ♦ *Fin., Compt.* Répartition entre divers comptes [...].
- WASSINGUE** [...] *n. f.* (1908; mot flam. d'o. germ. [...]). *Région.* (Nord). Toile à laver [...].
- YOHIMBEHE** [...] *n. m.* (1908; mot bantou). *Bot. ou région.* (Afrique). Arbre du Cameroun [...].
- YPRÉAU** [...] *n. m.* ([...] du nom de la ville belge d'*Ypres*). *Région.* Orme à larges feuilles [...].
- ZWANZE** [...] *n. f. ou m.* (1915; mot du dialecte bruxellois). Plaisanterie populaire, histoire humoristique, à Bruxelles. - Forme comique, d'humour, propres à ces histoires.

9 LISTA DOS VERBETES ALEMÃES

Aas, das; -es, -e u. Äser [mhd., ahd. as, eigtl. = Futter, (lock)speise]: **1.** ⟨Pl. Aase⟩ [*verwesend*] *tierleiche, Kadaver*. **2.** ⟨Pl. Äser⟩ (ugs. abwertend) *durchtriebener, gemeiner, niederträchtiger Mensch; widerspänstiges, faules [Haus]tier* (oft als Schimpfwort): sie ist ein freches, raffiniertes, faules A.; [...].

Abart, die; -, -en: **a)** (bes. Biol.) *ähnliche, sich nur durch wenige Merkmale unterscheidende Art; Spielart; Varietät*: das Tannhörnchen ist eine A. des Eichhörnchens; **b)** (Philat.) *von der normalen Ausführung unbedeutend abweichende Briefmarke*.

abhaben ⟨unr. V.; hat⟩ (ugs.): **1.** *(einen Teil von etw.) erhalten* ⟨gew. im Inf.⟩: willst du was a.?; ***einen a.** (salopp; 1. *betrunken sein*. 2. *nicht recht gescheit sein*). **2.** *abgenommen haben* [...] **3.** *(Festheftendes) gelöst, entfernt haben* [...].

Adjunkt, der; -en, -en [lat. adiunctum, 2. Part. von adiungere = bei-, zuordnen]: **a)** (veraltet) *Amtsgehilfe*; **b)** (österr., schweiz.) *Titel unterer Beamter*.

Ausläufer, der; -s, -: **1.** *etw., worin etw. ausläuft (7), endet*: die A. des Schwarzwaldes; (Met.:) die A. einer Randstörung [...] **2.** (Bot.) *Seitenspross, -trieb*. **3.** (österr., schweiz.) *Bote*: einen A. suchen.

Banause, der; -n, -n [griech. bánausos = Handwerker] (abwertend): *Mensch mit unzulänglichen, flachen, spiessigen Ansichten* [...]; **Banausentum**, das; -s (abwertend): *Art, Weise, typisches Verhalten eines Banausen*.

Bann, der; -[e]s [mhd., ahd. ban, zu ↑bannen]: **1.** *(im MA.) Ausschluss od. Ausweisung aus einer* [...] **2.** (geh.) *beherrschender Einfluss* [...] **3.** (ns.) *Gliederungsbereich innerhalb der Hitlerjugend*.

bemakeln, ⟨unr. V.; hat⟩(selten): **a)** *mit einem Makel beflecken* [...] **b)** *als mit einem Makel behaftet ansehen* [...].

bischen ⟨sw. V.; hat⟩ [eigtl. = bsch machen] (landsch.): *(ein Baby) beruhigend in den Armen wiegen*.

Bühl, der; -[e]s, -e, Bühel, der; -s - [mhd. bühel, ahd. buhil] (südd., schweiz. mundartl., österr.): *Hügel*.

Charge [...], die; -n [frz. charge, eigtl. = Last, zu: charger, ↑chargieren]: **1.** *Amt, Rang* [...] **2.** (Milit.) **a)** *Dienstgrad* [...] **b)** *Person mit einem Dienstgrad* [...] **3.** *Chargieren*. **4.** (Theater) *Nebenrolle* [...] **5.** (Technik) *Ladung, Beschickung* [...] **6.** (pharm.) *Serie von Arzneimitteln* [...].

Clipper ®, der; -s - [amerik. Clipper, nach engl. clipper, ↑Klipper] (veraltet): *auf Überseestrecken eingesetztes amerikanisches Langstreckenflugzeug*.

DEFA, die; -[Kurzwort für **Deutsche Film-Aktiengesellschaft**]: volkseigene Filmgesellschaft der DDR.

Defätismus, (schweiz.:) Defaitismus, der; -[frz. défaitisme, zu: défaite = Niederlage, zu: défaire = vernichten, zerstören] (bildungsspr. abwertend): *durch die Überzeugung, keine Aussicht auf Sieg, Erfolg zu haben u. durch eine daraus resultierende starke Neigung zum Aufgeben gekennzeichnete Haltung [...]*.

delogieren <sw. V.; hat> [frz. déloger, zu: loger, ↑logieren] (bes. österr.): *zum Ausziehen aus einer Wohnung veranlassen od. zwingen [...]*.

desarmieren <sw. V.; hat> [frz. désarmer, zu: armer, ↑armieren]: **1.** (milit. veraltet) *entwaffnen*. **2.** (Fechten) *dem Gegner die Klinge aus der Hand schlagen*.

Dispersion, die; -, -en [lat. dispersio = Zerstreuung]: **1.** (Physik, Chemie) *feinste Verteilung [...]* **2.** (Physik) **a)** Abhängigkeit der [...] **b)** Zerlegung von weissem Licht[...].

Ende, das; -s, -n [mhd. ende, ahd. enti = äusserster räumlicher od. zeitlicher Punkt]: **1.a)** [...] **b)** [...]; seinem Leben ein E. machen/setzen (geh.; *Selbstmord begehen*); [...].

Enterbeil, das (früher): *Kampfwaffe, die auf einem geenterten Schiff [...] gebraucht wurde*.

erkiesen <st. V.; hat; meist in den Formen des Präteritums u. des 2. Partizips geb.> [mhd. erkiesen, ahd. arkiosan] (geh.): *erwählen [...]*.

eurige, der, die, das; -n, -n <Possessivpron.; immer mit Art.> (geh., veraltend): der, die das eure, ↑euer (2).

Feeling [...] das; -s, -s [engl. feel(ing), zu: to feel = fühlen] (bildungsspr.): *künstlerisches, psychologisches Verständnis durch Einfühlung [...]*.

Flammenwerfer, der: **1.** (Milit.) *Nahkampfgerät [...]* **2.** (ugs. scherzh.) *Feuerzeug, das mit grosser Flamme brennt*.

Flitscherl, das; -s, -n [Vkl. von mundartl. Flitsch(en) = Mädchen, eigtl. Flügel, viell. aus ↑F(l)ittich] (österr. ugs.): Flittchen; **Flittchen**, das; -s, - [wohl zu ↑Flitter, flittern] (ugs. abwertend): *leichtlebige [junge] Frau [...]*.

Folterbank, die <Pl. ...bänke>: *(im MA.) Gestell, auf das jmd. zur Folterung [...] gelegt wurde [...]*.

Futterhaus, das: **1.** (DDR Landw.) *Gebäude, in dem Futtermittel gelagert und zum füttern zubereitet werden*. **2.** *Futterhäuschen*.

Gatt, Gat, das; -[e]s, -en u. -s [mniederd. gat. = Loch, Öffnung] (Seemannsspr.): **1.a)** *Loch, Öse im Segel (für Tau od. Leine)*; **b)** kurz für ↑Speigatt. **2.** kurz für ↑Hellegatt.

Geher, der; -s, -: **a)** (Leichtathletik) *Teilnehmer an Wettbewerben im Gehen (2)*; **b)** *im Gehen am Berg erfahrener Bergsteiger.*

Gemeindeversammlung, die: **a)** *(in kleineren Gemeinden, bes. in der Schweiz) Versammlung aller Stimmberechtigten zur Beschlussfassung über wichtige Angelegenheiten der Gemeinde*; **b)** *[einmal jährlich abzuhaltende] Versammlung aller Mitglieder einer Kirchengemeinde.*

Gustin ®, das; -s [Kunstwort]: *Maisstärke.*

Hag, der; -[e]s, -e schweiz.: Häge [mhd. hac, ahd. hag = Einhegung] (dichter. veraltend, noch schweiz.) **a)** *Hecke [...]* **b)** *[umfriedeter] Wald [...].*

Happening [...], das; -s, -s [engl. happening, eigtl. = Ereignis]: *[öffentliche] Veranstaltung von Künstlern, die [...].*

Herz, das; -ens Med. gelegtl. stark gebeugt : des Herzes, dem Herz), -en [mhd. herz(e), ahd.. herza]: **1.a)** *Organ [...]*; das H. wollte ihm zerspringen vor Freude (geh.; *er war freudig erregt*); ihm stockte das H. vor Schreck (geh.; *er erschrak heftig*); [...].

hundswütig <Adj.> (veraltet): *tollwütig.*

Hüttenkombinat, das(DDR): *Kombinat, das verschiedene Betriebe der Hüttenindustrie zusammenfasst.*

Immanuel, der; -s <meist o. Art.> [hebr. = Gott (ist) mit uns] (jüd. u. christl. Rel.): *Gottesknecht (2).*

inan <Adj.> [lat. inanis] (atomistische Philos.): *nichtig, leer, hohl, eitel.*

Inbetriebnahme, die; -, -n (Papierdt.): **a)** *erstmalige Nutzung [...]*; **b)** *erstmalige In-Funktion-Setzen einer Maschine [...].*

Jahrgedächtnis, das, (kath. Kirche): *jährlichwiederkehrende Gedächtnisfeier für einen Toten [...].*

Joint [...]. der; -s, -s[engl. joint]: **a)** *selbstgedrehte Zigarette, deren Tabak Haschisch od. Marihuana beigemischt ist [...]* **b)** (salopp, bes. Jugendspr.) *Zigarette.*

Kacker, der; -s, - (derbes Schimpfwort): *Mann, mit dem man nichts zu tun haben will [...].*

Kaleika, das; -s [poln. kolejka = Reihenfolge] (landsch.): *[unnötige] Umstände, Aufheben [...].*

Kennkarte, die; (früher): *Personalausweis.*

Kiwi [...] *(auf Neuseeland beheimateter) flugunfähiger Laufvogel.*

Kontumaz, die; - [lat. contumacia = Widerspenstigkeit]: **1.** (Rechtsspr. veraltet) *das Nichterscheinen [...] vor Gericht.* **2.** (österr. Amtsspr.) *Quarantäne.*

Lage, die; -n [mhd. lage = (lauerndes) Liegen [...] ahd. laga = Hinterhalt, Nachstellung, zu ↑liegen]: **1.a)** *Stelle, wo etw. [...] liegt/gelegen ist [...];* (Met.:) in höheren -n ist mit Frost zu rechnen; die L. (Med.; *Position*) eines Organs; eine bestimmte L. (Flugw.; *Flughöhe*) beibehalten [...] **b)** (Winzerspr.) [...].

²**Lei**, die; -, -en [mhd. lei(e), H. u.] (rhein.): **1.** *Schiefer.* **2.** *Fels.*

Leisetreter, der; (Schimpfwort): *jmd., der es vermeidet aufzufallen [...].*

Luginsland, der; -[e]s, -e [zu ↑lugen] (veraltend): **1.** *Wachturm.* **2.** *Aussichtsturm.*

LVA = Landesversicherungsanstalt.

Maizena ®, das; -s [Kunstwort]: *zum Kochen u. Backen verwendeter Maisstärkepuder.*

Marend, das; -s, -i [rätoroman. marena < ital. merenda, < spätlat. merenda, ↑Märte] (schweiz. mundartl.): *Marende;* **Marende**, die; -, -n (tirol.) *Zwischenmahlzeit, Vesper.*

metzen <sw. V.; hat> [(spät)mhd. metz(i)gen] (landsch., bes. schweiz.): *schlachten.*

morgenländisch <Adj.> (veraltet, noch dichter.): *orientalisch.*

navigatorisch <Adj.> (Seew., Flugw.): *die Navigation betreffend, mit ihr zusammenhängend.*

neumodisch <Adj.> (oft abwertend): *einer neuen Mode entsprechend [...].*

Noema, das; -s, Noemata [griech. nóema = Gedanken, Sinn] (Philos.): **1.** *Gegenstand des Denkens; Gedanken.* **2.** (in der Phänomenologie) *Inhalt eines Gednkensim Unterschied zum Denkvorgang.*

Odem, der; -s [Nebenf. von ↑Atem] (dichter.): *Atem.*

offenherzig <Adj.>: [...] sie trug ein sehr -es (scherzh., *tief ausgeschnittenes*) Kleid.

Ostblockstaat, der <meist Pl.> (bes. Bundesrepublik Deutschland): *dem Ostblock angehörender Staat.*

Ostzone, die: **a)** (veraltet): *(nach dem zweiten Weltkrieg durch die Aufteilung Deutschlands in Zonen entstandene) sowjetische Besatzungszone;* **b)** (Bundesrepublik Deutschland, oft abwertend): *DDR.*

¹**paschen** <sw. V.; hat> [Gauinerspr., viell. aus der Zigeunerspr.] (ugs.): *schmuggeln.*

Peluschke, die; -n [aus dem Slaw.] (landsch. veraltend): *als Futterpflanze angebaute Erbse [...].*

- Pfarrfrau**, die: *die Ehefrau des evangelischen Pfarrers.*
- Pfarrgemeinderat** (kath. Kirche): *aus gewählten Mitgliedern bestehendes Gremium [...].*
- Pistensau**, die (Jargon abwertend): *Skifahrer, der schnell u. rücksichtslos fährt.*
- Ragione** [...], die; -, -n [älter ital. ragione = Firma, eigtl. = Rechts(anspruch); Vernunft, lat. ratio, ↑Ratio] (schweiz.): *Firma, die im Handelsregister eingetragen ist.*
- Rebbau**, der ⟨o. Pl.⟩ (schweiz.): *Weinbau.*
- Reich** [...]; das tausendjährige R. (ns., noch iron.; *das Dritte Reich*); [...].
- Sauwut**, die; (emotional): *grosse Wut [...].*
- Scheissdreck**, der (salpopp abwertend): **1.** *Kot* (1). **2.** (emotional verstärkend) *Dreck* (2, 3).
- Schlunze**, die; -n [zu ↑schlunzen] (abwertend): **1.** (md., nordd.) *Schlampe*(1). **2.** (landsch.) *dünne Suppe, dünner Kaffee.*
- Siebmacher**, der; *jmd., der berufsmässig Siebe* (1) *herstellt* (Berufsbez.).
- ²**Tailleur** [...], der; -s, -s [frz. tailleur] (veraltet): *Maßschneider.*
- Taufe**, die; -, -n [mhd. toufe, ahd. toufi(n)]: **1.a)** ⟨o. Pl.⟩ (christl. Rel.) *Sakrament* [...]
b) (christl. Rel.) *Ritual* [...] **2.** *feierliche Namensgebung* [...].
- Timbre** [...], das; -s, -s [frz. timbre = Klang, Schall [...]] (bes. Musik): *charakteristische Klangfarbe eines Instruments* [...].
- Tschusch**, der; -en, -en [H. u. wahrsch. aus dem Slaw.] (österr. ugs. abwertend): *Ausländer* [...].
- Unfriede**, der; -ns, (seltener:) **Unfrieden**, der; -s: *Zustand* [...].
- Unmenge**, die (emotional): *übergrosse, sehr grosse Menge* [...].
- vergilben** ⟨sw. V.⟩ [mhd. vergilwen = gelb machen]: **1.** *mit der Zeit seine ursprüngliche Farbe verlieren* [...] **2.** (selten) *gelb machen* [...].
- Waisenkind**, das (fam. veraltend): *elternloses Kind* [...].
- Waisenknabe**, der (geh. veraltend): männliche Waise.
- widernatürlich** ⟨Adj.⟩ (abwertend): *nicht den biologischen Anlagen entsprechend* [...].
- ZGB** = Zivilgesetz buch (in der Schweiz).

10 BIBLIOGRAFIA

10. 1 Dicionários

- BOULANGER, Jean-Claude (Org.) (1992). *Dictionnaire québécois d'aujourd'hui*. Montréal, DicoRobert.
- CRYSTAL, David (1988). *Dicionário de lingüística e fonética*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- DROSDOWSKI, Günther (Org.) (1983). *Duden Deutsches Universalwörterbuch*. Mannheim; Wien; Zürich, Bibliographisches Institut.
- DUBOIS, Jean (org.) (1973). *Dictionnaire de linguistique*. Paris, Larousse.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (1986). *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2^a ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- ROBERT, Paul (1991). *Le Petit Robert I*. Paris, Dictionnaires Le Robert.

10. 2 Obras de referência

- ANÓNIMO (1983). “*Anlage und Artikelaufbau*”. In DROSDOWSKI, Günther. *Duden Deutsches Universalwörterbuch*. Mannheim; Wien; Zürich, Bibliographisches Institut.
- AUGER, Pierre (1989). “*Pour une définition des marques d’usage*”. In *Actes du colloque sur l’aménagement de la langue au Québec*, Conseil de la langue française, Québec.
- BÉDARD, Édith & MAURIS, Jacques (orgs) (1983). *La norme linguistique*. Québec, Direction générale des publications gouvernementales du ministère des Communications.
- BOULANGER, Jean-Claude (1995). *Lexicographie générale, Notes de cours*. Brasília/Québec, Société Dictionel inc.
- CABRÉ, Teresa (1996). “*Lexicología y variación: hacia un modelo integrado*”. In *V Simposio de Terminología Iberoamericana*, México, nov. 1996.
- CABRÉ, Teresa (1994). “*Autour de la norme lexicale*” in *Langues et sociétés*. MARTEL, Pierre & MAURIS, Jacques (orgs) Tübingen, Niemeyer.
- CALVET, Louis-Jean (1974). *Linguistique et colonialisme, petit traité de glotophagie*. Paris, Payot.

- CASARES, Julio (1969). *Introducción a la lexicografía*. Madrid, Gredos.
- COSERIU, Eugenio (1973). *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid, Gredos.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley (1985). *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- FAULSTICH, Enilde (1996). “*Variações terminológicas: princípios lingüísticos de análise e método de recolha*.” In *Séminaire Realiter*. ZINGLÉ, Henri (org.) Nice.
- _____ (1997). *Da lingüística histórica à terminologia*. Brasília, CENTRO LEXTERM Universidade de Brasília.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (1986). “*Prefácio*”. In FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (1986). *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2^a ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- FOURQUET, Jean (1968). “*Langue - dialecte - patois*” in *Le Langage*. MARTINET, André (org.). Paris, Gallimard.
- GADET, Françoise (org.) (1992). “*Hétérogénéité et variation: Labov, un bilan*” *Langages* n° 108. Paris, Larousse.
- HAENSCH, Günther & WOLF, Lothar & ETTINGER, Stefan & WERNER, Reinhold (1982). *La lexicografía, de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid, Gredos.
- KLEIN, Wolfgang (1974). *Variation in der Sprache: Ein Verfahren zu ihrer Beschreibung*. Kronberg, Scriptor Verlag.
- LABOV, William (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- LARA, Luis Fernando (1983). “*Activité normative, anglicisme et mots indigènes dans le ‘Diccionario del español de Mexico’*” In *La norme linguistique* BÉDARD, Édith & MAURIS, Jacques.
- LYONS, John (1987). “*Linguagem e Sociedade*” in *Lingua(gem) e Lingüística*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan. [Título do original: *Language and Linguistics*.]
- MATORÉ, Georges (1968). *Histoire des dictionnaires français*. Paris, Larousse.
- MAURIS, Jacques (org.) (1987). *Politique et aménagement linguistiques*. Québec, Gouvernement du Québec - Les Publications du Québec.

- MAURO, Tullio De (1963). *Storia linguistica dell'Italia unita*. [segunda edição, revista e ampliada, na coleção “Biblioteca Universale Laterza”. Roma-Bari, Editori Laterza.]
- POIRIER, Claude (org.) (1985). *Trésor de la langue française au Québec. Dictionnaire du français québécois. Volume de présentation*. Sainte-Foy, les Presses de l'Université Laval.
- REY, Alain (1991) “Présentation du dictionnaire” in *Le Petit Robert 1* ROBERT, Paul, Paris.
- REY, Alain (1983). “Norme et dictionnaires”. In *La norme linguistique* BÉDARD, Édith & MAURIS, Jacques.
- ROUSSEAU, Louis-Jean (org.) (1994). *Les marques lexicographiques*. Québec, Office de la langue française.
- ROUSSEAU, Louis-Jean (1996). “Les marques terminographiques: une approche aménagiste.” In *Séminaire Realiter*. ZINGLÉ, Henri (org.) Nice.
- SAUSSURE, Ferdinand de (1982). *Cours de linguistique général*. Paris, Payot.
- SCHLÄPFER, Robert (org.) (1985). *La Suisse aux quatre langues*. Genève, Éditions Zoé. [Adaptação e tradução francesa do alemão *Die viersprachige Schweiz*.]
- STREHLER, René G. (1997). “Observations sur le Dictionnaire québécois d'aujourd'hui” *International Journal of Lexicography* Vol. 10, n° 1. Oxford, Oxford University Press.
- VACHON-L'HEUREUX, Pierrette (1995). “Compte rendu: Table ronde sur les marques lexicographiques” *Terminogramme* n° 75, pp. 1-6. Québec, Gouvernement du Québec - Les Publications du Québec.
- WYLER, Alfred (1984). *Dialekt und Hochsprache in der deutschsprachigen Schweiz*. Zurich, Pro Helvetia. [Traduction française: *Le dialecte et l'allemand en Suisse alémanique*. Lausanne, Payot / Pro Helvetia.